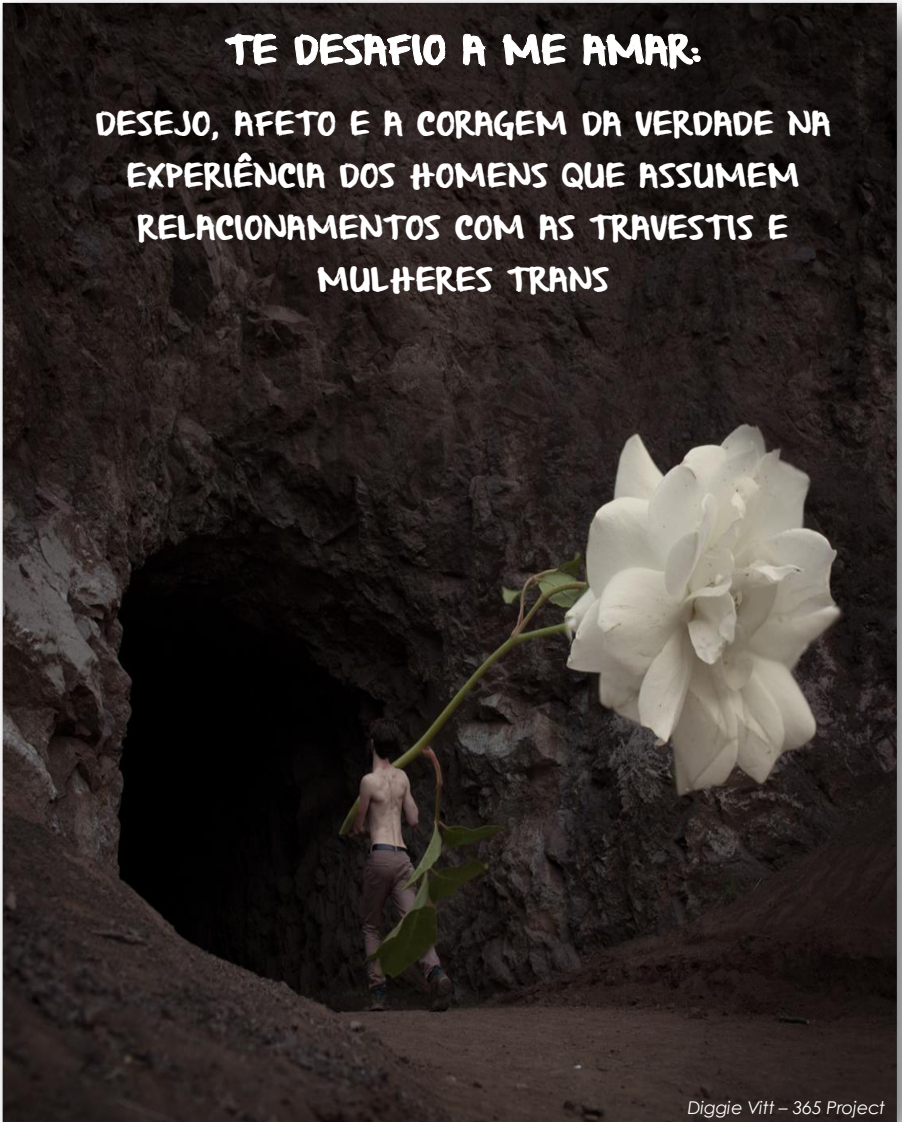


**TE DESAFIO A ME AMAR:**

**DESEJO, AFETO E A CORAGEM DA VERDADE NA  
EXPERIÊNCIA DOS HOMENS QUE ASSUMEM  
RELACIONAMENTOS COM AS TRAVESTIS E  
MULHERES TRANS**





Marília dos Santos Amaral

**TE DESAFIO A ME AMAR:  
DESEJO, AFETO E A CORAGEM DA VERDADE NA EXPERIÊNCIA DOS  
HOMENS QUE ASSUMEM RELACIONAMENTOS COM AS TRAVESTIS E  
MULHERES TRANS**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Juracy Filgueiras Toneli

**MARGENS**  
Modos de vida, família e relações de gênero

FLORIANÓPOLIS  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Amaral, Marília dos Santos

Te Desafio a Me Amar: : desejo, afeto e a  
coragem da verdade na experiência dos homens que  
assumem relacionamentos com as travestis e mulheres  
trans / Marília dos Santos Amaral ; orientadora,  
Maria Juracy Filgueiras Toneli - SC, 2017.  
189 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

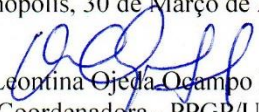
1. Psicologia. 2. Maridos. 3. Travestis e  
Mulheres trans. 4. Desejo e Afeto. 5. Coragem da  
Verdade. I. Toneli, Maria Juracy Filgueiras . II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

*Marília dos Santos Amaral*

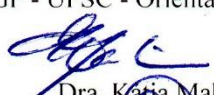
***Te Desafio a Me Amar: desejo, afeto e a coragem da verdade na  
experiência dos homens que assumem relacionamentos com travestis e  
mulheres trans***

Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

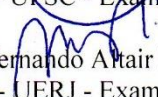
Florianópolis, 30 de Março de 2017.

  
Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
(Coordenadora - PPGP/UFSC)

  
Dra. Maria Juracy Filgueiras Toneli  
(PPGP - UFSC - Orientadora)

  
Dra. Kátia Maheirie  
(PPGP - UFSC - Examinadora)

  
Dr. Rodrigo Otávio Moretti Pires  
(PPGSC - UFSC - Examinador)

  
Dr. Fernando Altair Pocahy  
(ProPEd - UERJ - Examinador)

  
Dra. Flávia do Bonsucesso Teixeira  
(PPGpsi - UFU - Examinadora)

Dra. Mériti de Souza  
(PPGP - UFSC - Suplente)

Dr. Adriano Beiras  
(PPGP - UFSC - Suplente)



Para T3rson, companheiro de vida, de  
lutas e de sonhos.





## AGRADECIMENTOS

Se não fosse a força, a grandeza e a resistência de mulheres como minhas avós Eva e Judith, que me amaram e me cuidaram... Não seria eu.

Se não fosse a inesgotável confiança, torcida e amor de meus pais Regina e Walmir... Não seria eu.

Se não fosse a saudade que sinto das pessoas que perdi no tempo desta tese, meu amigo e companheiro avô Floriano e minha cúmplice, amiga e madrinha Tia Miriam... Não seria eu.

Se não fosse a parceria de vida, a leveza da amizade e todos os sonhos, medos e inseguranças que partilho com Daniel Kerry... Não seria eu.

Se não fosse a admiração, o afeto, a confiança e a parceria de trabalho construída ao longo desses anos com minha orientadora e amiga para vida, Juracy Toneli... Não seria eu.

Se não fossem meus sete anos de Núcleo Margens, com toda sua pluralidade e diversidade marginal e por onde encontrei Éris, Gabriela, Lisandra, Mari Vavassori, Cinthia, Emerson, Adriano, Renata, Xu, Marcelo, Ematuir, Gustavo, Mônica, Geni, Brune, Claudia e tantas outras que por ali passaram e seguem passando, deixando um pouquinho de si e levando outros tantos... Não seria eu.

Se não fosse o aprendizado e a vivência intensa com mulheres fortes e especiais como Lirous e Fabrízia e com todas as pessoas que constituem a ADEH como espaço de resistência e multiplicidade de afetos... Não seria eu.

Se não fosse o carinho e a amizade linda que cultivo com Kelly LeBrock e Bruna Andrade, amigas travestis amapôs que inspiram esta escrita... Não seria eu.

Se não fosse a prazerosa e motivadora companhia de Jozi Elen no processo de elaboração e correção cuidadosa deste trabalho, com seus olhos livres que sentem o colorido das palavras escritas... Não seria eu.

Se não fosse o coração aberto de Liliana Rodrigues, que me recebeu em Portugal e compartilhou comigo suas lutas, seu trabalho e seus amores... Não seria eu.

Se não fosse o carinho e as trocas feministas, teóricas e metodológicas com Conceição Nogueira, suas orientandas(os) e seu grupo de pesquisa na Universidade do Porto, durante meu período de doutorado sanduíche... Não seria eu.

Se não fosse a admiração, o enorme carinho e o privilégio de ter Fernando Pocahy e Flavia Teixeira como acompanhantes no processo de composição desta pesquisa... Não seria eu.

Se não fosse o afeto e o prazer de compartilhar a experiência desta escrita com professores como Katia Maheirie e Rodrigo Moretti... Não seria eu.

Se não fosse o aprendizado, a alegria dos encontros, as alianças e compromissos ético-políticos, bem como a honra de compor com colegas como Emerson Rasesa, Maristela Pereira, Marco Antonio Torres, Marcos Mesquita, Flavia Lemos e Dolores Galindo a direção nacional da ABRAPSO... Não seria eu.

Se não fosse o carinho com que fui recebida como professora pelas(os) colegas, funcionárias(os), alunas e alunos da Faculdade CESUSC... Não seria eu.

Se não fosse a amizade d'alma, sem limites oceânicos que cultivo com Alexandre Niederauer... Não seria eu.

Se não fosse o amor e o apoio, mesmo que distantes, de amigos como Fernando Salgado (que faz de nossos encontros uma festa), de Vinicius Ast (meu fiel leitor que torna tudo tão doce), Ludiana Rodrigues (minha alma lúdica, meu eu mais belo), Melissa Couto (que transborda minha trajetória de amor) e Luciano Benitez (que me torna cada vez melhor)... Não seria eu.

Se não fosse a coragem e a sabedoria de mulheres como Meca Gonçalves, Meire Mezzomo, Shana Wottrich, Daniella Yano e Cristina Iuskow que tornam meu caminho mais bonito e me tornam cada vez mais forte como mulher, amiga e pesquisadora... Não seria eu.

Se não fosse o incentivo, a amizade e o carinho de todas as minhas tias, tios, primas, primos e de minha sogra Selma... Não seria eu.

Se não fosse a alegria de viver e os sorrisos de meus queridos afilhados João e Maria... Não seria eu.

Se não fossem todos os incentivos, auxílios e bolsas concedidos pela Capes e pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, não seria possível este trabalho... E não seria eu.

Se não fosse a confiança de todas as travestis e mulheres trans que conheci nessa longa trajetória de pesquisas e militância e, principalmente, se não fosse a confiança de seus maridos, namorados e companheiros que compartilharam comigo suas histórias e a experiência corajosa do dizer... Não seria eu.

Enfim, se não fossem todos esses encontros, desencontros, afetos e todas as pessoas e lutas que me compõem e me transformam, certamente esta escrita seria outra... E eu não seria assim. Obrigada!



O que será que me dá  
Que me bole por dentro, será que me dá  
Que brota à flor da pele, será que me dá  
E que me sobe às faces e me faz corar  
E que me salta aos olhos a me atraíçoar  
E que me aperta o peito e me faz confessar  
O que não tem mais jeito de dissimular  
E que nem é direito ninguém recusar  
E que me faz mendigo, me faz suplicar  
O que não tem medida, nem nunca terá  
O que não tem remédio, nem nunca terá  
O que não tem receita

O que será que será  
Que dá dentro da gente e que não devia  
Que desacata a gente, que é revelia  
Que é feito uma aguardente que não sacia  
Que é feito estar doente de uma folia  
Que nem dez mandamentos vão conciliar  
Nem todos os unguentos vão aliviar  
Nem todos os quebrantos, toda alquimia  
Que nem todos os santos, será que será  
O que não tem descanso, nem nunca terá  
O que não tem cansaço, nem nunca terá  
O que não tem limite

O que será que me dá  
Que me queima por dentro, será que me dá  
Que me perturba o sono, será que me dá  
Que todos os tremores me vêm agitar  
Que todos os ardores me vêm atiçar  
Que todos os suores me vêm encharcar  
Que todos os meus nervos estão a rogar  
Que todos os meus órgãos estão a clamar  
E uma aflição medonha me faz implorar  
O que não tem vergonha, nem nunca terá  
O que não tem governo, nem nunca terá  
O que não tem juízo

O Que Será – À Flor da Pele  
Chico Buarque



## RESUMO

Esta pesquisa de doutorado em Psicologia tem como tese a coragem da verdade dos homens que assumem relacionamentos conjugais com as travestis e mulheres trans. É um estudo que, ao acompanhar nessas experiências conjugais os fluxos do desejo e a circulação dos afetos, discute o modo como os maridos, companheiros e namorados ousam viver e enunciar o escândalo da verdade. Por meio de entrevistas em profundidade com sete homens cisgêneros e transexuais em relacionamentos amorosos com travestis ou mulheres trans, são cartografados os movimentos de formação de enunciados e de territórios existenciais que compõem três planos de análise nesta tese-mapa, são eles: desejo, afeto e coragem. No primeiro plano, acompanham-se os movimentos do desejo nos quais, apoiada na proposta de Deleuze e Guattari de *fluxos do desejo*, são analisados os enunciados de dúvida, angústia e desassossego, bem como os efeitos da patologização dos desejos e das sexualidades colocadas sob suspeita que constituem a produção de saber sobre si, experimentadas pelos maridos, a partir do desejo por suas companheiras. Em um segundo plano, guia-se pelos movimentos que apontam para a criação de uma *política de afetos* nos quais, seguindo os pressupostos de Espinosa, são analisados os enunciados que mobilizam os homens para que estes assumam suas relações amorosas a despeito do precário reconhecimento e invisibilidade de seus laços, tais como o discurso do amor romântico, a normas e resistências diante do familiarismo tóxico e as relações estabelecidas por alguns dos maridos com o trabalho sexual da esposa/namorada. O terceiro movimento trazido ao debate diz respeito ao plano da coragem em que, a partir do conceito foucaultiano de *coragem da verdade*, são analisados os enunciados do risco de assumir o desejo, da rigidez da masculinidade, da fragilidade do discurso viril e as tensões que envolvem produzirem-se como sujeitos, nos quais a verdade sobre si constitui-se como um modo de existência. Tais discussões localizam-se no campo da Psicologia Social Crítica e as problematizações são orientadas pelas perspectivas teórico-políticas do pós-estruturalismo, dos estudos feministas e da teoria queer. Assim, a cartografia das intensidades e movimentos que tramam esta tese-mapa tornam visíveis e, principalmente, dizíveis os enunciados que denunciam o esforço dos maridos em afirmar sua liberdade, por meio de um dizer verdadeiro sobre si. Os enunciados sinalizam que a coragem da verdade dos maridos, namorados e companheiros, ao assumirem suas conjugalidades dissidentes, exhibe uma estética da existência fabricada

potencializada pelos afetos, na medida em que essa é uma prática ética de produção de subjetividade, ao mesmo tempo, assujeitada e resistente. Portanto, são experiências nas quais esses homens (re)inventam um modo eminentemente político de se posicionarem como sujeitos a partir de seus desejos.

**Palavras-chave:** Maridos. Travestis. Mulheres trans. Desejo. Afeto. Coragem da Verdade.



## ABSTRACT

This doctoral thesis in Psychology is a research about the courage of the truth of the men who engage in marital relationships with transvestites and transgender women. It is a study that, in accompanying in these conjugal experiences the flows of desire and the circulation of affections, discusses how husbands, companions, and boyfriends they dare to live and enunciate the scandal of truth. Through deep interviews with seven cis sex and transgender men living love relationships with transvestites or transgender women, are mapped the movements of formation of statements and existential territories that make up three plans of analysis in this thesis-map, they are: desire, affection and courage. In first plan we follow the movements of desire in which, based on Deleuze and Guattari's proposal of *flows of desire*, are analyzed the expressions of doubt, anguish and restlessness, as well as the effects of the pathologization of desires and sexualities placed under suspicion that constitute the production of knowledge about themselves, experienced by the husbands, from the desire for their partner. In second plan, it is guided by the movements that point to the creation of an *affection policy* in which, following Espinosa's presuppositions, the statements that mobilize men are analyzed, as they assume their love relations despite the precarious recognition and invisibility of their affective bonds, such as the romantic love speech, the norms and resistances of toxic familialism, and the relationships established by some of the husbands about the wife's/girlfriend's sex work. The third movement brought to the debate refers to the courage in which, from the Foucauldian concept of *courage of the truth*, the expressions of the risk of assuming the desire, the rigidity of masculinity, the fragility of the virile discourse and the tensions that involve produce themselves as subjects, in which the truth about themselves constitutes a mode of existence. Such discussions are located in the field of Critical Social Psychology and the problematizations are guided by the theoretical-political perspectives of poststructuralism, feminist studies and queer theory. Therefore, the mapping of the intensities and movements that this thesis makes visible and, especially, verifiable, the statements that denounce the efforts of the husbands in affirming their freedom, by the meanings of a true saying about themselves. The statements indicate that the courage of the truth of husbands, boyfriends and companions, when assuming their dissident conjugalities, exhibits an aesthetic of the existence fabricated and potentialized by the affections, since this is an ethical practice of producing subjectivity, at the same time, subjected

and resistant. Therefore, they are experiences in which these men (re)invent an eminently political way of positioning themselves as subjects from their own desires.

**Keywords:** Husbands. Shemales. Women trans. Desire. Affection. Courage of Truth.

## RESUMEN

Esta tesis doctoral en Psicología es una investigación acerca del coraje de la verdad de los hombres quienes se involucran en relaciones matrimoniales con travestis y mujeres transexuales. Es un estudio donde, los flujos del deseo y circulación de afectión acompaña estas experiencias conyugales, discute como los maridos, compañeros y novios se atreven a vivir y decir la verdad escandalosa. A través de profundas entrevistas con siete cisgéneros y hombres transexuales que viven en relaciones de amor con travestis o mujeres transexuales, se trazan los movimientos de formación y territorios existenciales que conforman los tres planos de análisis en esta tesis: el deseo, el afecto y el coraje. En primer plano, seguimos los movimientos del deseo en los que, a partir de la propuesta de Deleuze y Guattari en los *flujos de deseo*, se analizan las expresiones de duda, angustia e inquietud, así como los efectos de patologización de deseos y sexualidades bajo sospecha que constituyen la producción de conocimiento sobre sí mismos, experimentados por los maridos, del deseo de su pareja. En segundo plano, la guía fue por los movimientos que apuntan a la *creación de afecto* en la que, siguiendo las suposiciones de Espinosa, se analizan las afirmaciones que movilizan a los hombres, al asumir sus relaciones amorosas a pesar del precario reconocimiento e invisibilidad de sus vínculos afectivos, tales como el discurso de amor romántico, las normas y resistencias del familialismo tóxico, y las relaciones establecidas por algunos de los maridos sobre el trabajo sexual de la esposa/novia. El tercer movimiento que se trae a debate, se refiere al valor en que, desde el concepto de coraje Foucaultiano de *coraje de la verdad*, las expresiones de riesgo de asumir el deseo, la rigidez de la masculinidad, la fragilidad del discurso viril y las tensiones que implican que se producen como sujetos, en los que la verdad sobre los temas constituye un modo de existir. Dichas discusiones están localizadas en el campo de Psicología Crítica Social y las problematizaciones se guían por las perspectivas teórico-políticas del postestructuralismo, los estudios feministas y la teoría queer. Por lo tanto, el mapeo de las intensidades y movimientos que esta tesis hace visibles, y verificables, las afirmaciones que denuncian los esfuerzos de los esposos en afirmar su libertad, por el verdadero significado dicho sobre sí mismos. Las afirmaciones indican que el coraje de la verdad de los esposos, novios y compañeros, al asumir sus conyugales disidentes, exhiben una estética de la existencia fabricada y potenciada por los afectos, ya que se trata de una práctica ética de producir subjetividad, al

mismo tiempo, sometida y resistente. Por lo tanto, son experiencias en las que estos hombres (re)inventan una forma eminentemente política de proporcionarse como sujetos de sus propios deseos.

**Keywords:** Esposos. Travestis. Mujeres travesti. Deseo. Afecto. Coraje de la Verdad.

## SUMÁRIO

<b>1 PISTAS, PEGADAS &amp; FRESTAS .....</b>	<b>23</b>
1.1 SOBRE OS ENCONTROS INICIAIS COM O TEMA .....	23
<b>2 PLANO DE COMPOSIÇÃO .....</b>	<b>38</b>
2.1 BAÚ DOS CONCEITOS ÚTEIS: EXPERIMENTANDO TEORIAS, COMBINANDO FERRAMENTAS .....	39
2.2 MEU MARIDO DÁ UMA TESE! MAPEANDO DISCURSOS NA FABRICAÇÃO DA CATEGORIA MARIDO .....	57
2.3 CORRENDO ATRÁS DO MARIDO DAS OUTRAS: DERIVAS AFETIVAS E A CARTOGRAFIA COMO TÁTICA .....	90
<b>3 PLANO DE MOVIMENTO I: FLUXOS DO DESEJO .....</b>	<b>103</b>
3.1 O QUE SERÁ QUE ME DÁ? ANGÚSTIAS, DÚVIDAS E DESASSOSSEGOS .....	103
3.2 O QUE DÁ DENTRO DA GENTE E NÃO DEVIA: DEPRAVAÇÃO, DESVIOS E A PATOLOGIZAÇÃO DOS DESEJOS .....	119
3.3 O QUE NÃO TEM VERGONHA, NEM NUNCA TERÁ: AS SEXUALIDADES (IN)SUSPEITAS .....	133
<b>4 PLANO DE MOVIMENTO II: POLÍTICA DOS AFETOS .....</b>	<b>143</b>
4.1 PRECISAMOS FALAR SOBRE O AMOR: DO AMOR ROMÂNTICO À INVISIBILIDADE DOS LAÇOS CONJUGAIS .....	143
4.2 SOBRE O DESAMOR E OS DESAGRADOS: FAMILIALISMO E TRABALHO SEXUAL .....	155
<b>5 PLANO DE MOVIMENTO III: CORAGEM DA VERDADE .....</b>	<b>164</b>
5.1 ASSUMIR A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE: MASCULINIDADES (AR)RISCADAS E VIRILIDADES DISSIDENTES .....	164
<b>6 P(R)ONTO (A)FINAL .....</b>	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>174</b>



## 1 PISTAS, PEGADAS & FRESTAS

---

### 1.1 SOBRE OS ENCONTROS INICIAIS COM O TEMA

*No hospital, ôxi, no hospital geral do estado, quando ela foi se internar, as pessoas quando viam nome de homem na identidade me perguntavam:*

– *Meu, o quê que **ela** é sua? O quê que **ele** é seu?*

– *Ela é minha esposa!*

– *Michaelson é sua esposa?*

– *Sim, Michaelson é minha esposa! – Ah!!! Ficavam assim... O pessoal entrava e saía, os enfermeiros ficaram logo curioso e quando chegavam ficavam olhando...*

– *É sua esposa?*

– *É minha esposa sim!!!*

*(Emanuel, ex-marido de Michelle – Documentário Bombadeira)*

Com a fala de Emanuel, apresento esta tese sobre a coragem da verdade dos homens que assumem relacionamentos conjugais com as travestis e mulheres trans. Trata-se de uma pesquisa que, ao acompanhar os fluxos do desejo e a circulação dos afetos, discute o modo como esses maridos, companheiros e namorados ousam viver e enunciar o escândalo da verdade (FOUCAULT, 2011[1984]<sup>2</sup>).

Por meio dos caminhos traçados pelo desejo, são analisados enunciados que posicionam os homens como sujeitos que tomam a verdade sobre si como um modo de vida. Ainda que para isso seja necessário vivenciar a invisibilidade de seus laços, suas sexualidades sob suspeita, a patologização de seus desejos e o precário reconhecimento que assalta os afetos e as relações consideradas dissidentes (RUBIN, 2003[1984]).

O interesse neste estudo não está em descobrir a verdade sobre o desejo. Tampouco pretende desvendar a natureza das relações conjugais

---

<sup>1</sup> No decorrer do texto é utilizado *itálico* para destacar falas e trechos transcritos literalmente, do mesmo modo também é usado para gírias e termos derivados do estudo de/com o campo.

<sup>2</sup> Nas citações é adotado como critério a data entre colchetes para indicar o ano em que a obra foi originalmente publicada, e entre parênteses para indicar a edição consultada.

das travestis e mulheres trans. Da mesma forma, não tem como propósito analisar o que desejam os maridos. Este estudo guia-se teoricamente pela ideia de que não há nada a ser revelado sobre o desejo. Ele acontece no encontro, produz-se e escoo independente de sujeito ou objeto (DELEUZE; GUATTARI, 2010[1972]).

Com essa perspectiva, a tese cartografa a circulação fluida e ilimitada do desejo, assim como suas rupturas, acoplamentos e conexões nos quais vão se formando junto novos enunciados. Ao entender que o desejo não é falta, mas sim a vontade incessante de produzir, a escrita desenha-se acompanhando seu processo, mapeando os planos de movimentação e o cruzamento de suas linhas. Através do mapa-tese são expostos os fluxos, laços e redes do desejo que constituem uma política dos afetos (ESPINOSA, 2016[1677]) na experiência de sujeitos que, como Emanuel, assumem seus desejos pela coragem da verdade.

Emanuel, autor do depoimento inicial, é ex-marido de uma travesti que foi vítima de tumor no pâncreas, devido às complicações do uso do silicone líquido e à negligência de um hospital público brasileiro. Em seu relato, ele narra as inúmeras vezes que precisou responder a mesma pergunta aos médicos e enfermeiros, quando liam no prontuário o nome masculino de sua esposa. Mais do que a incoerência entre o nome registrado no documento e as marcas de um corpo feminino, adoecido sobre a cama hospitalar, o que parecia perturbador aos profissionais que lhe interrogavam era a coragem daquele homem em assumir repetidamente sua relação amorosa e posição como cônjuge.

A fala de Emanuel me toca pela descrição dilacerante da dor de um marido que vê morrer sua esposa, também me comove por narrar a batalha diária vivida por travestis e mulheres trans diante das violências sofridas e a busca da beleza, sempre tão relatadas por elas, sendo contada no documentário a partir de outro olhar, pelo marido.

Trechos como esse que extraí do documentário Bombadeira<sup>3</sup> (2007, 62 min) fazem parte de histórias que têm o objetivo de problematizar questões sobre corpo, saúde, vida e morte ao mostrar a atividade das bombadeiras, pessoas que, clandestinamente, injetam silicone líquido no corpo das travestis e mulheres trans. Para a composição da narrativa, os maridos Emanuel e Jorge também são escutados, e ambos relatam como conheceram suas esposas, as dificuldades que enfrentaram junto delas, a revelação de suas relações aos familiares e aos amigos, bem como o amor por suas mulheres.

---

<sup>3</sup> Documentário Bombadeira (2007) de direção de Luis Carlos de Alencar. Disponível em: <<https://vimeo.com/6653323>>.



Foi uma das primeiras vezes que vi maridos em cena. Como é de costume eles não estarem no foco das narrativas, logo suas passagens são rápidas e pouco exploradas pelo documentário, da mesma forma que suas experiências têm aparecido em pesquisas acadêmicas. Ainda que muitos estudos realizados com as travestis e mulheres trans mencionem a existência e a importância dos maridos, neste terreno pouco visitado, cito Larissa Pelúcio (2005, 2006, 2007), Flavia Teixeira (2011), Magnor Müller (2011, 2012), Milene Soares (2012) e Eduardo Lomando (2013, 2014), como alguns dos poucos pesquisadores e pesquisadoras brasileiras(os) que abordaram os relacionamentos amorosos como tema central de seus trabalhos<sup>4</sup>.

Por ser um tema presente na produção científica, mas ainda pouco problematizado, escolhi introduzir esta tese com um relato sensível contado em primeira pessoa. Meu objetivo, mais do que apresentar o tema, é o de situar a leitora (o leitor) sobre que vidas e com quais sujeitos discuto nesta pesquisa. Também é uma forma de iniciá-la(o) a duas esferas importantes desta cartografia afetiva: ao campo do dizível, ou seja, dos enunciados escandalosos da verdade que não tem nada a revelar, pois fala com aquilo que diz (FOUCAULT, 2011[1984]). E ao campo do visível, com seus regimes de luz direcionados às vidas íntimas, privadas, mas não menos políticas dos homens que assumem seus laços de afeto com as travestis e mulheres trans (DELEUZE, 2013[1987]).

O campo dos encontros e tensões desta tese são as vidas e histórias que apenas despertam curiosidade quando, em algum momento, já adentramos o espaço doméstico das travestis e mulheres trans, quando as histórias contadas do lado de dentro dos seus lares nos convidam a imaginar: Quem as deseja? Como as desejam? Que formas tomam estes desejos? Por onde circulam tais desejos?

Com certa familiaridade cito o espaço doméstico das pessoas travestis e trans, pois foi transitando e convivendo em alguns que, com frequência, ouvi sobre o amor. Durante visitas para entrevistas, ou simplesmente na posição de “amiga *amapô*”<sup>5</sup>, minha relação como

---

<sup>4</sup> Em outra seção irei aprofundar melhor a revisão de tais obras demonstrando, inclusive, as variações epistemológicas que as sustentam e as divergências nas produções de discurso sobre a sexualidade, especialmente no campo da psicologia.

<sup>5</sup> O termo *amapô* ou *amapoa* é uma gíria do dialeto africano *pajubá/bajubá* que se refere às mulheres cisgêneras (LIB, 2006), ou seja, às mulheres que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer (ANDRADE, 2014).

pesquisadora e aliada de luta permitiu-me aproximações intensas e prazerosas com o território ético-político dos afetos. Durante esses encontros, pude partilhar conversas informais consideradas por elas(eles) como “mais íntimas”, nas quais confidências sobre a saudade de alguém que amou, sobre problemas com os relacionamentos e sobre a vontade de estar/namorar/casar mostram-me que o desejo por carinho e amor é bastante presente em suas vidas. Porém, os relatos também me mostram que nem sempre esse desejo é acompanhado por expectativas.

*Existe alguém que assuma uma relação conosco? Podemos ser amadas(os)? Quem vai querer nos amar? Quem namora a travesti<sup>6</sup>?* Essas são perguntas que, em algum momento, pessoas travestis e trans dizem já terem feito a si mesmas(os). Seja em tom de revolta, desânimo ou até mesmo conformismo; o fato é que esses desabafos falam das (im)possibilidades do amor na vida delas e deles.

Nessas precárias expectativas, que não necessariamente dizem respeito à dependência do outro para serem felizes, mas ao direito de poder amar e ser amada(o), percebi que, para compreender as travestilidades e as transexualidades, torna-se imprescindível que se conheçam também as relações de amor e desejo. Isto é, que se discutam os laços que as(os) convidam a habitar as zonas de inteligibilidade conjugais, especialmente, quando suas existências são estigmatizadas e suas relações com o outro são marcadas pelo fetichismo e pela hiperssexualização de seus corpos, como relatam algumas travestis e mulheres trans trabalhadoras do sexo.

Com essa contextualização sobre minha proximidade com o tema, tento mostrar que a escrita da tese com os maridos, companheiros e namorados é efeito e desdobramento de uma trajetória com a temática das travestilidades e transexualidades. Ela faz parte de um conjunto mais amplo de experiências, experimentações e impressões que constituíram (e ainda estão constituindo) meu percurso acadêmico pela psicologia social-militância-pesquisa.

Meus primeiros diálogos com as travestilidades iniciaram ainda em 2008, partindo das problematizações da monografia que chamei “De Madame à Satã: as subjetividades retratadas na construção do corpo travesti” (AMARAL, 2008). Nesse trabalho final de graduação em

---

<sup>6</sup> Esta frase também é o título e tema da entrevista dada pela blogueira Maria Clara Araújo (2016) a um canal no Youtube. Militante afrotransfeminista, Maria Clara tem se dedicado a escrever sobre a afetividade na experiência de mulheres negras e trans no Blog Blogueiras Negras. Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZObjJao5Fo>.

psicologia, discuti a produção de subjetividades durante o processo de *montaria*<sup>7</sup> com seis travestis que residiam juntas, no interior do Rio Grande do Sul.

Em 2012, no mestrado, ampliei meus questionamentos sobre o tema. Com jovens travestis passei etnograficamente por entre os saberes, as práticas e o acesso aos conhecimentos, que ensinam iniciantes tornarem-se/experimentarem-se travestis. A dissertação foi intitulada “Essa Boneca tem Manual: práticas de si, discursos e legitimidades na experiência de travestis iniciantes” (AMARAL, 2012). Em busca das regras e passos que produzem alguns modos, tornados hegemônicos, de se experienciar as travestilidades, pude conhecer também as possibilidades de resistência a essas normas. E, desse modo, as condições para (re)invenção e existência de múltiplas experiências possíveis construídas entre jovens que desejam tornar-se travestis.

Durante esses oito anos de trajetória com a temática trans, além da monografia e dissertação, tenho tido a oportunidade de participar, desde 2010, dos projetos de pesquisa e extensão pelo Núcleo Margens – Modos de Vida, Família, Relações de Gênero (PSI/UFSC). Um núcleo do Departamento de Psicologia da UFSC que tem construído e executado em Florianópolis, ações em parceria<sup>8</sup> com a organização não-governamental ADEDH – Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade, coordenada há 20 anos por travestis e mulheres trans.

Nesta rede de relações estabelecidas nas pesquisas que venho desenvolvendo, em atividades semanais na ong<sup>9</sup> e no engajamento com

---

<sup>7</sup> Montaria neste contexto é construir-se dentro do padrão estético, culturalmente, considerado feminino.

<sup>8</sup> Projetos de Pesquisa da parceria Margens e ADEDH: **Gênero, sexo e corpo travesti: abjeções e devires** (2010-2013); **Direitos e violências na experiência de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na cidade de Florianópolis: construção de um perfil psicossocial e capacitação de profissionais das políticas públicas** (2013-2016); **Trajetórias escolares e laborais de travestis e transexuais: é possível subverter o “destino” nas/das margens?** (em andamento desde 2015).

<sup>9</sup> Além dos projetos de pesquisa citados na nota anterior, semanalmente atuo no projeto de extensão **Gênero, sexo e corpo: apoio psicológico a travestis em Florianópolis e formação de multiplicadores** (em andamento desde 2010) que visa atendimento a pessoas em situações de vulnerabilidade e/ou de sofrimento por conta de questões relacionadas às sexualidades e ao gênero. Também fiz parte da execução do projeto **Políticas de Equidade para a População LGBT na área da Assistência Social** (2013) que promoveu na

o Margens, vivencio encontros com travestis, homens e mulheres trans que me deslocam como pesquisadora e psicóloga. Esses encontros mobilizam minha posição de ativista transfeminista<sup>10</sup> e provocam-me à escuta e olhar sensíveis a suas lutas, violências e precariedades, e sobretudo, às potências de vida e às sutilezas de seus cotidianos.

Sobre essas sutilezas, refiro-me àquelas que não são voluntariamente visíveis, tampouco centrais. Exemplos são o que Hélio Silva (2007) chamou em sua pesquisa de “redes de serviços e cooperações”, as tramas que discretamente tecem a produção diária das pessoas travestis e trans, como médicas(os), farmacêuticas(os), esteticistas, e principalmente as(os) amigas(os), clientes e namoradas(os) que passam a fazer parte das redes de sociabilidades, dos laços amorosos e afetivos. E é neste espaço, ao mesmo tempo público e doméstico dos afetos, mais precisamente, das conjugalidades entre as travestis e mulheres trans com seus companheiros, que fui me sentindo convidada a conhecer os personagens e suas histórias de vida.

Esclareço que, antes de acompanhar os caminhos que se construiriam nestas derivas com o desejo, foi necessário traçar algumas rotas de acesso, além de escolher as direções teóricas/metodológicas que me serviriam e lançar interpelações: Quem são estes homens? Que caminhos precisaram percorrer para assumirem seus amores? Quais condições possibilitam a existência de seus enunciados? Que estratégias de resistência são necessárias para viver e dizer a verdade sobre si? Essas foram algumas das pistas iniciais ensaiadas neste mapa-tese.

Seguindo tais pistas, optei por manter como foco apenas a conjugalidade das travestis e mulheres trans estabelecendo, portanto, minha primeira delimitação na pesquisa. Além da familiaridade construída em uma trajetória acadêmica com travestis, essa escolha

---

ADEDH um espaço de sensibilização, informação e formação para gestores/as da Secretaria Municipal de Assistência Social do município de Florianópolis. E ainda, participei do **Cine D**, projeto financiado pelo Fundo Municipal de Cinema (FUNCINE) que promove exibições e debates de filmes sobre direitos humanos e sexualidades nas dependências da ong.

<sup>10</sup> Entendo por transfeminismo uma linha de pensamento e mobilização política que tem como referências o feminismo negro, o feminismo da diferença e as vertentes pós-estruturalistas (JESUS, 2013), cujas pautas são a visibilidade e reconhecimento das travestis e mulheres trans, a intersecção das opressões, a luta contra a hegemonia do discurso biológico e a afirmação da livre expressão dos gêneros, das orientações sexuais e da autoidentidade. Em outras palavras, também entendo pela provocação de que “transfeminismo é a ideia radical de que travestis e mulheres trans são gente!”.

fundamenta-se no entendimento de que, ainda que homens e mulheres trans tenham experiências muito próximas, é importante demarcar as especificidades. Sendo assim, produzir conhecimento reforçando a ideia de que todas as pessoas trans, independente de seus gêneros, vivem relacionamentos conjugais do mesmo modo, seria politicamente frágil e equivocado. Além de negar a visibilidade das múltiplas experiências, também estaria sob o risco de homogeneizar os processos de subjetivação nelas implicados.

Após estabelecer o recorte inicial na pesquisa, tentei conhecer os termos utilizados entre a população LGBT<sup>11</sup> para se referir às pessoas que se interessam pelas travestis e mulheres trans. Em conversas informais, na busca por literatura especializada e no acesso a diversos blogs, sites e redes sociais, cheguei aos *Adoradores de travesti*, *Amantes de travestis*, *Homens que amam mulheres trans*, *T-lovers*<sup>12</sup> e *T-fãs*<sup>13</sup>. Esses são alguns dos apelidos e termos usados pelos homens que buscam relacionamentos e/ou compartilham em grupo suas experiências, majoritariamente sexuais, com as travestis e mulheres trans (PELÚCIO, 2005, 2007, 2009; SOARES, 2012; GALLI, 2013).

Durante seis meses, conversei com algumas dessas pessoas, via mensagens instantâneas, em um chat. Todos se apresentaram como homens cisgêneros e heterossexuais e a maioria afirmou já ter namorado às escondidas. Pude perceber que se trata de uma rede que atribui significativa importância ao anonimato e à discrição e, em virtude disso, desperta opiniões controversas entre as travestis e mulheres trans sobre suas reais intenções amorosas.

Além do contato virtual, tentei diálogo com pelo menos duas mulheres cisgêneras que, segundo indicação, estavam em relacionamento com companheira, namorada ou esposa trans. Ambas foram de difícil acesso, explicaram que preferem manter em privacidade

---

<sup>11</sup> Sigla para o movimento político e social de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Dependendo do país ou movimento social também pode ser encontrado como LGBTI, incluindo Intersexuais, LGBTQ em referência à *queer*, LGBT+ ou LGBT\* para contemplar as múltiplas experiências, entre outras possibilidades de adaptação da sigla.

<sup>12</sup> É um termo de origem estrangeira que se refere aos amantes de mulheres trans. A letra “T” indica trans, travesti e transgênero e *lover* é a versão inglesa da palavra amante.

<sup>13</sup> Equivalente a *T-lover* no Brasil, o termo *T-fãs* é usado em Portugal para indicar adoradores, admiradores, apreciadores de mulheres trans, travestis e transgênero. Conheci o termo ao participar de eventos sobre pessoas trans durante período de doutorado sanduíche no país.

suas relações e não se sentem à vontade para falar sobre o assunto. Do mesmo modo, também tive dificuldades para contatar casais compostos por duas mulheres trans.

Em diálogos com alguns casais, pude perceber a invisibilidade e a discriminação que recaem sobre essas duas últimas relações, pois são consideradas conjugalidades menos legítimas (KULICK, 2008[1998]; ORNAT, 2008; PELÚCIO, 2006, 2009), principalmente, quando a legitimidade em questão parece estar diretamente ligada à regra da reciprocidade, complementaridade e diferença (BENEDETTI, 2005) entre os gêneros. Essa falta de reconhecimento de alguns arranjos conjugais parece estar ligada à relação causal atribuída à “orientação sexual<sup>14</sup>” e “identidade de gênero<sup>15</sup>”. Uma confusão corriqueira, mesmo entre a população LGBT, que reforça a ininteligibilidade das pessoas trans que não se identificam como heterossexuais. Sobre isso ouvi várias vezes a indignação: *Essa trans passou uma vida toda para ficar feminina e agora quer namorar mulher? Vai ser trans pra quê?*

Por fim, fui em busca de contato com os *bofes*, *ocós*<sup>16</sup>, *homens*, *namorados* e *maridos*, modo como são conhecidos os homens que namoram/casam com as travestis e mulheres trans (KULICK, 2008[1998]; PELÚCIO, 2009; MÜLLER, 2011). Meu acesso a eles foi facilitado por suas companheiras que, interessadas na pesquisa, indicaram seus maridos e mediaram meu contato com eles. Com cada esposa/namorada tive um diálogo inicial para explicar a pesquisa, esclarecer as dúvidas e ouvir o que elas pensavam sobre minha intenção e as possibilidades da participação de seus maridos.

Esses breves diálogos foram fundamentais para orientar a direção a ser seguida nesta cartografia, pois foram as esposas/namoradas que me indicaram os limites que marcam e diferenciam os maridos. Segundo as experiências amorosas vividas por elas, os maridos podem ser homens que simplesmente as amam e vivem com elas relações mais *discretas* por medo de serem *descobertos* pela família e pelos amigos. Podem ser aqueles que, mesmo casados com mulheres cisgêneras, mantêm relações

---

<sup>14</sup> Diz respeito à identidade com base na atração, interesse e relações com o outro. A heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade são algumas das categorias que fazem parte das orientações sexuais (OLIVEIRA, 2010).

<sup>15</sup> Refere-se à identidade subjetiva de cada indivíduo e às relações consigo mesmo, independentemente da orientação sexual vivenciada. As experiências travestis, transexuais e transgêneras são algumas das possibilidades de identidades de gênero (OLIVEIRA, 2010).

<sup>16</sup> Do *pajubá/bajubá* refere-se ao homem cisgênero heterossexual (LIB, 2006).

amorosas com uma companheira trans, estando a esposa ciente ou não. Nessa hierarquia dos arranjos conjugais, os mais valorizados são os maridos que as amam e não apenas as assumem como companheira, mas mais do que isso, ousam expor publicamente seus afetos, sua relação e seus desejos.

A existência dessa fronteira e as implicações que cada uma dessas relações conjugais tem na vida das travestis e mulheres trans definiram minha escolha teórica e política para esta tese. Com elas pude perceber a importância de trazer à discussão não apenas as experiências dos maridos, mas a coragem dos homens que assumem seus relacionamentos e, por efeito, expõem-se aos riscos que implicam dizer a verdade sobre o desejo.

As trilhas percorridas para realizar os contatos e as entrevistas são detalhadas e discutidas no próximo capítulo, no entanto, desde já esclareço que foram realizadas entrevistas em profundidade com 07 (sete) homens que estavam em relacionamento amoroso com companheira travesti ou trans. Sendo esses, 06 (seis) homens cisgêneros e 01 (um) homem trans. Os maridos foram indicados por suas esposas/namoradas ou por pessoas amigas do casal, todos responderam perguntas abertas sobre como conheceram sua companheira, sobre sua relação com família, amigos/as, colegas, os desafios e percepções sobre sua própria sexualidade, e como foi e tem sido assumir sua relação socialmente.

A partir das entrevistas realizadas, a discussão da tese se pauta na análise dos enunciados que atravessam a fala dos maridos, posicionando-os como sujeitos que vivem a verdade como um modo de existência. Nessa análise, não interessa quem proferiu, como foi dito e os efeitos deixados pela fala, pois não se ocupa da interpretação das frases e proposições, tampouco de suas estruturas ou do seu sujeito-autor. A análise se debruça nos enunciados que são anteriores às frases ou às proposições, que reservam um lugar ao sujeito, sendo, portanto, formadores de palavras e objetos, e, por isso, raros e na maioria dos casos, imperceptíveis (DELEUZE, 2013[1987]).

Nesse sentido, a descrição de uma formulação como enunciado “não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2015[1969], p.116). Para essa discussão, sou guiada pelos pressupostos teóricos de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault nos quais os enunciados são entendidos como uma produção que “não se deve a nós enquanto sujeitos, mas a outra coisa, às multiplicidades, às massas, e

às matilhas, aos povos e às tribos, aos agenciamentos coletivos que nos atravessam” (DELEUZE, 2004[1973], p. 201).

Com essa linha de pensamento, o debate é norteado pelas condições que possibilitam a formação e existência dos enunciados. Não são analisadas as regras que viabilizam sua constituição, tampouco sua instância fundadora (CASTRO, 2016). Mas sim, como esses enunciados são produzidos e não outros, como eles se relacionam entre si e o modo como podem posicionar os maridos na rede discursiva da vida como escândalo, cuja existência não está escondida mesmo sendo invisível.

Ao percorrer os enunciados que atravessam os relatos dos maridos, crio mapas com linhas que acompanham suas correrias e deixo-me apreender pelos nós discursivos que amarram três pressupostos, consideradas nesta tese, como planos de movimento. Com o desenho dos planos, experimento conectar entre si as propostas de Fluxos do Desejo (Deleuze e Guattari), Política dos Afetos (Espinosa) e Coragem da Verdade (Foucault) na intenção de cartografar três possibilidades de movimentos em um mapa rizomático. São planos de movimentos que podem ser alterados, conectados, rasgados, esquecidos, adaptados, pois não são unificados ou permanentes. Da mesma maneira, a rede de ligação entre os conceitos é difusa, aberta e atravessada por linhas de intensidade que, à medida que aumentam as conexões, criam agenciamentos. Esses agenciamentos de enunciação permitem dizer e exibir os movimentos de uma dança que me conduzem de um conceito a outro.

Para o plano de fundo do mapa dos movimentos faço alianças com teóricas *queer* como Judith Butler e suas interlocutoras, do mesmo modo que problematizações no campo dos estudos feministas acompanham-me nesta empreitada de perseguição aos fluxos e às linhas de subjetivação envolvidas na produção de desejo e formação de enunciados.

Enfim, após apresentar até aqui a proposta do estudo, a trajetória que o cerca, as posições ético-políticas, e também filosóficas adotadas, descrevo a composição deste mapa-tese desenhado em cinco capítulos. O primeiro capítulo **Pistas, Pegadas & Frestas** é a escrita apresentada até aqui, no qual escolhi anunciar o tema, a intenção (objetivos) e delimitação da pesquisa, assim como alguns dos meus campos de experimentação como pesquisadora, psicóloga e ativista. Além disso, tentei mostrar a relevância da discussão e o modo como me posiciono no debate, situando minha orientação teórica e metodológica na arena dos estudos pós-estruturalistas, *queer* e transfeministas decoloniais. É possível dizer que nessa seção foram descritos os primeiros encontros



com o “projeto” de um mapa, nas quais as problematizações e os conceitos foram introdutórios e apenas espiados pelas frestas do plano cartográfico.

No segundo capítulo, defino os instrumentos que me ajudam a compor o mapa, por isso intitulei **Plano de Composição**, pois traz o modo como os conceitos auxiliares foram escolhidos e relacionam-se entre si na caixa de ferramentas criada nesta pesquisa. Não somente os operadores conceituais são mais profundamente explorados, mas o tema também é contextualizado e revisado de forma crítica. São historicizados os discursos, produzidos cientificamente no Brasil, sobre homens que se relacionam com as travestis e mulheres trans. Por meio deles, problematizo como o tema vem sendo abordado, assim como suas aproximações e distanciamentos com a tese.

Ainda como parte dos instrumentos necessários para traçar o mapa, trago para a discussão o próprio mapa como ferramenta. É onde apresento o método cartográfico, sua proposta teórica e a forma como ele faz desta tese uma acompanhante dos processos, deslocando-me para um caminho que apenas conheço ao andar. Ainda nessa seção, descrevo e problematizo as trilhas percorridas (procedimentos) para a realização das entrevistas e, por fim, apresento o esquema criado com as linhas que possibilitam a formação de enunciados, ou seja, o desenho dos planos de movimentação rastreados nesta pesquisa.

Com o terceiro capítulo intitulado **Plano de Movimento I: Fluxos do Desejo** discuto o primeiro movimento desta cartografia. Exploro a historicidade do conceito de desejo e busco junto a Deleuze e Guattari as formações enunciativas que se produzem nos fluxos. Com o conceito antipsicanalítico de produção desejante, no qual o desejo não falta e não cansa de se ligar, se acoplar e experimentar, articulo a análise dos enunciados relativos ao desejo e que “aconteceram<sup>17</sup>” no encontro. Àqueles que atravessaram o relato dos maridos sobre os sentimentos experimentados no início do relacionamento, quando se perceberam envolvidos e afetados.

---

<sup>17</sup> Refere-se ao conceito de “acontecimento discursivo” proposto por Michel Foucault como a irrupção de uma singularidade histórica, como uma novidade que instaura novas formas de regularidades e descontinuidades, o acaso das transformações. Segundo o autor: “trata-se de cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis. Tal descontinuidade golpeia e invalida as menores unidades tradicionalmente reconhecidas ou as mais facilmente contestadas: o instante e o sujeito” (FOUCAULT, 2010[1970], p.58).

Por essas linhas, são analisados os enunciados da dúvida e do desassossego que cercam ou já envolveram, em algum momento, os homens que vivem paixões dissidentes do esquema cisheteronormativo. É problematizada também a patologização dos desejos e os discursos que engendram a existência de desejos saudáveis, seguros, maduros e legais (RUBIN, 2003[1984]), nos mesmos moldes que o gênero e as sexualidades, aniquilando qualquer outra forma de expressão e conjugalidade. Estigmatizando, classificando e obstruindo qualquer possibilidade de passagem e saída dos fluxos do desejo e das potências de vida ligadas ao afeto e ao amor.

Essa seção encerra-se com os enunciados das sexualidades (in)suspeitas, na qual centro o debate na desconfiança que recai sobre a sexualidade dos homens que se relacionam com as travestis e mulheres trans. São analisadas as condições que possibilitam que a orientação sexual seja posta sob suspeita, bem como a emergência dos sentimentos de receio e angústia experienciados diante dos desafios de ter, inclusive, a própria identidade de gênero colocada em xeque, como no caso dos homens trans que namoram/casam com uma companheira travesti ou também trans.

O próximo movimento do mapa chamei de **Plano de Movimento II: Política dos Afetos**. Nesse capítulo, arrisco definições sobre o conceito de afeto proposto por Baruch de Espinosa e suas alianças com o desejo. Partindo do pressuposto de que a produção do desejo depende de como o corpo é afetado (ESPINOSA, 2016[1677]), sigo a circulação dos afetos a fim de espreitar os modos como nossa potência varia. Afinal, se é pela força dos afetos que nossa potência de agir aumenta ou diminui, é importante acompanhar “o que” acontece ao sabor dos encontros e “quais” afetos nossos corpos são capazes de produzir, na relação com outros corpos.

Por esses rastros lanço luz aos enunciados que apontam para uma política dos afetos, ou ainda, para afetos (bio)políticos de alegria, amor, tristeza, medo, ódio, ousadia e cinismo que promovem aberturas, transformam, criam novas ideias, novos mundos. Afetos que mobilizam homens para que assumam seu desejo e amor a despeito de toda discriminação e precário reconhecimento de suas relações.

Nesse sentido, analiso os regimes de visibilidade que circundam a produção discursiva sobre as conjugalidades, bem como o funcionamento dos enunciados relacionados ao reconhecimento dos laços amorosos das travestis e mulheres trans. Refiro-me à potência enunciativa dos jogos de legitimidade que fazem emergir a importância histórica e social do discurso do amor romântico nos processos de

subjetivação (FREIRE-COSTA, 1998). Assim como os efeitos do familialismo tóxico (DELEUZE; GUATTARI, 2010[1972]) como um mecanismo de aprisionamento dos fluxos do desejo em uma ficção representativa e reducionista de família.

Nessa seção, é problematizada também a relação de alguns maridos com o trabalho sexual<sup>18</sup> exercido por suas companheiras. São analisados os enunciados de desconforto e necessidade financeira que atravessam diretamente os modos de viver e assumir a relação conjugal, assim como a insegurança que cerca os homens cujas esposas exercem a atividade sexual como forma de remuneração e sustento financeiro do casal.

Por fim, discuto a força dos afetos quando no encontro dos corpos é produzido desejo, reconhecimento e o que ousou chamar de humanização das travestis. Faço referência aos afetos que se produzem e acontecem quando uma mulher que escapa à imperiosa normatização cisheteronormativa – responsável pela dizimação das múltiplas expressões de gênero, sexualidade e desejo –, tem a possibilidade de ser correspondida em um gesto, aparentemente simples, que é andar de mãos dadas com quem se ama.

Nesse contexto, são analisados, portanto, os enunciados relativos à valorização das namoradas/esposas diante da aceitação de um convite feito a seus namorados/maridos para andar de mãos dadas. Mais do que a correspondência a um gesto de carinho, o que os maridos enunciam aceitando tal convite é o reconhecimento das travestis e mulheres trans como humanas, é o deslocamento de seus corpos coisificados para o terreno da afetividade, é a monstruosidade de suas existências arrastada para o mundo onde habitam os seres capazes de serem amados.

Seguimos assim ao último movimento, que tem como propósito costurar as fendas abertas neste mapa-tese, alinhar os conceitos, juntar os restos. É o capítulo em que discorro o **Plano de Movimento III: Coragem da Verdade**, no qual reafirmo e aprofundo a tese central de que os homens que assumem, publicamente, relacionamentos conjugais com as travestis e mulheres trans se produzem como sujeitos de um determinado tipo de estética da existência. São maridos que assumem, portanto, a vida como um escândalo da verdade.

---

<sup>18</sup> Por trabalho sexual refiro-me à pauta de reivindicações liderada por grupos de trabalhadoras(es) do sexo organizadas(os), em prol dos direitos laborais e condições de trabalho. Diz respeito à luta pelo reconhecimento do trabalho do sexo como atividade laboral e pela despenalização de sua atividade (PISCITELLI, 2012).

A proposta teórico-conceitual de coragem da verdade não se apresentará neste capítulo como novidade, pois será anunciada a cada seção, à medida que os enunciados vão sendo analisados e os desenhos do mapa vão sendo exibidos. Para chegar até esse pressuposto ético, político e teórico sobre os enunciados que legitimam os maridos, foi necessário estar atenta à indissociabilidade dos processos, das forças circulantes e às minhas transformações enquanto pesquisadora (PASSOS; BARROS, 2014); com isso, mais uma vez tive um bom encontro com as ideias de Michel Foucault. É com aproximação intensa ao último curso ministrado por ele no *Collège de France*, entre 1983-1984, intitulado “A coragem da verdade”, que tomo os enunciados que atravessam os relatos dos maridos, como uma manifestação *parresíasta*, uma prática histórica e política do dizer-a-verdade sobre si mesmo (FOUCAULT, 2011[1984]).

Guiada por tal pensamento sobre os enunciados, sigo tateando ligações e rupturas em meu mapa atravessado por fluxos transbordantes de desejo, já irreversivelmente derramados e potencializados nos afetos. Uma correria de linhas que, de afeto em afeto, encontro em encontro, fabrica e escoa mais desejo e forma novos enunciados. São enunciados que, assim como o desejo e o afeto, quando interpretados, perdem sua condição de agência, enfraquecem enquanto potência. Trata-se de afecções, encontros e formas de dizer que têm um compromisso com a verdade sobre si mesmo, com aquilo que o sujeito se permite experimentar (desejar), sentir (afetar) e ser posicionado (enunciado), portanto, com uma certa coragem e engajamento subjetivo que extrapola os limites materiais e as condições formais do que seria simplesmente falar a verdade.

Capturada por tais aberturas que me deslocam a pensar a relação entre o sujeito e um modo de existência pautado na verdade, analiso enunciados que desestabilizam moralidades, evidenciam os riscos e questionam categorias fixas que produzem sujeitos. Com isso, provoço fissuras na rigidez das masculinidades e exibo a fragilidade da virilidade, por meio dos enunciados que se referem ao que é ser homem e às normas que legitimam o modo como os maridos vivem e performatizam seu gênero.

O enunciado do risco também é posto em análise, pois dizer-a-verdade do modo como está sendo discutido nesta pesquisa não se trata apenas de uma tomada de palavra arriscada, implica assumir o perigo e fazer dele sua própria condição de existência. Com isso, retomo a patologização dos desejos, a sexualidade sob suspeita e a própria precariedade do reconhecimento de seus laços, como alguns dos riscos

assumidos que perpassam as condições de vida e legitimidade dos maridos. Além disso, amplio a problematização no que se refere também aos riscos diante da transfobia, que incidem violentamente sobre os corpos de suas companheiras, e também sobre seus modos de subjetivação.

Além do risco, a responsabilização assumida pelos maridos ao narrarem-se (BUTLER, 2015[2003]) também é um dos enunciados em análise nesta seção. A narratividade necessária para relatar sobre si mesmo, implica transformar-se e expor suas falhas e suas incompletudes. Com os enunciados do “narrar-se” como companheiro de uma travesti ou mulher trans é compartilhada uma ética da vulnerabilidade, da humildade e da responsabilidade.

Por fim, aventuro-me na “desconjugação” do verbo maridar, ou seja, tensiono os significados possíveis e as vivências impensáveis da categoria marido. Se no início da tese trago definições provisórias oferecidas pelo/no campo de pesquisa, nessa seção ensaio breves considerações finais sobre as flexões do verbo maridar. Após a análise dos enunciados que compõem a tese, proponho o termo marido como verbo, por considerá-lo uma palavra que exprime, por conjugações diversas, a ação dos/nos corpos. Maridar, mais do que um estado, parece ser uma forma de narrar-se, e no caso dos homens que assumem relacionamentos com as travestis e mulheres trans, pode ser lido como um modo de vida que existe e resiste ao risco.

Com a noção foucaultiana de estética da existência ensaio o fechamento da tese. Ao retomar os objetivos centrais, indico pistas e novas problematizações, e também reafirmo a condição de uma reinvenção de si experimentada pelos maridos. Reunindo novamente as propostas teóricas sobre desejo, afeto e coragem da verdade, posso dizer que os enunciados analisados denunciam um esforço dos maridos em afirmar sua liberdade. Por meio de um dizer verdadeiro sobre si que expõe escandalosamente seus desejos, esses sujeitos fazem da sua própria vida algo no qual possam se reconhecer, isto é, um modo de elaboração da própria “vida como uma obra de arte” (FOUCAULT, 2010[1983], p.306).

Sendo assim, compreendo a coragem da verdade dos homens que assumem suas conjugalidades dissidentes, como uma estética da existência fabricada e potencializada pelos afetos, na medida em que “é uma prática ética de produção de subjetividade, ao mesmo tempo, assujeitada e resistente: é, portanto, um gesto eminentemente político” (REVEL, 2005, p.44).

## 2 PLANO DE COMPOSIÇÃO

---



Inventando como as pedrinhas – Martha Barros (2011)

Como traçar caminhos desconhecidos? Caminhos que apenas conhecerei ao andar? Difícil responder. Arrisco dizer que talvez seja inventando-os. Em um ato de invenção renuncio à definição roteirizada de estratégias e exploro, inclusive, a potência do próprio traço. Ensaio nesta pesquisa uma forma de traçar mapas que não signifique conter territórios nos limites de um contorno, traçar está no mesmo sentido de inventar e criar, ou seja, são práticas de tatear, experimentar e compor trajetos (KASTRUP, 2012). Por esses caminhos desconhecidos e inventados em pesquisa percorro os espaços explorando as possibilidades infinitas de percurso, e ciente do imprevisível, sigo atenta aos seus efeitos de transformações ao longo da caminhada.

Diante disso, para fazer da tese uma acompanhante de processos, precisei desaprender sobre mapas, abandonando qualquer ponto de partida e, principalmente, a busca por um destino final. Da mesma forma, compor uma trajetória me exigiu lançar mão de certezas e andanças planejadas, pois precisei experimentar a construção de uma pesquisa-mapa que traçasse “descomeços” e novos espaços por onde eu pudesse vasculhar acontecimentos – ainda que, para isso, fosse necessário suportar seus acasos e o imprevisto das novas formações e aberturas –. Desse modo, para aventurar-me por geografias, cujo “olho e paisagem são um movimento de movimentos em encontro” (COSTA;

ANGELI; FONSECA, 2012, p.47) foi fundamental estar amparada por instrumentos que facilitassem minha deriva pelos processos.

É sobre esses instrumentos que trato neste capítulo, no qual apresento e discuto o plano de composição da tese, isto é, os elementos úteis que me auxiliaram a compor o mapa. Primeiramente, são definidos os operadores conceituais que escolhi para construir a caixa de ferramentas desta pesquisa-mapa; em um segundo momento, o tema é contextualizado a partir de uma revisão crítica de literatura, na qual discuto a rede discursiva que potencializa os enunciados sobre o tema. E, por fim, desenvolvo uma discussão a respeito da metodologia adotada e os procedimentos realizados, neste caso, os caminhos trilhados no traçado deste mapa.

## 2.1 BAÚ DOS CONCEITOS ÚTEIS: EXPERIMENTANDO TEORIAS, COMBINANDO FERRAMENTAS

*Bernardo é quase árvore.  
Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem de longe.  
E vêm pousar em seu ombro.  
Seu olho renova as tardes.  
Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho:  
1 abridor de amanhecer  
1 prego que farfalha  
1 encolhedor de rios – e  
1 esticador de horizontes.  
(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três fios de teias de aranha.  
A coisa fica bem esticada.)  
Bernardo desregula a natureza:  
Seu olho aumenta o poente.  
(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua Incompletude?)*

*Manoel de Barros – O livro das Ignoranças (1993)*

Experimentar conceitos aumenta o mundo, estica horizontes, desata o possível. Do mesmo modo, manusear teorias sentindo suas tessituras e consistências multiplica sua capacidade produtiva, oferecendo condições para que cada artesã/escritora/andarrilha encontre nelas seus próprios instrumentos de trabalho. Foi desta forma, explorando e poluindo as teorias (tidas como puras), que experimentei

conceitos e teste suas funcionalidades. Fiz escolhas talvez arriscadas, porém pouco ingênuas, entre tantos conceitos úteis que povoam os baús das teorias que fabricamos para cada pesquisa. Remexer um baú significa buscar por palavras-instrumento que, em contato com determinadas teorias, funcionam como conceitos, operam como arquivos de possibilidades de existência. São conceitos-chave cujo significado é dado em seu uso (WITTGENSTEIN, 2012[1953]) e no modo como nos ajudam na composição de mapas.

Assim, para construir uma pesquisa que arriscasse certas desobediências à estrutura sistemática das teorias, inspirei-me no diálogo entre Michel Foucault e Gilles Deleuze intitulado “Os intelectuais e o poder” nos quais discutem, entre outras questões, o que seria fabricar nosso próprio baú ou, segundo eles, sobre como compor nossa própria caixa de ferramentas. Acompanhei, portanto, a proposta de Deleuze:

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante.... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. E curioso que seja um autor que é considerado um puro intelectual, Proust, que o tenha dito tão claramente: tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate. A teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica. É o poder que por natureza opera totalizações e você diz exatamente que a teoria por natureza é contra o poder (FOUCAULT; DELEUZE, 2012[1979], p.71)

Guiada por esta proposta artesã de experimentar, escolher o que me serve e tear os caminhos para a construção da pesquisa, elegi minhas inclinações teóricas e filiações conceituais. Ensaiei vínculos entre teóricos pós-estruturalistas e filósofos da diferença como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, deixando-me inspirar também por Baruch de Espinosa. Armei conexões com teóricas *queer* como



Judith Butler e suas interlocutoras, e do mesmo modo, tentei tramar ligações com estudos feministas e transfeministas.

Cercada por essas perspectivas teóricas, metodológicas, estéticas e também políticas, destaco a partir daqui alguns operadores conceituais comuns a essas teorias que situam minha escrita e leitura epistemológica. Portanto, trago os conceitos que são utilizados como ferramentas, possibilitando-me, assim, estar atenta aos movimentos, conexões e intensidades no traçado desta pesquisa-mapa.

Experimento primeiramente a ideia de sujeito proposto por Foucault (2006[1984]) como um objeto historicamente construído, não originário e que se constitui por meio das relações e práticas de poder e saber. Ao filiar-me a esse pensamento, sou convocada a colocar o sujeito em análise, questionando o modo como um ser humano torna-se sujeito, assim como os diferentes modos sob os quais se constitui. Para tanto, considero a mesma atenção à constituição dos saberes, dos discursos e suas relações com o poder (FOUCAULT, 2010[1982]).

Com Foucault (2007[1984]) aposto em uma discussão sobre a história dos processos pelos quais nos tornamos sujeitos, ou seja, persigo os rastros deixados pelos modos de subjetivação que produzem as subjetividades. Eis aqui dois conceitos importantes a serem experimentados: subjetividade e modos de subjetivação.

Nesse contexto, subjetividade não é algo centrado no indivíduo, pois não implica posse, ou seja, é uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o mundo e com os outros (MANSANO, 2009). Tal como sugerem Félix Guattari e Suely Rolnik (2013, p.40) “a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social”.

Nesse sentido, não se trata de entender o sujeito como objeto pré-estabelecido que faz parte do domínio de uma suposta natureza humana, ou ainda, como um núcleo central do qual emanariam as relações de poder (CARDOSO JÚNIOR, 2005). Segundo Deleuze (2001[1953]), o sujeito não está dado, ele se constitui nos dados da experiência, no contato com os acontecimentos, no exercício de diferenciar-se daqueles que os cercam, sendo também efeito e produção de poder (MANSANO, 2009). A subjetividade é, portanto, o sujeito em sua plasticidade, efeito massivo que provem de um processo singular e de intensa produção.

A partir dessa perspectiva de subjetividade, o sujeito não é apenas constituído por imperativos externos, mas por múltiplos componentes, entre eles os processos dinâmicos de subjetivação que dizem respeito à singularização, às relações do sujeito consigo mesmo. Esta potência ativa do sujeito sobre si próprio é entendida por Foucault (2007[1985])

como modos de subjetivação, isto é, são os modos nos quais os indivíduos constroem a si mesmos como sujeitos, inventando sua própria vida e as formas de atividades sobre si (CASTRO, 2016). Nesse sentido, é possível dizer que a subjetividade, o sujeito, implica sempre em um processo de subjetivação, uma vez que “toda experiência que concretiza uma subjetividade envolve modos historicamente peculiares de se fazer a experiência do si” (CARDOSO JÚNIOR, 2005, p.344).

Ainda sobre os modos de subjetivação, saliento que, desde a Antiguidade, essa elaboração de si não é imposta ou obrigatória por algum tipo de lei, o cuidar de si é uma decisão ética do sujeito e uma posição política diante da vida (FOUCAULT, 2010[1982]). É importante lembrar também que os modos de subjetivação são historicamente construídos, sendo parte de seu processo de fazer e desfazer, e, por consequência disso, uma de suas principais características é a possibilidade de tomar as mais diferentes configurações, produzindo, assim, diferentes formas de vida. Essa transformação mutante é o modo encontrado pelos sujeitos para (re)criar e atualizar não apenas as possibilidades de existência, mas também as de resistência diante das forças capilares do poder (MANSANO, 2009).

Isso mostra que as práticas e cuidados de si, assumidos pelos sujeitos, podem ser modos de se adaptar e alienar, assim como também podem ser modos de resistir e escapar dos saberes e poderes que buscam a todo momento capturar e cristalizar os processos de subjetivação. Sobre esses últimos, refiro-me às lutas de resistência às formas de dominação, exploração e sujeição que tentam individualizar, serializar e encapsular as singularidades em regras universais e normatizações conformadas (FOUCAULT, 2010[1982]).

Levando em conta essa breve síntese sobre a tríade sujeito-subjetividade-subjetivação, sigo Hélio Cardoso Júnior (2005) ao constatar que discutir a subjetividade foucaultiana é trazer ao debate uma perspectiva de postura diante da vida. Segundo o autor, a subjetividade comunica um modo de vida, é a expressão do que em nós se relaciona e se afeta com as coisas e com o mundo, por isso envolve uma relação transformacional com o tempo. Ainda com Cardoso (2005), concordo que compartilhar essa noção de sujeito é, de certa forma, um convite a subverter o aforisma de Heráclito de que “não se entra no mesmo rio duas vezes”, pois as ideias de Foucault nos provocam a também perceber que “um rio nunca passa pelo mesmo homem” (p.346). Em outras palavras, o sujeito não faz parte da terra firme, é um movimento de águas no rio do tempo.

Capturada teoricamente por tais aberturas e modos de ver/sentir o mundo, é possível afirmar que esta pesquisa se dispõe a uma leitura nômade, intensa e criativa de sujeito que existe sem ser reduzido. É uma tese contaminada pelo conceito-ferramenta de sujeito como uma construção viva de si com dimensões tanto históricas quanto políticas. Como produção que se cria e acontece por meio do exercício constante de encontros e afetações com os outros.

Seguindo em deriva por minhas escolhas conceituais, invisto agora no conceito de experiência como instrumento cuja função é arrancar o sujeito de si, de tal forma que o impeça de permanecer o mesmo que era antes. Uma ferramenta que funciona como sinônimo de experimentação e do caráter histórico da subjetivação no/do qual saímos transformadas (FOUCAULT, 2010[1978]).

Para se servir da experiência no sentido foucaultiano, é preciso compreender que o sujeito não é condição para que a experiência exista, é justamente o contrário, a experiência é um processo provisório que resulta em sujeitos. Essa perspectiva de olhar refere-se diretamente a um modo de subjetivação que constitui os sujeitos e subjetividades (FOUCAULT, 2010[1978]). Atravessada por esse pensamento, entendo que não se trata de negar a existência de sujeitos da experiência, mas, acima de tudo, interrogar os processos pelos quais são criados, os modos como se constituem nos encontros com o outro através da experimentação.

Para essa discussão, faço uso da escrita de Joan Scott (1999) que, partindo do campo dos estudos de gênero, nos amplia a ideia de que não são os indivíduos que “têm” a experiência, mas são os sujeitos que se constituem por seu intermédio. Com essa proposição, a historiadora feminista nos instiga a pensar experiência no sentido político que escapa às tentativas de captura em um único sujeito, momento ou situação, isto é, às unidades e totalizações. Uma vez que a condição de existência da experiência está enraizada na possibilidade de ser sempre retomada diferentemente, transformada e refeita, dilatando espaços de experimentação para si e para outrem.

A partir dessas leituras que convidam a usar os conceitos de experiência e sujeito como ferramentas históricas e políticas – fabricadas nos encontros e na relação com o tempo –, partilho da ideia de que o sujeito não deve ser tomado como fundamento para pensar a experiência. E filio-me, portanto, à perspectiva de que não há um sujeito fundador que confere significado à experimentação, pois a experiência é por si mesma transformadora, e por assim se produzir, é movida pela capacidade de arrancar, mudar e deslocar o sujeito de si mesmo.

É por essa lógica processual de entender a construção do sujeito, que vou assumindo nesta tese a experiência dos maridos como uma história do desejo e dos afetos, em outras palavras, como uma categoria útil de análise na qual são problematizados, sobretudo, os processos pelos quais os sujeitos se produzem e são afetados, os modos como os homens que fazem parte desta pesquisa são tomados pelas experimentações no campo do desejo. Indo mais além, é uma discussão que também diz das maneiras pelas quais sou transformada por tais encontros e com essa própria escrita.

Após definir esses conceitos, percebo que experimentar ferramentas conceituais como sujeito e experiência produz a emergência de operadores mais específicos, são eles: sexualidade e gênero. Esses carregam consigo discursos que me proporcionaram ensaios sobre corpo e travestilidade em pesquisas anteriores, e que, neste momento, ainda circularam por novas discussões – pelo desejo e afeto dos laços amorosos das travestis e mulheres trans.

Esclareço que me oriento pela discussão de sexualidade, para além do que simplesmente uma expressão de prazer pelo corpo. Pois, tenho em vista que pensar a sexualidade como habitante do corpo biológico estabelece os limites do que é sexualmente possível, levando-nos a enclausurar o pensamento sobre as multiplicidades, fluxos e movimentos (AMARAL, 2012), modos esses nos quais a sexualidade pode se produzir como intensa e potente. Nesse sentido, lanço luz à sexualidade discutida por Foucault (2007[1988]) como política, ideológica e discursiva, de sorte que

não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (p.116-117).

A sexualidade na condição de dispositivo se distancia da noção de natureza e essência, aproximando-se da dimensão histórica dos modos

de sentir e experimentar os corpos, os desejos, as relações consigo e com os outros. Para Foucault (2012[1979]), dispositivo é o aparelho formado por uma ampla rede de discursos, instituições, enunciados, leis e pela heterogeneidade dos ditos e não ditos que se articulam constituindo sujeitos, na mesma medida em que os organiza e classifica.

O dispositivo da sexualidade é, portanto, uma estratégia que tem como função responder a uma urgência em um determinado momento histórico e, desse modo, consiste no agenciamento da produção dos corpos, subjetividades e populações, a partir de perversos regimes de verdade que legitimam determinados modos de vida enquanto patologizam, criminalizam e “deixam morrer” outros (FOUCAULT, 2005[1976], p.294).

Como dispositivo do poder, o discurso da sexualidade é engenhoso e, por isso, não aplicado diretamente ao sexo, mas ao corpo. Será o corpo o alvo do discurso, domínio e adestramento, logo, o território onde irá operar o biopoder (FOUCAULT, 2007[1988]), ou seja, o poder sobre a vida, cuja maneira capilarizada de se movimentar e multiplicar-se em rede faz com que o poder disciplinar penetre e se difunda como um mecanismo de dominação interiorizado. São redes em que o domínio não é mais exterior, operando no mais íntimo da subjetividade, invadindo e entranhando-se como parte constituinte das relações, adquirindo formas absolutamente invisíveis, tampouco questionáveis em sua natureza e modos de funcionamento.

Dessa maneira, discutir sexualidade também implica analisar o que Foucault (2005[1976]) chamou de biopolíticas, as tecnologias utilizadas pelo poder que colocam em funcionamento o disciplinamento dos corpos, a normalização dos prazeres e a ordenação das vidas. Se, por um lado, o exercício da dominação sobre os corpos é encarcerar, punir e exterminar os desviantes da ordem social, por outro lado, no exercício do poder as biopolíticas funcionarão sobre os corpos e população através da incessante produção de verdades. Por consequência disso, a partir do século XIX, nomear, classificar e buscar a origem da verdade sobre as formas de vida desviantes tornou-se compromisso técnico, e também moral, para teorias médicas, rituais religiosos e práticas jurídicas.

O esforço em compreender a verdade sobre o sujeito e, mais precisamente, sobre o sujeito da sexualidade (e não o contrário) deixa clara a necessidade em revelar e (re)conhecer o *doente* por meio da medicina, o *perverso* de acordo com a moral religiosa e o saber psiquiátrico, e o indivíduo *perigoso* segundo o complexo conhecimento da psiquiatria, da pastoral cristã e das práticas jurídicas. Desvendar a

verdade sobre o sexo dos sujeitos desviantes movimenta a produção dos saberes ao circunscrever quais são as formas “ajustadas” e “ajustáveis” de ser e agir, mede também a distância segura e higiênica a ser tomada diante desses indivíduos perigosos e, por efeito, arquiteta um modelo de sociedade normal, saudável, produtiva e necessária ao bem comum.

Com olhar atento a essa inesgotável produção de saber e às formas de poder capazes de regular a sexualidade, tornando-a útil na organização societária, Foucault (2007[1988]) indica quatro conjuntos estratégicos a respeito do sexo que vão se constituindo a partir do século XVIII. São eles: *a histerização do corpo da mulher*, no qual o corpo da mulher “saturado de sexualidade” é vasculhado e intrinsecamente patologizado por sua natureza nervosa, suscetível a todo tipo de fragilidade. Um corpo naturalmente reconhecido como doente e, em razão disso, com uma racionalidade diretamente ligada à “vida uterina” que lhe confere funcionalidades restritas ao âmbito privado do lar, aos cuidados com a família e ao controle da fecundidade. *A pedagogização do sexo da criança*, no qual a inclinação à atividade sexual denuncia o caráter ao mesmo tempo perigoso e em perigo, encarnado na figura da criança masturbadora, que requer atenção redobrada dos pais e especialistas no que diz respeito ao cuidado corporal e moral. *A socialização das condutas de procriação* referidas às medidas sociais e econômicas que reforçam a responsabilização dos casais burgueses às práticas de reprodução social. E, por fim, *a psiquiatrização do poder perverso* que analisa, categoriza e cria os padrões de conduta e normalidade.

Essas quatro formas de dispositivos de saber e poder não são únicas e universais a todas as sociedades, mas carregam consigo a condição estratégica de adaptação e atualização no tempo e na cultura, e por assim serem, é possível identificar contemporaneamente a presença de suas heranças discursivas nos modos de experienciar e produzir conhecimento sobre a sexualidade. De acordo com Foucault (2007[1988]), esse conjunto múltiplo e articulado faz parte dos objetivos de uma política sexual que reduz o sexo “à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial” (p.116). Em outras palavras, são microdispositivos sobre o sexo que fazem emergir categorias, potencialmente perigosas e medicalizáveis, como a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano<sup>19</sup> e o adulto perverso.

---

<sup>19</sup> O termo “casal malthusiano” utilizado por Foucault em “História da Sexualidade I” faz referência à teoria populacional proposta por Thomas

Nessa breve análise da produção de saber sobre o sexo como uma caçada à verdade sobre o sujeito e controle do desejo, observa-se que a sexualidade não é apenas atravessada por um esquema discursivo histórico que estrutura posições binárias e hierárquicas, como bem demonstra a polaridade normal-anormal e o nascimento da categoria “homossexual” como espécie<sup>20</sup>. O discurso da sexualidade tem por finalidade, sobretudo, uma descrição médico-moral dos modos de existência.

Sendo assim, sexualidades que não cumprem seu papel na satisfação econômica e ideológica, pautada nos modelos hegemônicos e úteis da política sexual (reprodutiva, heterossexual, adulta e matrimonial), fazem parte das espécies desviantes. São sujeitos que se constituem a partir deste não-lugar, produzindo-se na inteligibilidade de seus atos e corpos, perfazendo caminhos marginais que contornarão seus espaços, também às margens.

Entretanto, é importante lembrar que tais sexualidades, ainda que não normativas, também são produzidas e gerenciadas pelo poder, por isso não escapam com facilidade de seus complexos arranjos que impedem a passagem dos fluxos e a produção de desejos. Mesmo os

---

Malthus durante a Primeira Revolução Industrial que consistia em controlar a natalidade da população pobre como forma de prevenir a escassez da produção de alimentos. Malthus baseava-se na ideia de que a miséria, as guerras, epidemias e a alta taxa de mortalidade diminuiria a desigualdade social.

<sup>20</sup> A homossexualidade como espécie faz referência à invenção do homossexual como categoria psiquiátrica, tal como ressalta o sociólogo Jeffrey Weeks (2007, p. 65) “antes do século XIX a ‘homossexualidade’ existia, mas o/a ‘homossexual’ não”. A invenção deste termo tem origem nos escritos do austro-húngaro Karl Kertbeny em 1869, que no mesmo período também utiliza o termo heterossexual. A publicação científica desses termos emerge na tentativa de colocar na pauta política da Alemanha a questão da reforma sexual e a revogação de leis antissodomitas. Neste contexto, a divisão sexual tinha por objetivo redefinir as normas, ao mesmo tempo em que definia o que se constitui como anormalidade (WEEKS, 2007). De acordo com Foucault (2007[1988]), essa produção de saber marca o período em que a sexualidade passa a falar do sujeito mais do que ele próprio, estabelecendo não apenas as condutas sexuais, mas também as psicológicas. É quando a sexologia toma para si a tarefa de definir as características do que constitui a masculinidade e a feminilidade normais, e se dispõe a catalogar a variedade de práticas sexuais (WEEKS, 2007). Em suma, o homossexual e o heterossexual são termos igualmente inventados e diretamente correlacionados na fabricação e manutenção da hierarquia sexual.

corpos mais indóceis e as sexualidades reconhecidas como subversivas necessitam a todo tempo inventar atalhos, buscar fissuras e modos criativos de fazer e refazer um caminho de resistência, compondo com isso novas formas de existir (AMARAL, 2012).

É sobre essas sexualidades desajustadas e inadaptáveis que me debruço nesta tese, em outras palavras, sou conduzida pela experiência desses sujeitos reconhecidos pelos dispositivos disciplinadores como promíscuos e perigosos, cujas sexualidades miseráveis expõem a precariedade das normas, a potência dos corpos postiços, dos agenciamentos minoritários e das piratarias de gênero. Essas formas outras de ensaiar uma relação disruptiva e ao mesmo tempo normativa de produzir sexualidade.

Para isso, esta tese investe na sexualidade que é construída, testada e inventada e que por sua condição de dispositivo, constitui-se *na* própria experimentação. É uma escrita invadida pela sexualidade que Foucault (2004[1982]) salienta como sendo nossa própria criação, não a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo, mas que faz parte da liberdade, e na qual “não se deve descrever como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e, muitas vezes, fracassa em dominá-la inteiramente” (FOUCAULT, 2007[1988], p.114).

Enfim, seguindo os caminhos traçados até aqui, é possível perceber que, quando experimentados os conceitos de sujeito, subjetividades, experiência e sexualidade, na esteira da perspectiva pós-estruturalista, torna-se insustentável a divisão sexo/gênero que fundamenta o sexo como biológico e os gêneros como socialmente construídos. Com isso, a emergência de tensões e debates germinados no território dos Estudos de Gênero arrastam-me para novos atalhos e para potentes encontros com um campo interdisciplinar, ainda que localizado, de produção de saber. Um campo atravessado por disputas teóricas e metodológicas que fazem parte da história do feminismo, do movimento LGBT e, mais contemporaneamente, do ativismo *queer*, no qual definir “gênero” implica um compromisso político, não apenas com a análise da produção da diferença, mas também com a produção de existência social dos corpos e das vidas.

Para definir o conceito de gênero usado e constantemente desconstruído nesta tese, desvio do engessamento proposto pelos papéis de gênero e pelo binarismo essencialista que delimita os pares sexo/gênero, natureza/cultura que, durante décadas, fundamentaram as teorias feministas. O uso que faço desse conceito se situa nas perspectivas críticas que deslocam o feminismo, contestando a própria



forma como gênero tem sido discutido: afinal, há de fato alguma diferença entre sexo e gênero?

Uma das principais teóricas a se engajar nesta onda de transição teórica e metodológica é Joan Scott, que, ao publicar o texto “Gender: A Useful Category of Historical Analysis<sup>21</sup>”, em 1986, propõe uma revisão conceitual e lança críticas às proposições que limitam gênero à expressão da natureza biológica. Influenciada pelo desconstrucionismo de Jacques Derrida e pelos estudos sobre poder de Foucault, Scott (1995[1986]), em seu texto, já dá pistas de uma irreversível ruptura teórica, ao afirmar que gênero e sexo não são decorrências diretas, complementares, tampouco naturais. Principalmente, quando partimos da ideia de que a divisão natureza e cultura já é, por si só, uma construção social.

Com a mesma voracidade crítica, Scott (1995[1986]) também traz contribuições importantes à trajetória do feminismo ao propor que gênero só existe em micro e macro relações de poder, pois “não é a diferença sexual por si só que organiza as relações entre homens e mulheres, mas sim são as relações de poder que definem como os sexos devem manter suas interações” (DE TÍLIO, 2014, p.134). Ao lançar essa fagulha, a autora ilumina o sistema que sustenta e hierarquiza as relações entre homens e mulheres e, do mesmo modo, contesta a estrutura e fixidez não apenas da diferença sexual biológica, mas também dos sentidos construídos sobre os gêneros masculino e feminino, inclusive problematizando as próprias categorias “homem” e “mulher”.

Nessa empreitada política de desnaturalização dos gêneros e não apenas do sexo, poucos anos depois de Joan Scott, Judith Butler publica a obra “Gender Trouble<sup>22</sup>” em 1990, e dá seguimento ao abalo que atingiria ainda mais os pilares do feminismo, trazendo consigo novas aberturas e contestações, dentre elas a teoria *queer*. Nessa obra, Butler aprofunda a discussão iniciada por Scott sobre os efeitos conceituais quando desmontada a equação que torna o gênero tão fixo e determinado quanto o sexo.

---

<sup>21</sup> O artigo foi originalmente publicado em 1986 na revista norte americana The American Historical Review e em 1988 como capítulo do livro de Joan Scott “Gender and politics of history”. No Brasil, o artigo foi traduzido em 1995 pela Revista Educação e Realidade com o título “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”.

<sup>22</sup> Originalmente publicado nos Estados Unidos em 1990, o livro de Judith Butler foi traduzido no Brasil em 2010 com o título “Problemas de Gênero”.

A filósofa estadunidense nos desafia a analisar o que, afinal, estamos construindo quando definimos gênero como inscrição no corpo anatomicamente diferenciado, passível às normas culturais, cuja identidade é estável e coerente ao sexo? E nos deixa a provocação, se, desta forma, não estaríamos operando gênero como um processo histórico e social que serve para criar e sustentar exercícios de dominação. E mais, não estaríamos partilhando de uma ideia de “construção” que nada mais é do que um determinismo sobre corpos passivos, restrito às prescrições culturais? Diante desse cenário que parece excluir qualquer possibilidade de agência ou transformação, a sagacidade da formulação de Butler (2010[1990]) não nos deixa dúvida de que “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (p.26).

Com essa discussão, entende-se que mais do que definir gênero, é necessário antes libertá-lo do sexo, da substância e da essência que insiste em aprisioná-lo em um eu, em uma pessoa, enfim, naquilo que se é. É vital para a existência do gênero que lhe sejam dadas condições de possibilidades para sua produção plural e inventiva. Nesse sentido, para fazer funcionar esse conceito-ferramenta, uma das saídas teóricas proposta por Butler (2010[1990]) é operar gênero como uma categoria móvel e estratégica, um fenômeno inconstante e contextual, que não denota um ser substantivo, “mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações cultural e historicamente convergentes” (p.29).

Os diálogos entre Joan Scott e Judith Butler vão ainda mais além e atingem também o caráter imutável e incontestável do sexo. Ainda que ambas autoras não recusem a materialidade do corpo, ou seja, sua existência biológica, a ousadia delas nos suscita a questionar a naturalidade do sexo, e a considerá-lo também discursivo e cultural como o gênero.

Para fundamentar essa audaciosa proposta que teve, e ainda tem, grande repercussão teórica, Butler (2010[1990]) interroga suas leitoras e leitores, se não teria o sexo uma história ou uma genealogia que exponha suas oposições binárias. Em outras palavras, a autora não nega, por exemplo, que pênis e vagina existam, mas explica que eles só têm algum sentido a partir de um olhar que é cultural e de um discurso que é construído. E esse discurso tem uma história, que é política, cultural, econômica e moral, assim como interesses gerenciados por meticulosos

códigos simbólicos e estratégicas redes de poder que incidem sobre a produção do masculino e do feminino<sup>23</sup>.

Tanto Scott, ao definir gênero como relações de poder, quanto Butler, ao sublinhar as concepções políticas que orientam a produção de saberes sobre sexo, nos deixam claro por meio da díade foucaultiana “saber-poder” que não há qualquer diferença entre sexo e gênero, e que, por isso, talvez sexo tenha sido gênero desde sempre.

A partir daqui, após desconstruir a estável ideia de gênero socialmente construído e perturbar a tranquilidade em que repousava sexo como um dado da natureza – a-histórico, pré-discursivo e imune a todo e qualquer barulho filosófico –, sou guiada pela leitura com Butler para um profundo trabalho discursivo e de estreita relação com o pensamento foucaultiano. Para esse debate, a noção de discurso é acionada para analisar a constituição do sujeito no contexto do sistema sexo/gênero. Deste ponto em diante interessa-me, portanto, o processo pelo qual o indivíduo vem a assumir sua posição como sujeito e os processos pelos quais a identidade de gênero é construída.

Antes de prosseguir, Butler alerta que, para uma investigação genealógica da constituição do sujeito, que vasculhe os modos como os discursos funcionam e não origens ou causas, é necessário compreender que “sexo e gênero são *efeitos* e não causas – de instituições, discursos e práticas –, que nos criam e nos causam ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero” (SALIH, 2015, p.21). Nesse sentido, não há sujeito anterior ao discurso, tampouco há identidade de gênero que não seja construída *no* e *pelo* discurso, por meio dos atos que executa (BUTLER, 2010[1990]).

Assim, nesse terreno discursivo da constituição do sujeito e das identidades, percebe-se que desde as reverberações de Simone de Beauvoir (1980[1949]) ao afirmar que “não se nasce mulher, tornar-se mulher” entender gênero como categoria que “se faz”, (e também desfaz), “se cria” e “se efetua” significa afirmar que as identidades generificadas e sexuadas são performativas.

Atenta ao pressuposto que sugere que sujeitos, assim como gênero são efeitos, sigo a emergência do uso de novas ferramentas, entre

---

<sup>23</sup> Sobre a desnaturalização do sexo, uma importante referência é a discussão do historiador Thomas Laqueur, que em seu livro “Inventando o sexo” (2001) descreve com detalhes as condições históricas e políticas que possibilitaram que as hierarquias de gênero fossem fundadas sob o status de Natureza. Ou seja, o modo como foi construída a diferença anatômica dos corpos a serviço das redes de poder.

elas o conceito-chave de performatividade, no qual Butler (2010[1990]) inspirada pelo filósofo da linguagem John Austin, propõe que a identidade de gênero é uma sequência de atos, uma estilização do corpo construída no discurso.

Diferente da ideia de “escolha” de um gênero ou de outro, a autora invoca a noção de sujeito como efeito para argumentar que não existe um ator encenando de acordo com sua preferência, mas interpretando suas normas. Essa forma de encenar/repetir não é sempre igual, pois cada sujeito organiza ao seu modo, ainda que sob formas cristalizadas e no interior de um quadro regulatório altamente rígido. Tal como indica Butler (2010[1990]), “fazer-se” sujeito e identidade de gênero a partir dos próprios atos, mesmo que restritos ao que temos na cultura, trata-se de uma tarefa na qual estamos empenhados desde sempre. Um modo de fabricação de si, no qual o próprio sujeito é objeto de seu fazer.

É importante enfatizar que, nessa proposta teórica de performatividade, a ação é protagonista, pois não há sujeito que preexistia ao ato, e sequer há identidade de gênero por trás das expressões. Para esmiuçar um pouco mais esse pensamento, tento aproximá-lo do que foi discutido anteriormente sobre a posição do sujeito e a experiência, uma vez que esses se fundem de tal modo que, às vezes, se torna confuso perceber que o sujeito se produz *na* experiência e não a *possui* ou existe antes dela. Do mesmo modo, observo que é comum a expressão de gênero ser tomada como resultado da identidade, quando o debate aponta o contrário, ou seja, que “a identidade de gênero é performativamente constituída pelas próprias expressões” (BUTLER, (2010[1990], p.48).

A partir dessa discussão, sigo adiante, ciente de que Butler (2010[1990]), ao problematizar o caráter performativo do gênero, está tomando o ato como propriedade da constituição do gênero, do corpo e das normas em geral. Com isso, tento acompanhar as práticas e funcionamentos da performatividade, e compreendo que sua repetição é uma forma de alteração sem origem, assim como sua citação é a assinatura de algo distante de um contexto original no qual, por efeito, a constituição do corpo se produz como sua própria paródia. Diante desses desdobramentos, farejo a formação de questões que me ajudam a seguir neste debate: Se a performatividade do gênero é uma prática de reiteração, o que estamos repetindo? E por que esta repetição é necessária? O que estamos assegurando quando fazemos gênero por meio de atos de repetição estilizada?

Considerando que Butler nunca perde de vista os efeitos da supremacia do sexo estabelecida no domínio do corpo, em 1993, no capítulo introdutório de seu livro “Bodies that matter<sup>24</sup>”, a filósofa recupera a ideia de performatividade como “prática reiterativa e citacional, pelo qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2010[1993], p.18). Nessa obra, ela aprofunda o pensamento ao salientar que é por meio da prática forçosa dos regimes sexuais regulatórios que se constitui a materialidade dos corpos. Trata-se, portanto, de uma norma que estabelece a produção da diferença a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.

Essa norma regulatória é apontada por Butler (2010[1993]) como o efeito mais produtivo do poder, pois é o imperativo do sexo materializado no corpo e encarnado como uma verdade sobre o sujeito, que possibilita certas identificações, na medida em que impede ou nega outras. Como assinala a autora, “são as normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior de uma inteligibilidade cultural” (BUTLER, (2010[1993], p. 19).

Sendo assim, ao performatizarmos gênero, estamos repetindo, encenando e colocando em funcionamento regimes que normatizam e governam a materialização e a significação dos efeitos materiais. Isso quer dizer que reiteramos discursos que produzem fenômenos que eles mesmos regulam e constroem, como bem demonstra a binariedade rígida e conformada que se impõe sobre gêneros, corpos e desejos.

A partir dessas pistas, amplio o debate experimentando alianças com a teoria *queer*<sup>25</sup> e dedico-me à investigação acerca da rede de circulação e dos efeitos do regime regulatório, nos quais importa o processo pelo qual uma norma corporal é assumida, apropriada, adotada, visto que, é nesse processo que o sujeito se constitui (BUTLER, 2010[1993]).

---

<sup>24</sup> No Brasil, o livro recebeu o título de “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo” e teve seu capítulo introdutório traduzido e publicado em 1999, no livro “O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade”, organizado por Guacira Louro.

<sup>25</sup> Assim como Butler (2008), não demarco fronteiras entre o feminismo e teoria *queer* por considerar que ambas possuem indissociáveis relações teóricas e políticas.

Para tanto, acompanho os efeitos do que a teoria *queer*<sup>26</sup> considera como principal norma que regula os corpos no campo da sexualidade, referindo-se à heteronormatividade como um dispositivo que naturaliza a heterossexualidade, ao mesmo tempo que a torna compulsória. Na definição de Lauren Berlant e Michael Warner (2002):

Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa desapercibida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral (2002, p.230).

Com base nessa ferramenta conceitual, nas duas últimas décadas a discussão *queer* vem demonstrando que desconstruir a pretensa naturalidade da relação entre sexo e gênero, exaustivamente problematizadas por Scott e depois Butler, faz parte de um trabalho ainda mais complexo que envolve implodir a estrutura que supõe sexo, gênero, sexualidade e desejo como condições inatas, inseparáveis e causais. Essa estrutura se expõe quando presumimos que alguém que é

---

<sup>26</sup> Política *queer* é a forma como um grupo de pesquisadoras e pesquisadores passaram a situar seus trabalhos e perspectivas teóricas a partir dos anos 1990. (LOURO, 2004). Nesse período histórico marcado pelos impactos da aids e da normalização das sexualidades, importantes nomes do cenário feminista como Judith Butler, Gayle Rubin, Teresa de Lauretis, Eve Sedgwick, entre muitas outras, impulsionaram a difusão do movimento *queer* como uma política pós-identitária que visa desconstruir todas as identidades sexuadas e generificadas. Adotando o termo *queer* que tem como tradução ridículo, estranho, excêntrico, e também é um termo pejorativo usado para xingar gays, travestis e lésbicas, a teoria tem como objetivo provocar e dar um novo significado ao termo, passando a entender *queer* como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas. A proposta engloba uma aliança entre teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalistas que partilham do interesse em analisar os efeitos das normalizações e contestar a estabilidade e a determinação das identidades e produção de categorias (SALIH, 2015).

biologicamente fêmea exibirá, por efeito, traços femininos, e pela mesma lógica, a naturalização de sua orientação heterossexual e de seu desejo por homens surgem tomadas pela obviedade precária, solidificada e irredutível da heteronormatividade<sup>27</sup>.

Essa ficção reguladora do gênero se instaura por meio da violência da norma, que não só exige a heterossexualidade compulsória, como também demonstra que o gênero é uma performance com consequências punitivas, uma vez que punimos aqueles que ‘falham’ diante da expectativa de coerência e desumanizamos as sexualidades e gêneros não-normativos.

É importante enfatizar que a violência normativa não diz respeito a um certo tipo de violência que se torna a norma, mas a violência das normas que incidem sobre a inteligibilidade humana, sobre a capacidade de ser reconhecido como um sujeito, e que por assim operar, caracteriza-se como uma violência primária que se dá “dentro” do processo de formação da subjetividade (TONELI; BECKER, 2010).

Portanto, a heteronormatividade não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, segundo Richard Miskolci (2007, p.5-6) “é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar a todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade”.

Após partilhar dessa trajetória que me ajuda a delinear o que, afinal, estamos reiterando com nossa performatividade de gênero e, principalmente, as normas que mantemos e as vidas que legitimamos com essa prática, incluo como atualização do conceito de heteronorma a discussão que vem sendo construída pelo movimento transfeminista no Brasil acerca da cisnormatividade. A proposta do uso político do prefixo “cis” para designar pessoas cujo sexo declarado ao nascimento condiz com sua performatividade do gênero tem como principal objetivo denunciar o discurso de naturalização das identidades cis, mostrando que elas são tão construídas quanto as identidades travestis e trans.

---

<sup>27</sup> No que diz respeito ao conceito de “heteronormatividade”, “heteronorma” ou “norma heterossexual” e a prescrição da heterossexualidade como modelo social, saliento a importância histórica e política que teve o conceito de “heterossexualidade compulsória” operado pela poetisa feminista Adrienne Rich (2010[1980]). Além de lançar pistas para o que seria mais tarde a discussão *queer* em torno da heteronorma, Rich já situava as dimensões da instituição política que constrói a heterossexualidade como inata e mantida pela supremacia masculina.

Pelas redes do ativismo virtual autorxs transfeministas brasileirxs como Jaqueline de Jesus, Hailey Kaas, Bia Bagagli e viviane v. nos convocam a desnaturalizar as identidades cisgêneras expondo o sistema de privilégios que as mantém como normais e trazem para o campo de análise os efeitos do cissexismo. São eles, a patologização das identidades que transgridem a coerência sexo-gênero e todas as vulnerabilidades que negam e impossibilitam direitos às pessoas travestis e trans (BONASSI et al., 2015).

Assim, investir no termo cisheteronorma significa promover uma discussão para além da heteronorma e seus efeitos, pois não só questiona a compulsoriedade da heterossexualidade, mas também da cisgeneridade. Significa também uma forma política de nos defrontar com a insuportável certeza de que a cobrança pela suposta coerência entre anatomia e gênero esmaga todos os corpos, porém reconhece a inteligibilidade humana de uns e não de outros.

Em suma, a historicidade da categoria gênero, desde as teóricas pós-estruturalistas, transitando pelo feminismo, pela teoria *queer* e, mais recentemente, pelo transfeminismo demonstra que o conceito se tornou não apenas uma categoria de análise, mas também um elemento teórico e político que torna visível a reiteração obrigada da norma e, conseqüentemente, a produção das diferenças. Ao fazê-lo funcionar nesta pesquisa, firmo tratos para que me acompanhe pelos movimentos deste mapa-tese como um “artifício à deriva” (BUTLER, 2010[1990], p.06) que me permite analisar as irrupções, as possibilidades de resistência e reinvenção de gêneros e sexos que traçam caminhos próprios e descontínuos no jogo de tensões com as limitações do poder.

Enfim, após experimentar diferentes superfícies teóricas e atalhos conceituais para compor a caixa de ferramentas desta tese, finalizo essa seção, munida de conceitos que me auxiliam a estar atenta às estruturas de poder que mantêm as relações. Operadores conceituais que me aparelham para vigiar os modos como os discursos funcionam e os propósitos políticos que eles cumprem (SALIH, 2015).

Em vista disso, após fraudar e poluir as certezas e purezas que circundam conceitos tão caros ao pós-estruturalismo, como sujeito, subjetividades, experiência, sexualidade e gênero, faço uso dos conceitos como provisórios e não como chaves mestras, simplesmente servem como ferramentas para explorar um determinado assunto em um contexto situado e definido. Nesse campo investigativo, servem para buscar formas de compreender práticas discursivas e analisar os efeitos das normatizações e normalizações que incidem sobre a constituição dos sujeitos, seus corpos, seus desejos e relações de afeto.



## 2.2 MEU MARIDO DÁ UMA TESE! MAPEANDO DISCURSOS NA FABRICAÇÃO DA CATEGORIA MARIDO

*A quem oprimo ao construir uma identidade coerente para mim mesma ou ao fabricar minha própria identidade?*

*Judith Butler – What's Left of Theory? (2000)*

*É sobre maridos? Ah pode deixar que já vou falar com o meu! Tu precisa conhecer meu marido, meu marido dá uma tese! (Diário de campo, junho de 2013).*

Desde que me propus a escrever uma seção que se debruçasse sobre os discursos científicos produzidos sobre maridos, sou tocada pelas reminiscências dessa conversa que tive com uma das esposas, ao compartilhar com ela minhas intenções de pesquisa. Num tom bastante receptivo à proposta e com certo estranhamento por não ter sua história como foco principal do trabalho, – pois, segundo ela, estava adaptada a ter apenas sua vida como objeto de pesquisas<sup>28</sup> –, mostrou-se surpresa, porém, bastante interessada diante da especificidade do assunto. *Mas... alguém fala deles?* Perguntou-me ela.

Familiarizada com a realidade de algumas travestis e mulheres trans que me acompanharam em pesquisas anteriores, no entanto longe de qualquer análise interpretativa, ouvi a pergunta compreendendo que trazia consigo provocativas interrogações: a história destes homens importa? Eles existem para alguém?

Apreendi com essas esposas e namoradas, antes mesmo de iniciar as entrevistas com seus companheiros, que a existência da categoria marido depende diretamente da inteligibilidade do amor em suas histórias. Isso significa que, para que eles existam discursivamente, é preciso que antes sejam reconhecidas as possibilidades dos laços amorosos na vida das travestis e mulheres trans. Ou seja, exige que a existência delas seja legitimada como humana e desejável, esgarçando,

---

<sup>28</sup> Sobre o expressivo número de pesquisas produzidas no país a respeito das mulheres travestis e trans, realizei, juntamente com Talita Caetano Silva, Karla de Oliveira Cruz e Maria Juracy Toneli, um minucioso mapeamento bibliográfico que resultou no artigo “Do Travestismo às Travestilidades: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010”, publicado em 2014, na Revista Psicologia e Sociedade.

assim, as fronteiras da abjeção que coisifica os seus desejos e afetos, tornando-os impensáveis.

Nesse contexto, em que a emergência da categoria marido surge no emaranhado dos afetos, dos discursos e, principalmente, da condição de humanidade, pude perceber que, para as esposas com as quais conversei, seus maridos não só existem como têm algo para contar, alguma coisa para contribuir. Enfim, rendem uma tese.

Assim, inspirada pelos diálogos com as esposas e pela formalidade estrutural de apresentar na tese uma revisão de literatura, parto à procura desses novos elementos que contextualizam o tema e me auxiliam na composição desta pesquisa-mapa. Atenta às redes discursivas, vou tentando me embrenhar no trançado dos seus enunciados, acompanho a forma como produzem e colocam em funcionamento a invenção de categorias.

Nessa busca por trabalhos científicos, mais do que contar a maneira como os maridos vêm fazendo parte das pesquisas, esse levantamento apresenta as condições pelas quais os homens que se relacionam com as travestis e mulheres trans foram sendo, discursivamente, descritos e fabricados no contexto brasileiro.

Invisto em uma revisão que se proponha crítica e em minhas primeiras derivas exploratórias sobre o tema, percorro com o pesquisador Hélio Silva a movimentada Lapa (RJ) dos anos 1990. Ao contar um pouco da história das travestis que batalham<sup>29</sup> nesse território carioca, o pesquisador transita entre a rua, a casa e os bastidores dos programas de televisão onde algumas delas, semanalmente, participam dos concursos de transformistas<sup>30</sup>. É nesse contexto que o trabalho de Hélio Silva (2007) – uma das primeiras publicações sobre o tema – não apenas acompanha de perto as rotinas, as relações e as vulnerabilidades, vivenciadas naquele momento pelas travestis como também já anuncia a importância que os relacionamentos amorosos têm na vida de suas entrevistadas.

Na pesquisa etnográfica de Silva (2007) os *namorados, maridos e bofes* que se interessam pelas travestis e mulheres trans se caracterizam, em sua maioria, como homens jovens, oriundos de classes populares,

---

<sup>29</sup> Gíria usada pelas pessoas travestis e trans para se referirem ao trabalho sexual, o mesmo que *fazer pista* (PELÚCIO, 2009).

<sup>30</sup> Entre 1980 e 1990 eram muito populares no Brasil os programas de televisão que exibiam entre suas atrações musicais os concursos de transformistas. Os quadros mais conhecidos eram o “Eles e Elas” do Programa do Bolinha e o “Show de Calouros” do Programa Sílvio Santos.

que se dividem entre seus casos com várias travestis e o casamento com uma mulher cisgênera. A obra que traz poucas e raras histórias de amor, em contrapartida, apresenta detalhadas descrições e impressões pessoais do pesquisador no que diz respeito às desilusões amorosas vividas pelas travestis com seus companheiros. Em síntese, as relações conjugais aparecem quase sempre atormentadas pelo medo, pela solidão e pelos interesses financeiros.

Sobre isso, algumas passagens da pesquisa retratam o constante medo do abandono vivido por aquelas que não conseguem sustentar financeiramente seus maridos, pois esses, geralmente, não trabalham ou exercem funções pouco remuneradas. Como consequência, paira sobre o cotidiano dessas travestis a constante ameaça de traição do marido e o medo de perdê-lo para outra que tenha melhores condições financeiras e, em vista disso, possa proporcionar a ele uma vida mais confortável.

Cenas de solidão em datas comemorativas como Natal, Ano Novo e aniversários, também são narradas por aquelas que dividem seus namorados com uma esposa cisgênera, especialmente, quando esta tem filhos. Do mesmo modo, episódios de violência física e verbal são descritos na pesquisa como parte dos relacionamentos conjugais entre as travestis e seus companheiros (SILVA, 2007).

É importante destacar que, neste trabalho, a visão do pesquisador sobre os maridos é construída a partir de suas observações de campo e das conversas informais que teve sobre assuntos aleatórios. Não há, portanto, qualquer tipo de entrevista ou análise mais aprofundada acerca das experiências desses homens.

Ainda na década de 1990, outro antropólogo que se dedica a etnografar as experiências das travestis brasileiras é Don Kulick. Em 1996, o antropólogo sueco se muda para o Brasil e aluga um quarto em uma casa com 13 travestis em Salvador (BA). Morando nos arredores do Pelourinho, uma zona histórica e turística da cidade, e convivendo diariamente com as travestis que lá vivem e trabalham, Kulick (2008[1998]) descreve com intimidade as trajetórias de construções corporais, a prostituição, a religiosidade, os relacionamentos e o modo como as travestis entendem suas próprias realidades.

Além das descrições detalhadas, comuns aos estudos etnográficos, o que mais chama atenção nesse pesquisador é seu olhar estrangeiro, não somente em relação às experiências das travestis e mulheres trans, mas também seu estranhamento no que diz respeito à língua, à cultura e às formas pelas quais as travestis são inseridas (ou não) no contexto brasileiro.

Ainda que Kulick (2008[1998]) relate ter passado alguns meses sem conseguir se comunicar e compreendendo pouco dos diálogos que tentavam estabelecer com ele, seu olhar atento a todo tipo de código territorial propicia relatos minuciosos que abrangem desde as vivências domésticas até o que ele chama de “práticas espetaculares”, os delitos e situações perigosas provocadas pelas travestis (KULICK, 2008[1998], p.24).

Segundo ele, esses acontecimentos costumam ser muito potencializados por outras(os) pesquisadoras(es), colaborando para que a imagem das travestis continue sendo estigmatizada como exóticas e ameaçadoras, por isso suas investidas consistem em não omitir esses fatos ou julgá-los, tratando-os com a mesma trivialidade das rotinas do dia a dia. Tal como fazem suas entrevistadas, amigas e colegas de casa ao narrarem, de forma desinibida, seus feitos ao *azuelar uma mariconã*<sup>31</sup>.

Envolvida por seus escritos antropológicos-afetivos, arrisco afirmar que esse grande interesse pelas experiências das travestis num sentido mais amplo e menos romantizado; a intimidade cotidiana de dividir com elas as funções domésticas, a pobreza e a sujeira com que descreve o lugar em que residem; bem como seu esforço diário em se descolonizar como “gringo” que exotiza o Brasil, fazem com que Kulick (2008[1998]) problematize, entre outras questões, o que ele chama de “vida privada” das travestis que se prostituem.

Ao questionar estudos acadêmicos sobre prostituição que reduzem seus sujeitos apenas ao trabalho, como se fosse o exclusivo modo do qual vivem, amam e se relacionam com o mundo, Kulick (2008[1998]) lança pistas dos caminhos que irá seguir para tatear a existência dos maridos no território da travestilidade.

Residindo com as travestis e, desta maneira, partilhando com elas a vida privada, o curioso antropólogo logo constata que os *maridos*, *bofes*, *ocós*, *homens* e *machos* “são uma referência central e constante na vida delas”. Talvez pelas limitações linguísticas e culturais em meio a tantas gírias, termos de origem africana (como *ocó*, por exemplo), e até mesmo, expressões tradicionalmente maritais ressignificadas pelas travestis, o pesquisador, por vezes, se permite resumir todas essas expressões ao termo *namorado*. E é nesse sentido que descreve suas primeiras impressões sobre esses relacionamentos conjugais nas quais, segundo ele, “os namorados consomem uma enorme quantidade de

---

<sup>31</sup> Gíria que se refere a “roubar um cliente”.

tempo, das conversas, dos pensamentos – sem falar do dinheiro das travestis” (KULICK, 2008[1998], p.114).

A partir dessa constatação, é possível perceber que Kulick (2008[1998]), do mesmo modo que Hélio Silva (2007), já apontava para duas dimensões essenciais que circundarão sua discussão sobre os maridos: a significativa importância que esses homens têm na vida das travestis e o interesse financeiro que os mantêm nesses relacionamentos.

Sem escapar muito desses dois aspectos, Kulick (2008[1998]) apresenta interessantes diálogos sobre o que pensam as travestis a respeito dos maridos, além de trazer à cena a singularidade que representa, naquele contexto, uma jovem manter relacionamento com outra travesti que se prostitui junto com ela<sup>32</sup>. Os tensionamentos causados por essa travesti, que não vê problemas em ser “acusada” pelas amigas de ser *casada com uma bicha*, rende relevantes discussões entre elas. Em sua narrativa, homem em casa é sinônimo de prejuízo financeiro, incômodo e violência conjugal. Já outras, sentem-se ofendidas com essa insinuação e defendem seus relacionamentos. Afirmam não se incomodar em dar todo seu dinheiro aos companheiros, desde que eles não tentem roubá-las ou tirá-lo à força. Para essas, ter seu marido chamado de *viado* é a pior das ofensas.

Na descrição do parceiro ideal, as entrevistadas de Kulick (2008[1998]) nunca deixam de mencionar que os maridos devem respeitá-las e, principalmente, temê-las, por isso sustentar seu homem financeiramente, para elas, se justifica como uma forma de exercer poder sobre eles. Nos relatos, também faz parte do perfil do parceiro ideal aquele que evita a companhia de gays e de outras travestis e que se mantém sempre dentro de casa, sem importar que isso o caracterize como um *bofe preguiçoso*.

Quanto ao perfil dos homens pelos quais as travestis dessa pesquisa se mostram atraídas, não mudam muito em relação aos achados de Hélio Silva (2007). São descritos por elas como jovens, bonitos, musculosos, tatuados e, geralmente, não trabalham. Uma das travestis explica ao pesquisador que o principal motivo dos conflitos entre elas, quando o assunto é marido, se dá por que a maioria dos namorados reside nas redondezas e já se relacionou com várias delas. Ela explica também que um homem, ao namorar uma travesti, passa imediatamente a despertar o interesse das outras, especialmente, se há rumores sobre

---

<sup>32</sup> Don Kulick não faz referência ao relacionamento entre duas travestis e sim, “de uma jovem travesti com um jovem que se vestia como mulher e se prostituía à noite, não raro em sua companhia” (2008, p.115).

seu “valor genital<sup>33</sup>”. Com isso, Kulick (2008[1998]) conclui que o mercado matrimonial das travestis é limitado, por isso tão disputado e motivador de conflitos, mágoas e depressões como algumas histórias relatadas em sua pesquisa.

Outra questão narrada pelas travestis de Salvador é a certeza de que um “homem de verdade”, – ou pelo menos com os atributos físicos e comportamentais do que elas consideram como homem –, não se apaixona por uma travesti. Baseadas na crença de que homens apenas gostam de mulheres cisgêneras, as entrevistadas por Kulick (2008[1998]) não demonstram expectativas de retribuição de amor. Há inclusive aquelas que acreditam que homens nunca se apaixonam, nem mesmo por mulheres cisgêneras. O que parece contribuir para confirmar a ideia de que a relação amorosa de uma travesti só é possível se caracterizada por intenso fluxo de dinheiro e presentes.

Sobre isso, a pesquisa traz longas passagens e uma entrevista realizada com o ex-namorado de uma das travestis. Na entrevista, um dos trechos que considero mais marcantes é quando ele explica ter aprendido desde cedo que: “Viado dá dinheiro. Viado pra gente é... É uma fonte de renda” (KULICK, 2008[1998], p.130). A partir das discussões traçadas pelo pesquisador, entende-se que há uma relação indissociável entre a conjugalidade e o que ele chama de “exploração dos *gigolôs*<sup>34</sup> gananciosos” (p.129). Nesse sentido, ele reforça a ideia de que uma travesti pobre nunca terá condições de ter um namorado, tampouco será desejada, uma vez que apenas é possível conquistá-los mediante dinheiro e bens materiais.

Para finalizar, o antropólogo sueco tenta entender como as travestis realizam o desejo de se sentirem mulheres e empenha-se em desvendar qual o papel que seus homens exercem nisso. Em síntese, distante de qualquer discussão crítica a respeito da desconstrução dos gêneros, dos corpos e sexualidades, o pesquisador parece querer escrutinar como as travestis e seus maridos fazem sexo. Ao investir nisso, ele reconhece na fala de suas entrevistadas a lógica heteronormativa que condena nos maridos a passividade sexual,

---

<sup>33</sup> Conforme as entrevistadas, homens com pênis/*neca* de tamanho avantajado são considerados um grande atrativo e causam alvoroço quando a notícia se espalha. Não em vão, é comum alguns se tornarem namorado de uma e *vício* de outra. Os *vícios* são homens com quem as travestis fazem sexo gratuitamente por se sentirem atraídas por eles (KULICK, 2008[1998]).

<sup>34</sup> O termo *gigolô* neste contexto se refere ao homem que vive às custas das travestis.

considerando o desejo por penetração anal uma inadmissível fragilidade masculina associada às práticas homossexuais.

Na mesma linha de raciocínio, elas afirmam que ter seu pênis tocado pelo marido denuncia sua legitimidade, mesmo que alguns homens tenham relatado ao pesquisador que, por vezes, é necessário ter que “se autocontrolar” para não deslizar e perder o respeito da esposa. Conforme algumas, ser passivo sexualmente e desejar sua genitália automaticamente os faz *viado* e isso as faz se sentir menos mulheres. Com isso, Kulick (2008[1998]) conclui, sem muitas discussões, que as travestis não precisam de seus namorados para sexo, pois “elas não obtêm sexo dos homens, mas sim gênero” (p.147) ao se sentirem desejadas como mulher.

Nessa obra, não fica muito evidente se os maridos descritos assumem socialmente as relações conjugais com suas esposas travestis. A maioria são descritos como homens que passam a maior parte do tempo se drogando em casa ou vivem clandestinamente os relacionamentos por já serem casados. Não há referência à vida social e familiar entre as travestis e seus companheiros, além das interpretações do autor apresentarem questões problematizáveis quanto ao desejo, afeto e práticas sexuais desses homens, que discutirei mais profundamente nos próximos capítulos desta tese.

Dando seguimento a essa incursão bibliográfica, poucos anos depois, em 2000, os espaços públicos de prostituição, onde *fazem pista* as travestis de Porto Alegre (RS), tornaram-se o foco da etnografia do pesquisador Marcos Benedetti. Com ele, circulo pelas ruas, festas, pensões e pelos territórios que colocam em movimento as engenharias corporais na fabricação do feminino, isto é, pelos salões de beleza, lojas de roupas, depiladoras, farmácias e bombadeiras.

Comparada às obras de Silva (2007) e Kulick (2008[1998]), a pesquisa de Benedetti (2005)<sup>35</sup> propõe a produção de um campo mais amplo de análises, contextualizando a partir de discussões teóricas, – próprias da sociologia e da antropologia –, as questões de gênero, sexualidade, corpo e o leque de possibilidades nas transformações de gênero, que ele define como “universo trans” (BENEDETTI, 2005, p.17).

---

<sup>35</sup> Observa-se que a ordem cronológica das publicações não acompanha exatamente o momento histórico da realização de cada pesquisa. Lembrando que Hélio Silva menciona seus estudos a campo no início dos anos 1990, Don Kulick entre 1996 e 1997 e Marcos Benedetti em 2000.

Passo a passo das técnicas corporais exercidas pelas travestis, tais como hormonização, uso do silicone líquido, inserção de próteses, depilações a laser, etc., são descritas pelo pesquisador que, mesmo com poucas referências bibliográficas produzidas até aquele momento, analisa e aproxima as trajetórias de suas entrevistadas às histórias contadas por outras etnografias. Além das transformações corporais, a prostituição, a violência da rua, as complicações do HIV/aids e a exclusão social também são trazidas ao debate.

A atenção vigilante do etnógrafo verifica, sem muitas dificuldades, o lugar que a expectativa por um relacionamento ocupa na vida das travestis. Ao notar que a maior parte de suas entrevistas relata desejar ter um marido que as ame e, segundo elas, *que as faça sentir mulher*, Benedetti (2005) vai além da constatação, trazidas de antemão por outros pesquisadores, sobre a relevância desses homens na experiência trans. Esse autor sugere que o desejo dos maridos está amalgamado à construção do feminino das travestis. Para ele, “é o primeiro e mais eficiente contraponto a todos os investimentos materiais e simbólicos por elas empreendidos. Sentir-se desejada como mulher é uma meta onipresente nos discursos das travestis e parece se constituir mesmo como um objetivo [...]” (BENEDETTI, 2005, p.118).

Por essa proposição, observo que tanto Kulick (2008[1998]) quanto Benedetti (2005) concentram suas análises no desejo dos maridos como alicerce estrutural na constituição simbólica e material do gênero, corpo e sexualidade das travestis. Sobre isso, permito-me desconfiar: O que implica sentir-se desejada como mulher? A partir desses discursos seria possível reconhecer o desejo, para além do desejo sexual? Qual posição de sujeito pode ser ocupada pelos maridos nestes enunciados sobre o desejo? Essas são, pelo menos, algumas das suspeitas que me interrompem temporariamente nesse trajeto.

Sigo mais um pouco e acompanho a associação que Benedetti (2005) faz entre as descrições das travestis sobre o companheiro ideal e as transformações de gênero que elas vivenciam. Com declarações nada muito diferentes do que já foi mencionado em pesquisas anteriores (SILVA, 2007; KULICK, 2008[1998]), os homens pelos quais as travestis de Porto Alegre se interessam devem ser o “mais masculinamente possível” (BENEDETTI, 2005, p.119). Isso indica que não basta ser homem, no sentido biológico, é necessário que se tenha também práticas sexuais ativas. Sobre essa exigência, o pesquisador analisa que o sistema binário e hierárquico ativo/passivo é uma construção não apenas do universo trans, mas culturalmente arraigado na produção da sexualidade brasileira. Trata-se de uma ordem cultural e



moral que incide sobre as relações sexuais de um modo geral, sustentando a visão da homossexualidade como formas de se relacionar pervertidas e degeneradas.

As entrevistadas dessa pesquisa também relatam o casamento de seus *bofes* com mulheres cisgêneras e o quanto isso faz deles homens ainda mais viris. As travestis entendem que o fato de seus namorados gostarem de “mulher de verdade”, além de assegurar a masculinidade deles, não coloca em risco suas identidades de gênero enquanto mulher trans. Por essa lógica, o desejo pelo pênis da esposa é igualmente considerado nesse estudo como uma prática que exclui esses homens do “mercado matrimonial” das travestis.

Sobre o perfil dos maridos, as travestis entrevistadas por Benedetti (2005) citam características já conhecidas em outros trabalhos no que se refere à classe social, tipo físico, dotes genitais e o modo como seus namorados transitam entre um relacionamento e outro com várias travestis (SILVA, 2007; KULICK, 2008[1998]). O que esse autor acrescenta em relação aos atributos desta masculinidade estereotipada é a atração que suas interlocutoras dizem sentir por homens que já tenham se envolvido em situações de violência e contravenções, sendo alguns descritos por elas como homens, sedutoramente perigosos, com passagem pelos presídios. Junto a isso, a agressividade e a brutalidade são alguns dos comportamentos que marcam as histórias entre essas travestis e seus maridos.

Nesse estudo, mesmo sem enfatizar o interesse financeiro desses homens, o antropólogo não deixa de mencionar o papel de esposa provedora exercido pelas travestis, acrescentando a isso relatos sobre maridos que se tornam parceiros de pequenos furtos e golpes com suas esposas. Enfim, sem se referir a qualquer tipo de conversa ou contato mais próximo com os companheiros das travestis com as quais conviveu, Benedetti (2005) descreve a existência desses homens sempre a partir da narrativa das esposas ou daquelas que gostariam de ter um marido. Em linhas rápidas e gerais, o autor até faz alusão às “relações afetivas” no título da seção dedicada aos relacionamentos amorosos, porém não amplia a discussão para além da exploração financeira.

Antes de seguir adiante com essa revisão, apresento rapidamente um panorama importante sobre as produções acadêmicas nas quais estou me debruçando. Tomando como ponto de partida a pesquisa de Marcos Benedetti realizada em 2000, é interessante notar que há um significativo interesse das(os) pesquisadoras(es) pelas experiências travestis e trans no Brasil, nos últimos anos. Mostra disso é que entre 2001-2005 a média de publicações sobre o assunto girava em torno de

4,8 trabalhos ao ano, muito diferente dessa média, o período que compreende 2006-2010 apresenta por volta de 13,4 trabalhos publicados ao ano sobre as travestis e mulheres trans, em bases de dados virtuais em língua portuguesa<sup>36</sup> (AMARAL et al, 2014).

Observa-se que, nesse período, as pesquisas são tomadas por uma gradativa influência da teoria *queer*, das críticas pós-estruturalistas e por uma crescente visibilidade das pessoas travestis e trans no campo dos movimentos sociais. Nesse sentido, à medida que os estudos passaram a acompanhar as transformações nas terminologias usadas para conceituar as experiências trans<sup>37</sup>, percebe-se uma mudança também no modo de analisar e tecer as discussões acerca dessas realidades. Nota-se, com isso, um olhar menos descritivo e prescritivo das experiências e um posicionamento mais crítico e engajado na produção de alguns trabalhos.

Nessa perspectiva, posso afirmar que a maioria dos trabalhos sobre/com as travestis e mulheres trans produzidos nos últimos anos, em algum momento, anuncia a existência da categoria marido. Entretanto, ainda assim, poucos se dispõem a problematizar de forma mais aprofundada essas experiências ou até mesmo conseguem ter acesso a eles. Por consequência disso, invisto deste ponto em diante apenas nos trabalhos que trouxeram algum tipo de problematização significativa sobre os maridos, namorados ou acerca das conjugualidades.

Levada por esta nova onda de produções sobre/com as travestis e mulheres trans sou seduzida pelas incursões etnográficas da tese de Larissa Pelúcio, realizada em 2007, em territórios da prostituição de São Paulo e São Carlos (SP). Durante sua pesquisa, os encontros com *maridos*, *bofes*, *mariconas* e *vícios* e tantas outras gírias pelas quais ela

---

<sup>36</sup> Esses números dizem respeito a um levantamento realizado em 2012 e revisado em 2014 a respeito das teses, dissertações, monografias, artigos científicos e resenhas que constam nas bases de dados virtuais e de livre acesso BVS-Psi, Scielo, Domínio Público e Banco de Teses e Dissertações da Capes.

<sup>37</sup> Diz respeito à transformação histórica e gradual dos termos que se referem às pessoas travestis e trans, de modo a acompanhar as reivindicações políticas e sociais. Dentre eles estão o uso dos termos travestismo, transvestitismo e transgêneros em um determinado período, seguidos da transição para o uso da expressão travestilidade(s) (AMARAL et al, 2014). No atual contexto, a expressão “trans” também tem sido utilizada de forma expressiva entre os movimentos sociais e nas pesquisas acadêmicas como um termo “guarda-chuva” que abriga diferentes transições de gênero. Sobre isso, faço alguns apontamentos ainda nesta seção.

descreve os diferentes sujeitos que deslizam pelo universo das travestilidades, proporcionam importantes e raras discussões acerca dos arranjos conjugais. Em um dos capítulos, dedicado à análise da rigidez dos gêneros e à fluidez dos corpos desses homens, é inevitável não se deixar capturar pela fala de um dos maridos ao ensinar a pesquisadora que: *Travesti não tem namorado, travesti tem marido!* (PELÚCIO, 2009, p.77).

Ainda que trabalhos anteriores (SILVA, 2007; KULICK, 2008[1998]; BENEDETTI, 2005) e, sobretudo, os mais atuais demonstrem que as expressões usadas para definir esses homens são bem mais elásticas e escorregadias do que supõe essa afirmação, Pelúcio (2009) amplia o debate, ao analisar o termo marido muito mais como uma gíria do que a referência a um laço conjugal na qual se presume a monogamia e a procriação.

Conforme a pesquisadora, a categoria marido se distanciaria dos compromissos conjugais que envolvem os relacionamentos heterossexuais de classe média, como as sociabilidades com amigos, parentes e passeios em locais públicos, tais como shopping, bares, praia, etc. No entanto, salienta que os roteiros conjugais instituídos socialmente nunca deixaram de ser atrativos, inclusive, para as travestis, que declaram também almejar relacionamentos nos moldes daquilo que se produziu como “bem-estar” e “qualidade de vida” que incluem ter casa, marido, tranquilidade financeira, trabalho (fora da prostituição) e filhos.

Por se tratar de uma pesquisa que tem como objetivo discutir o modelo preventivo para DST/aids entre as travestis que se prostituem, Pelúcio (2009) traz importantes diálogos sobre o tema e o modo como isso se insere nas relações conjugais das travestis e seus maridos, especialmente, quando a esposa se prostitui ou ambos são soropositivos. Por esses rastros, a autora consegue tramar algumas diferenças entre as práticas e moralidades que envolvem os homens da rua (clientes) e o homens de casa (maridos), ou seja, os comportamentos que colocam em evidência a espacialidade com que os homens transitam na vida das travestis.

Ao traçar uma reflexão acerca do que as travestis consideram homem de verdade, Pelúcio (2009) não se limita a explorar isso como um perfil, aparentemente, hegemônico de padrões físicos e de conduta sexual do imaginário erótico-afetivo das travestis, a pesquisadora se empenha em percorrer as redes que ligam o amor, o afeto e suas relações com o uso do preservativo. Sua análise tensiona o discurso heteronormativo trazendo ao campo da visibilidade aspectos que

balizam considerações, constantemente, reiteradas pelas travestis quando se refere ao homem de verdade. Entre elas, estão os sentidos atribuídos às relações de seus maridos com mulheres cisgêneras e o complexo jogo de proibições que regram as posições sexuais.

Se por um lado Silva (2007), Kulick (2008[1998]) e Benedetti (2005) descreviam as relações dos maridos das travestis com uma mulher cisgênera como algo que os torna mais masculinos, Larissa Pelúcio (2009) complementa e traz novas perspectivas para o debate, ao perceber que esses relacionamentos também são vistos como “menos perigosos” no que diz respeito às doenças sexualmente transmissíveis. Diferente das *mariconas*, como são conhecidos os clientes que procuram as travestis para relações sexuais passivas, as travestis entendem que seus maridos por não terem relações sexuais anais com homens e, por fazerem sexo com mulheres cisgêneras, são mais limpos. Tal pureza lhes é conferida por exibirem algo muito valorizado e coerente à heteronorma, a aparente “fixidez de suas performances em um dos polos do binarismo de gênero” (PELÚCIO, 2009, p.83).

É a partir disso que Pelúcio (2009) analisa que, para além do espaço da rua/pista, o discurso da prevenção e do sexo seguro, faz pouco sentido entre as travestis quando estão em questão a longevidade da relação e o vínculo sentimental. Com os maridos são acionadas práticas, sentimentos e regras mobilizadas pelo desejo, afeto e amor, como bem lembra uma de suas entrevistadas, existe com eles “aquela coisa de pele” (p.82). Percorrendo essas narrativas a contrapelo, a pesquisadora não somente constata que é no âmbito do afeto e do privado que o uso do preservativo se torna ainda mais problemático, ela também lança luzes à fronteira que separa as práticas e as relações das travestis entre a casa e a rua.

Outro ponto interessante na pesquisa de Pelúcio (2009) são as narrativas mais flexíveis e menos sexuais acerca da virilidade. Mesmo dentro dessa lógica, supostamente, rígida que caracteriza os homens viris como aqueles que são ativos sexualmente e mantém uma distância segura do pênis da esposa, a pesquisadora provoca fissuras nesse quadro normativo destacando relatos em que a masculinidade do marido não está diretamente localizada na cama, mas visível em suas práticas sociais. Ser assumida socialmente por seu companheiro é narrada por uma das entrevistadas como a grande marca de um “homem viril” e “de verdade” (PERES, 2005; PELÚCIO, 2009). Nesse conjunto que valoriza a coragem e prevê um alargamento das normas e condutas, a relação sexual também parece ser entendida e exercida com maior liberdade.

Explorando ainda mais as possibilidades de relações afetivas e sexuais das travestis e mulheres trans, Pelúcio (2009) é uma das poucas pesquisadoras que transita pelo clandestino espaço da virtualidade e se dedica a entrevistar homens *T-lovers*. Apesar de ser uma discussão pelos quais os caminhos tomados pela pesquisa me distanciaram, quando escolhi narrar experiências de maridos que assumem suas companheiras trans, é importante mencionar sua relevância e contribuição nesse cenário escasso de produções que potencializem o amor e o desejo.

Ainda com Larissa Pelúcio (2006), perambulo pelas histórias de três casamentos com diferentes configurações. Trata-se de um artigo, fruto do projeto da tese, em que a pesquisadora analisa o modo como essas experiências conjugais se articulam com a matriz heteronormativa e os limites impostos pelo essencialismo que atam as possibilidades de gênero e sexualidade.

Ao abordar a vida íntima de três casais compostos por travestis que se prostituem, é interessante observar a forma como o trabalho sexual das esposas emerge como um campo de problematizações. A partir das falas das esposas, a prostituição se sobressai como uma espécie de “estigma que pesa sobre elas e contamina seus parceiros”, o que colabora para dificultar as possibilidades de uma vida social entre o casal (PELÚCIO, 2006, p.524). Nesse contexto, a clandestinidade imposta pelo trabalho desperta incômodo, tristeza e, em alguns casos, bastante insegurança diante do medo que as travestis relatam ter em perder o marido. Uma das entrevistadas conta ter muito ciúme, por temer que ele não suporte o estigma de estar vivendo ao lado de uma travesti que se prostitui e que, por isso, não consiga sustentar a ideia de estar casado às escondidas.

Por essas linhas, Pelúcio (2006) mais uma vez chama atenção para a valorização do homem de verdade como aquele que assume sua esposa, ao mesmo tempo que salienta as dificuldades vividas por alguns em “bancar” esse desejo/relação. Condições que, muitas vezes, podem levar estes maridos a preterirem suas esposas trans e retomarem relacionamentos com mulheres cisgêneras.

Sobre essa última questão, a pesquisadora vai mais adiante nos debates já pautados, ao perceber que as mulheres cisgêneras, por vezes, se constituem no discurso das esposas travestis no topo da hierarquia matrimonial. Conforme explica uma das entrevistadas: “[...] Se for me trair, que seja com uma mulher. Uma mulher eu nunca vou ser. Posso ter a forma, mas nunca vou ser uma. Eu tenho consciência disso” (PELÚCIO, 2006, p.529). Essa visão essencialista se pauta na prerrogativa de que as mulheres cisgêneras não só têm vagina, mas

também útero e, com isso, a questão da reprodução também opera com um marcador restritivo de gênero e sexo para as travestis que compartilham dessa lógica.

Para finalizar, Pelúcio (2006) traz contribuições importantes ao sublinhar as relações de afeto, os interesses financeiros e, até mesmo, as relações sexuais, a partir de um olhar analítico e contextualizado sobre os discursos. Considero um dos grandes legados desse trabalho, no que tange à discussão sobre maridos, o esforço da pesquisadora em deslocar as associações frágeis e pouco críticas sobre o desejo sexual para aspectos, cujo valor é mais simbólico, porém não menos erótico-afetivo, como a coragem em “enfrentar” um passeio conjugal a casa dos familiares, colegas de trabalho e a locais públicos, tão comuns como o shopping, por exemplo.

Embora não tenha deixado de problematizar o modo como esses arranjos conjugais podem ser rígidos e imbricados à heteronorma, que prevê papéis legítimos, monogâmicos e não comerciais, Pelúcio (2006, p.533) escancara as dificuldades enfrentadas pelas travestis para romperem “os binarismos de gêneros, a família nuclear burguesa e as relações procriadoras”. Em outras palavras, demonstra as impossibilidades de construir um outro léxico para as relações conjugais que experimentam. Ao passo que, paradoxalmente, também interroga a necessidade e desejo das travestis e seus maridos em transgredir essas normas, quando o reconhecimento de seus afetos e a legitimidade de seus laços amorosos urgem como políticas de existência.

Na esteira da produção de pesquisas críticas e atentas aos vetores interseccionais<sup>38</sup> que permeiam os relacionamentos das travestis e

---

<sup>38</sup> Refiro-me às pesquisas que compartilham da teoria da interseccionalidade como orientação teórica e metodológica, problematizando as múltiplas formas de subordinação as quais sujeitos com diferentes experiências estão submetidos. Segundo Conceição Nogueira (2013, p.231), a perspectiva da interseccionalidade “examina como as várias categorias (social e culturalmente construídas) interagem a múltiplos níveis para se manifestarem em termos de desigualdade social”. É uma abordagem que parte do pressuposto de que “os modelos clássicos de compreensão dos fenômenos de opressão, tais como sexo/gênero, raça/etnia, classe, religião, nacionalidade, orientação sexual e deficiência não agem de forma independente um do outro, pelo contrário, essas formas de opressão inter-relacionam-se criando um sistema que reflete a intersecção de múltiplas formas de discriminação” (NOGUEIRA, 2013, p.231). Nesse sentido, a abordagem interseccional mostra-se uma resposta teórica à diversidade de perspectivas que compõem os

mulheres trans, sigo esta revisão rodando com Flavia Teixeira (2011) pelos espaços de prostituição travesti na Itália. A pesquisadora analisa as relações afetivas das travestis brasileiras em contextos transnacionais, tendo como pano de fundo o escandaloso e midiático Caso Marrazzo. Uma história que expôs a relação entre travestis brasileiras e um ex-governador italiano e teve como efeitos sua renúncia política, o assassinato de uma das envolvidas e um intenso debate nacional em torno da criminalização das travestis e da migração ilegal no país.

Com base nas matérias divulgadas pela mídia italiana sobre o caso e pelos encontros com as travestis que vivem em Milão, Teixeira (2011) opera com as categorias juízo e sorte para analisar os discursos que dizem respeito às condições de vulnerabilidades, nas quais vivem a maior parte das travestis fora do Brasil. Os enunciados fazem emergir as condições de saúde, pobreza, drogas, roubos, extorsões e violência, do mesmo modo que situações de solidão e abandono que permeiam as trajetórias das travestis, vulnerabilizadas pela falta de documentação e redes de apoio.

Sensível à escuta e atenta à fabricação destes enunciados, Flavia Teixeira (2011) observa que nesse projeto migratório no qual circulam as travestis entre Brasil-Europa, desde a década de 1970 (KULICK, 2008[1998]), as tentativas para se tornar migrante documentada acionam uma série de arranjos, parcerias, laços afetivos e financeiros. É aí que importantes aliados se entrelaçam à trajetória dessas travestis que partem em busca do sonho de ser *européia*<sup>39</sup>, são eles: os maridos, os clientes e as relações de “ajuda”.

Nos relatos obtidos pela pesquisadora entre 2009 e 2010, as diferenças que separam os clientes e os maridos são bem mais porosas quando comparadas às pesquisas brasileiras (SILVA, 2007; KULICK, 2008[1998]; BENEDETTI, 2005; GARCIA, 2007; PELÚCIO, 2009).

---

feminismos, tais como os estudos acerca da igualdade ou as abordagens centradas na diferença.

<sup>39</sup> Sobre a circulação das travestis brasileiras entre as fronteiras Brasil-Europa, Flavia Teixeira (2008) discute em seu texto “L’Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição” o modo como essas experiências migratórias integram o universo das travestis, constituindo formas de sociabilidade, subjetividades e, inclusive, com sentidos que podem se afastar daqueles atribuídos pelos órgãos oficiais. A gíria *européia* se refere às travestis que exerceram trabalho sexual durante algum tempo na Europa. Em geral, o termo é acionado para marcar a posição de status no mercado do sexo ocupada por quem já se prostituiu internacionalmente (PATRÍCIO, 2008; PELÚCIO, 2009; AMARAL, 2012).

Enquanto no Brasil os maridos se aproximam de suas esposas trans a partir dos espaços de prostituição, oferecendo serviços ou por já terem namorado outras travestis, no contexto italiano as narrativas mostram que a maioria dos maridos em algum momento já foi cliente (TEIXEIRA, 2011).

Quando se referem aos maridos brasileiros, as travestis que vivem fora do país relatam que costumam “mandar buscá-los” assim que se estabelecem no local de destino. Durante esse período enviam dinheiro para que eles possam se sustentar, até que elas tenham condições de custear a passagem e as despesas com a viagem. Ao chegarem à Itália, é comum que esses homens não trabalhem ou dividam o espaço do trabalho sexual com suas esposas. No caso, das travestis que são cafetinas na Europa, seus maridos, por vezes, fazem parte do mercado do sexo transportando outras travestis para os locais onde trabalham (TEIXEIRA, 2011).

Sobre os clientes que se tornam maridos, Teixeira (2011) ouviu várias histórias contadas pelas travestis que mantêm relações de conjugalidade na Itália, e percebe que há uma ampla circulação de discursos que funcionam para classificar e selecionar os *gringos*<sup>40</sup>, de acordo com a nacionalidade e as referências que as travestis vão obtendo sobre seus estereótipos e comportamentos. Pelos códigos territoriais compartilhados entre as travestis que se prostituem, são traçados os perfis que distanciam alguns homens das possibilidades de serem maridos. Clientes com fama de agressivo, perigoso, vingativo, varejista (que pede desconto no programa) e drogado, além dos preconceitos étnico-raciais acionados por elas pela presença de clientes chineses e nigerianos, são características que vão dando forma à figura do marido ideal, ou pelo menos, do marido indesejável.

Nesse mercado matrimonial os mais desejados parecem ser os clientes italianos. Segundo as interlocutoras de Teixeira (2011), a sorte de ter um marido italiano envolve diminuir suas dificuldades frente ao “desamparo legal e situações de vulnerabilidades advindas da condição de clandestinidade, ainda que não se configure como garantia de sua regularização” (p.241). De acordo com a pesquisadora, a sensação de

---

<sup>40</sup> Thaddeus Blanchette (2011) ao analisar discursos e práticas relacionados aos turistas sexuais na cidade do Rio de Janeiro, define *gringo* como uma expressão usada entre as mulheres brasileiras que se prostituem para se referir à identidade heterossexual masculina de estrangeiros. As travestis brasileiras parecem usufruir da mesma expressão e significado quando percebem que o homem não fala português.



proteção e reconhecimento oferecida pelos maridos às travestis brasileiras torna esses homens ainda mais valorizados, sobretudo, pelo fato desse envolvimento não acarretar relações de cafetinação ou de exploração sexual, situações que costumam rondar o imaginário cultural a respeito dos casamentos entre esposas travestis e maridos gringos.

Além disso, Teixeira (2011) constata que, diante dos riscos de multa, prisões e expulsão que cercam a ilegalidade das travestis no exterior, ter um marido italiano significa ter um grande aliado na *rede de ajuda*. Segundo suas entrevistadas, a *ajuda* inclui, por exemplo, o empréstimo do nome para alugar uma casa ou para financiamentos, para a emissão de cartas-convite, declaração de trabalho, e claro, a oportunidade de aprender com eles o idioma italiano.

Envolvida pela descrição intensa de Flávia Teixeira (2011) acerca das formas de relação, dos encaixes forjados e, até mesmo, dos jogos de amor e sedução entre as travestis brasileiras e homens gringos, sou levada a perceber que nesses arranjos conjugais transnacionais, a ajuda prestada pelos maridos estrangeiros representa laços mais significativos do que a coabitação ou a situação civil. São ajudas e trocas que possibilitam afeto, segurança e condições para que as travestis possam manusear os códigos e as regras da cultura local.

Por fim, a escrita implicada de Teixeira (2011) tem como efeito uma análise indecente que exhibe sem pudores a interpenetração entre o mercado do sexo e do casamento. Ao flertar com categorias (mal)ditas socialmente, mas muito vivas nos fluxos migratórios como o sexo, amor e dinheiro, a pesquisadora apresenta o modo como as relações entre as travestis brasileiras e seus maridos italianos podem provocar rupturas na ficção romântica, na qual o dinheiro é aquilo que dessacraliza o afeto e contamina os vínculos. As experiências dessas conjugalidades em contextos migratórios reposicionam os lugares aparentemente fixos do sujeito explorador X sujeito explorado, problematizando a própria noção de exploração que circula pelas franjas das negociações sexuais.

Com essa pesquisa, permito-me aproximar os significados atribuídos pelas travestis à *coragem* dos homens que as assumem (PELÚCIO, 2009) com a *ajuda* oferecida pelos maridos italianos (TEIXEIRA, 2011). Em ambos estudos, as narrativas compartilhadas pelas travestis indicam que tanto a coragem dos maridos que as assumem e lhes conferem com isso reconhecimento e humanidade quanto a ajuda prestada pelos maridos italianos, que lhes dão condições de sobrevivência e proteção em terras estrangeiras, mobilizam em suas vidas intensos encontros com o afeto, a sorte e o desejo.

De volta aos trópicos, dedico-me agora a um dos primeiros trabalhos que aborda como tema central as conjugualidades das mulheres trans. Com a dissertação de mestrado de Magnor Müller, realizada entre 2009 e 2011, no campo da educação, transito pela vida doméstica de três casais que residem em bairros periféricos da cidade de Porto Alegre (RS). O pesquisador busca pistas que o ajudem a compreender a aliança das travestis e seus maridos seguindo, a partir disso, dois atalhos: a produção da masculinidade desses companheiros e a sociabilidade vivida pelos pares.

Por meio de entrevistas e andanças etnográficas, Müller (2011) visita a casa de cada participante e acompanha o convívio do casal, a rotina dos afazeres domésticos e a distribuição das tarefas no cotidiano deles.

Logo nas primeiras visitas narradas pelo pesquisador é possível entender um pouco do funcionamento das relações e as hierarquias que regem os laços entre os casais. Em outras palavras, identifica-se rapidamente quem sustenta e, por consequência, quem tem poder para dar as ordens na casa. Desde que chegou, Müller (2011) presta atenção ao modo quase que repetitivo com que a esposa demarca que é ela a proprietária do lar, jamais o casal e menos ainda o marido.

Sobre essa hierarquia, o autor também traz importantes contribuições metodológicas ao relatar suas dificuldades como pesquisador em administrar a entrevista com o casal, diante da fala excessiva das esposas e da timidez dos maridos. Segundo ele, é comum que as esposas cortem o assunto do marido e, por vezes, inclusive, desmintam as respostas dada por eles. Também são recorrentes os desentendimentos por consequência daquilo que o marido fala ou conta ao pesquisador. Com essas alianças, Müller (2011, 2012) constata que as travestis são quem dirigem a vida dos maridos e, não em vão, terminam por conduzirem também as entrevistas.

Atento a cada movimento, o pesquisador desmobiliza algumas generalizações acerca dos relacionamentos conjugais das travestis, a primeira delas é a ideia de que são relações provisórias e de curta duração. Ainda que, no contexto estudado pelo pesquisador o número de travestis que possuem relacionamento estável seja restrito, e muitos casais não tenham se disponibilizado a falar sobre o assunto, Müller (2011) traz à cena três casais com mais de dez anos de relacionamento. Seu trabalho além de apresentar relações experientes, problematiza o “número da amostra” como um dado que revela mais as dificuldades de acesso aos casais e a invisibilidade de suas relações, do que, propriamente, a inexistência deles. Talvez, por isso pesquisas sobre esse

assunto não apresentem um número expressivo de participantes, quando comparadas aos estudos realizados só com pessoas travestis e trans, por exemplo<sup>41</sup>.

No que diz respeito ao perfil dos maridos, Müller (2011, 2012) percebe as mesmas características já descritas em pesquisas anteriores, nas quais são definidos os homens de verdade como: homens com pouca contribuição financeira em casa; em relacionamentos extraconjugais com mulheres cisgêneras e outras travestis; seguros em suas condutas sexuais ativas e sem qualquer interesse ao pênis da esposa (SILVA, 2007; KULICK, 2008[1998]; BENEDETTI, 2005; GARCIA, 2007; CARDOZO, 2008; PELÚCIO, 2009; GALLI, 2013).

Embora mais de vinte anos tenha se passado desde a pesquisa de Hélio Silva (2007), realizada na década de 1990, a impressão é a de que os roteiros e a descrição dos personagens das conjugalidades das travestis e seus maridos não sofreram alterações. Mas necessitariam mudar? E por que se transformariam? Os arranjos conjugais, de um modo geral, sofrem modificações?

Sem a pretensão de responder tais questionamentos e mais ocupada com o modo no qual esses roteiros e sujeitos têm sido, ao longo do anos, analisados pelas(os) pesquisadoras(es), sigo Magnor Müller (2011, 2012) em novas discussões acerca de conhecidos temas, um deles são as relações entre amor, dinheiro e poder.

Ao entrevistar os maridos, o pesquisador percebe que assumir a possibilidade de sustentar suas esposas faz parte das falas de todos os participantes, porém isso não se aplica diretamente na vivência conjugal sendo dinheiro o responsável pela maior parte das brigas. Ao partilhar momentos íntimos dos casais como a ida a festas e também suas desavenças, Müller (2011, 2012) analisa a fala desses maridos muito mais como uma forma de se diferenciarem da fama de gigolô que pesa sobre os maridos das travestis, do que propriamente uma vontade de ser provedor. O autor salienta que, na rotina desses casais, todos os maridos trabalham, entretanto, suas remunerações não cobrem as despesas da casa ou possibilitam que suas esposas deixem de exercer o trabalho sexual.

Nesses enredos, as relações entre afeto e dinheiro são sempre mais complexas e menos óbvias do que podem se revelar a um observador desavisado. Müller (2011) verifica que nestes laços

---

<sup>41</sup> Essa discussão sobre o número de casais participantes da pesquisa é retomada no próximo capítulo, por se tratar de uma das questões que também atravessaram os caminhos desta tese.

conjugais o sustento financeiro é o que garante a esposa uma posição mais ativa nas decisões e organização da vida conjugal, tais como a divisão das tarefas domésticas e controle das despesas, em virtude disso, o pesquisador avalia que: “Elas são ‘mulheres fortes’, seu feminino tem uma agência [...]” (MÜLLER, 2011, p. 64). Mas, o controle e a agência vão um pouco mais além, e ficam evidentes quando as interlocutoras da pesquisa afirmam que preferem sustentar seus companheiros a deixá-los à disposição de outras mulheres cisgêneras, ou principalmente, travestis.

Essa materialização do exercício de poder conferido às travestis que sustentam seus maridos é passível de algumas fragilidades, entre elas a ameaça do companheiro de abandoná-las (SILVA, 2007), ainda mais, quando eles usam para isso o argumento de que não é qualquer homem que tem coragem de assumir essa conjugalidade (MÜLLER, 2011). Para Müller (2011), ao contrapor o poder da esposa esses homens anunciam mais do que o abandono e a solidão, na qual muitas travestis relatam terem medo, eles também deixam implícitas as possibilidades de partirem em busca de uma relação com outra travesti (SILVA, 2007; KULICK, 2008[1998]; PELÚCIO, 2009).

Além dos relatos obtidos pelo pesquisador nas longas conversas que teve com as esposas, uma das especificidades de seu trabalho são os momentos, ainda que restritos, em que se estabelecem interessantes diálogos com os maridos. Assuntos sobre trabalho, iniciação sexual, ciúmes e sociabilidades são intimamente abordados, exibindo um pouco do que pensam esses maridos sobre si mesmos e suas relações.

Uma das questões trazidas na pesquisa e comentadas pelos interlocutores é a experiência sexual com mulheres trans. Quase todos os maridos relatam que suas primeiras experiências sexuais foram com travestis, acessando, com isso, não apenas novas experiências, mas também as primeiras compensações materiais como agradamentos e presentes.

Sobre o trabalho, alguns contam que durante muito tempo se prostituíram, mas naquele momento trabalham em serviços informais, como segurança, auxiliar de pedreiro, cuidador de carros, etc. (KULICK, 2008[1998]; PELÚCIO, 2009, TEIXEIRA, 2011). Sobre relações anteriores, relatam que já foram casados com mulheres cisgêneras, nas quais tiveram filhos.

No que se refere às relações sexuais com suas companheiras, os maridos entrevistados por Müller (2011, 2012) têm clareza da interdição feita pelas esposas diante de qualquer investida que eles possam ter em tocar seu pênis. Além das restrições a determinadas posições sexuais, como ficar um de frente para o outro, por exemplo, os maridos mencionam a vigilância mantida pelo casal para que as carícias não

ultrapassem o limite proibido. Ainda sobre isso, fazem questão de assegurar ao pesquisador que a única possibilidade de se relacionarem é sendo ativos sexualmente, mesmo nos programas que já fizeram ou, por vezes, venham a fazer como *michê*<sup>42</sup>.

Sobre as interdições em torno da genitália, Müller (2011) infere que as regras e significados que constituem as relações entre as travestis e seus maridos possuem relação de semelhança a condutas existentes em outras formas de união, nas quais “existem partes do corpo que são preservadas, práticas que serão consideradas ‘inadequadas’ e regramentos que resguardarão as relações da ‘perversidade’” (MÜLLER, 2011, p.74). Em outros trabalhos, essas restrições sexuais também são associadas à virilidade e respeito ao gênero de suas companheiras (KULICK, 2008[1998], BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2009).

Por essas trilhas, Magnor Müller (2011) à medida que consegue brechas para conversas mais reservadas com os maridos, vai adentrando ao terreno pouco visitado de suas masculinidades em negociação com o desejo. O modo como suas relações conjugais balizam suas vidas fica em evidência quando um dos entrevistados comenta o quanto é comum um *michê* ser preterido por seus clientes quando esses descobrem que ele é casado com uma travesti. Entende-se, com isso, que a conjugalidade ininteligível desses homens é, constantemente, cerceada pelos regimes da hetero e homonormatividade<sup>43</sup> que circundam o campo do mercado do sexo masculino. Indo mais além, são laços amorosos em que o desejo dos maridos por suas esposas é posto em combate com as regras que garantem a virilidade e produzem a masculinidade exigida em suas relações profissionais.

Ainda sobre o desejo, Müller (2011) compreende que os maridos reatualizam as masculinidades e desnaturalizam a heterossexualidade ao

---

<sup>42</sup> *Michê* é o termo utilizado por um dos entrevistados de Magnor Müller (2011) para se referir ao seu trabalho sexual. Outras expressões como *trabalhadores do sexo*, *boys*, *escorts*, *garotos de programa* e *acompanhantes* também são usadas como sinônimos de homens que se prostituem. Para uma maior discussão sobre homens no mercado do sexo conferir os trabalhos de Nestor Perlongher (2008[1987]), Fernando Pocahy (2011) e Daniel Kerry dos Santos (2016).

<sup>43</sup> Assim como as heteronormatividades, entende-se as homonormatividades como “tentáculos da heterossexualidade compulsória” (POCAHY, 2012, p.151). Nesse contexto da prostituição viril masculina, são os meios pelos quais algumas formas de homossexualidade se tornaram elas mesmas normativas e incorporadas dentro da lógica da heteronormatividade.

experienciarem conjugalidades com as travestis e mulheres trans. Mesmo que estejam muito bem informados dos códigos da masculinidade hegemônica, todos os maridos salientam a relação que estabelecem com o gênero e corpo feminino performados por suas esposas. Portanto, afirmam gostar de um corpo que materializa o feminino e que isso não traz conflitos para a sua masculinidade (leia-se aqui heterossexual-ativa-viril).

Conforme os relatos desses maridos, as tensões entre desejo e masculinidade ultrapassam a construção de suas sexualidades e as relações profissionais, repercutindo também em suas sociabilidades. Há relatos sobre idas a pizzarias, supermercados e estabelecimentos próximos às residências dos casais, o que contribui para a articulação que Müller (2011) faz entre aceitação e classe social. Para ele, pessoas que residem em bairros periféricos têm maior aceitação diante de casais não-normativos.

Sem aprofundar muito essa discussão, o próprio autor identifica em seus relatos e observações que, mesmo nesse território, as redes de sociabilidades dos companheiros das travestis se restringem a visitas a sua família, encontros com outros maridos de travestis e com ex-colegas de trabalho. A maior parte das atividades de lazer se concentram em jogar vídeo game com a esposa e acompanhá-la em festas religiosas de matriz africana.

Para o pesquisador, quando esses homens delimitam suas relações sociais confirmam que reconhecem o estranhamento e o preconceito direcionados a suas conjugalidades, o que talvez justifique seus comportamentos mais restritos ao lar e o fato de não revelarem sobre suas relações amorosas aos colegas de trabalho.

Retomando para aspectos mais gerais, como a análise dos sentimentos que atam os laços entre as travestis e seus maridos, Müller (2011) se dedica a desnaturalizar a relação estabelecida entre o amor e o interesse financeiro. Nesse sentido, enfatiza que do mesmo modo que são rotineiras as brigas e separações temporárias dos casais, há também harmonia e rápido restabelecimento do vínculo conjugal. Aos olhos do pesquisador essas cenas desvelam que não há como não ser capturado pelo amor romântico que pauta os ideais de relacionamento, casamento e expectativas conjugais, ainda que muitas vezes isso envolva dinheiro.

No rol das expectativas embaladas pelo amor romântico são comuns as cobranças emocionais e os sentimentos de ciúmes que, por vezes, resultam em agressões físicas e verbais. De acordo com o autor, é possível afirmar que o ciúme é constituinte das relações afetivas entre as travestis e seus maridos. Isso se dá pelo medo de que um dos

companheiros dedique afeto a outra pessoa e, segundo os relatos dos maridos, pelo “excesso de zelo” manifestado pelas esposas (MÜLLER, 2011, 2012).

Tal zelo também é exposto no empenho demonstrado pelas travestis em *cuidar de seus homens*. A reprodução do padrão hegemônico da mulher cuidadora é expresso no que se refere à saúde, ao conforto e ao comportamento de seus companheiros. Sobre isso, Müller (2011, 2012) salienta o caráter salvacionista da fala de algumas esposas ao exibirem que *salvaram os seus maridos das drogas*, ou no uso de outras expressões como, “fiz ele mudar e hoje ele é outra pessoa” (MÜLLER, 2011, p. 103). De certa forma, essa responsabilização pelas modificações na vida de seus maridos, geralmente, relacionadas ao uso de drogas, vínculos familiares e obtenção de um emprego fixo, colabora para que os relacionamentos sejam validados pelas sogras.

No que concerne o trabalho sexual exercido pelas esposas, os maridos relatam a Müller (2011) certa preocupação por elas estarem vulneráveis às situações de violências, entretanto, declaram não sentir ciúmes dos clientes, tampouco se sentem ameaçados por eles. Explicam que isso não significa que não estejam sempre atentos àqueles que tentam ultrapassar os limites profissionais com suas esposas. Essas já prevenidas, contam que costumam omitir relatos sobre a noite de trabalho e não estabelecem contatos telefônicos perto de seus companheiros.

Para concluir, é interessante perceber como Magnor Müller (2011, 2012) anuncia suas descobertas, surpresas e enganos no desenvolvimento da pesquisa. Em especial, o modo como ele admite inicialmente apostar em encontros com experiências conjugais transgressoras, subversivas e desconstruídas, nas quais para sua surpresa também são constituídas e gerenciadas no/pelo padrão cisheteronormativo: “o ciúme, o ideal do amor romântico, a expectativa de que o homem seja o provedor do lar, o comportamento recatado da esposa dentro de casa, os esforços para desenvolver uma boa vizinhança, a vida sexual ‘normal’ e sem ‘perversões” (MÜLLER; SEFFNER, 2012, p. 293).

Müller (2011, 2012) demonstra que, muitas vezes, o ideal esperado pelo pesquisador também se desarranja e se modifica, e, com isso, torna-se necessário entender que as particularidades, rupturas e (des)continuidades existem em qualquer tipo de relação de conjugalidade. Em outros termos, compreende que essas relações amorosas provocam fissuras ao mesmo tempo que reproduzem normas

que nunca atuam do mesmo modo e, por isso, nunca deixam de se relacionar com o desejo.

Invisto agora em outra dissertação, desta vez realizada por Milene Soares no interior do estado de São Paulo. Com o objetivo de conhecer a história de vida de homens que se relacionam com transexuais, a pesquisa desenvolvida no campo da psicologia e da abordagem fenomenológica analisa os significados atribuídos por eles às suas vivências afetivo sexuais. Para isso, Soares (2012) estabelece contato a partir dos prontuários hospitalares das transexuais que foram atendidas por uma equipe cirúrgica de Adequação Sexual, e também com um grupo de apoio psicológico e social, ambos de uma universidade.

Ao contextualizar a temática, Soares (2012) explica que opta pelo uso do termo “parceiros de transexuais”, no intuito de dissociá-los de qualquer perspectiva patologizante. No entanto, lança mão de alguns estudos produzidos sobre comportamentos sexuais por entender que, de certa forma, explicam sobre os sujeitos que ela entrevista.

Entre os estudos, estão pesquisas realizadas no árido e problemático campo do desenvolvimento psicosssexual, nas quais John Money e Malgorzata Lamacz (1984) inauguram as “descobertas” sobre o assunto, ao denominarem *ginemimetofilia*<sup>44</sup> o transtorno experienciado por “homens que possuem interesse afetivo-sexual por homens feminilizados ou que vivem em sua comunidade como mulheres” (SOARES, 2012, p.22). Trata-se de uma pesquisa em que o interesse sexual pelas travestis e mulheres trans está diretamente associado a parafilias<sup>45</sup>, e por se constituir com uma condição médica podem ser prescritos tratamentos em clínicas especializadas.

---

<sup>44</sup> Segundo Milene Soares (2012) o significado do termo é: *gyne* (mulher); *mimos* (representar); *filia* (amor).

<sup>45</sup> O termo *parafilia* é empregado do Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais – DSM V (APA, 2014, p. 685) para se referir a “preferências por atividades anormais ou preferências por alvo anômalo” que causam sofrimento ou prejuízo ao indivíduo. Na atual versão do DSM V, publicada em 2013, foi incluído um capítulo para tratar, especificamente, dos Transtornos Parafílicos que incluem o voyerismo, exibicionismo, masoquismo, sadismo, pedofilia, fetichismo, transtorno travéstico, entre outras formas, consideradas comportamentos sexuais não-normativos. Para um debate ampliado e crítico acerca das condições históricas e políticas que possibilitam a invenção das categorias anormais, patológicas e criminosas no contexto sexual, bem como o *modus operandi* do poder psiquiátrico, consultar a tese de Jorge Leite Junior (2008) intitulada “Nossos Corpos Também



Um segundo estudo trazido por Soares (2012) é o de Ray Blanchard e Peter Collins (1993) que reatualizam o termo proposto anteriormente, usando a expressão *ginandromorfófilos*<sup>46</sup> para nomear “os homens que se interessam sexualmente por travestis, transexuais e homens feminilizados” (SOARES, 2012, p. 22). Conforme essa pesquisa, esses homens não se definem como homossexual, não assumem serem casados e exercem papel dominante na relação afetivo-sexual que desenvolvem com suas parceiras. Segundo os pesquisadores, o número significativo de homens nessa condição estaria relacionado com o consumo da prostituição e pornografia.

Sob a mesma óptica normativa e patologizadora acerca dos comportamentos sexuais, também é citado por Soares (2012) o estudo de Jole Verde e Alessandra Graziottin (1997) cuja afirmação mostra que a relação vivida entre as transexuais e seus companheiros consiste em um delírio psicótico compartilhado. Essa condição psiquiátrica é denominada *folie à deux* que, em uma tradução literal do idioma francês, pode ser lida como uma “loucura a dois”. O uso desse termo foi mencionado em edições anteriores do Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais – DSM IV (APA, 2002) para se referir ao transtorno no qual ideias delirantes são transferidas de um paciente afetado para outro indivíduo afetivamente relacionado. Para essas autoras, o delírio das transexuais acerca de seu gênero e corpo são compartilhados com seus parceiros.

Os outros estudos mencionados no trabalho de Soares (2012) seguem a mesma perspectiva psiquiátrica acerca das sexualidades, com questionáveis relações entre o desejo pelas travestis e transexuais com o Transtorno Obsessivo Compulsivo (BORGES et al, 2007), e também com as relações de poder atreladas ao sexo biológico (LEWINS, 2002). São pesquisas que expõem o embate histórico, político e científico que se sustenta nas relações de poder constituídas pelo saber psiquiátrico sobre os corpos, as condutas e na produção de uma *scientia sexualis*. Em uma leitura foucaultiana são as práticas reguladoras da sexualidade, do gênero e do desejo advindas do aparato bio-médico-sanitário (FOUCAULT, 2008[1988]).

No que diz respeito às entrevistas com maridos e namorados, Soares (2012), do mesmo modo que Müller (2012), cita as dificuldades

---

Mudam’: sexo, gênero e a invenção das categorias ‘travesti’ e ‘transexual’ no discurso científico”.

<sup>46</sup> De acordo com Milene Soares (2012) a origem da palavra é: *gyne* (mulher); *andros* (homem); *morpho* (gênero); *filia* (amor).

de acesso e a grande recusa à participação na pesquisa. Segundo a pesquisadora, todos os “parceiros” de transexuais já cirurgiadas não se disponibilizaram a conceder entrevista. Ela atribui essa recusa ao fato da cirurgia dar condições de ressignificação à vida do casal, a partir de um certo “esquecimento do passado” de estigmas e preconceito<sup>47</sup>.

A pesquisa apresenta cinco entrevistas realizadas entre 2008 e 2010 e as categorias analisadas organizam-se em torno da vivência familiar, relações com mulheres cisgêneras, relações homossexuais, preconceito, vivência afetiva-sexual com a esposa/namorada transexual e projeto de vida.

Em síntese, os maridos e namorados entrevistados por Soares (2012) são descritos no conjunto das seguintes características: são homens cisgêneros que trabalham e dividem as despesas e tarefas domésticas com suas companheiras; alguns têm convívio mais próximo com os familiares e, inclusive, têm outros parentes que se relacionam com mulheres trans; enquanto outros mantêm uma relação mais distante. A maioria teve relações com mulheres cisgêneras e um deles teve filhos em um dos casamentos.

Nessa pesquisa, chama atenção a confusão feita pelos maridos entre identidade de gênero e orientação sexual, bem como o uso do pronome masculino e feminino para se referir às esposas e namoradas. Também são acionados por eles termos que oscilam entre o normal e o patológico para se referirem a si mesmos – como mostra um dos entrevistados ao usar o termo *ginandromorfofilia*<sup>48</sup> – e a ideia de doença para se referir ao sofrimento vivido pelas companheiras trans que buscam a cirurgia (SOARES, 2012).

Além de ser um dos poucos trabalhos que tem como um dos seus atravessamentos a cirurgia de redesignação sexual e, com isso, as

---

<sup>47</sup> Para uma discussão crítica a respeito dos diferentes discursos que enredam as pessoas transexuais ao buscarem reconhecimento e, desse modo, as possibilidades e estratégias de atuação daquelas que recorrem a “uma mudança de sexo”, consultar a tese de Flávia Teixeira (2009) intitulada “Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade”.

<sup>48</sup> O emprego dessa expressão também pode ser encontrado na dissertação de Rafael Galli (2013) sobre roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo. Tanto a pesquisa de Soares (2012) quanto o trabalho realizado por Galli (2013) é do campo da psicologia e partilha da mesma noção de que homens que se interessam por travestis e mulheres trans possuem uma conduta sexual categorizada como *ginandromorfofilia*.

expectativas e sentidos atribuídos pelos parceiros à vida conjugal pós-cirurgia, a pesquisa traz interessantes narrativas dos maridos (sem a presença das esposas) a respeito de suas angústias, dúvidas e relações de afeto.

No relato dos homens entrevistados por Soares (2012) um dos assuntos mais recorrentes são as incertezas que envolvem a própria sexualidade. Perguntas como: *Será que sou gay? Estou ficando com um homem? Sou ou não sou gay?* Parecem fazer parte das inquietações dos homens que se veem apaixonados por uma mulher trans. Embora quase todos declarem se sentirem atraídos por suas esposas e namoradas, a partir do gênero feminino construído por elas, a rigidez da masculinidade hegemônica imbricada à heterossexualidade compulsória pesam sobremaneira na vida e nos sentimentos desses homens. Seus desejos são quase sempre questionados, ainda que não haja dúvida sobre seus afetos.

Por conta disso, alguns relatam que preferem manter seu relacionamento na clandestinidade para evitar constrangimentos e discriminação, e declaram incômodo em não poder, conforme diz um deles: “Andar de mão dada, abraçar e beijar no lugar, demonstrar carinho. Com ela não tem isso, não tem liberdade” (SOARES, 2012, p. 105).

Sobre as relações sexuais, a maioria afirma que as companheiras têm muita resistência em mostrar seu pênis, e como em todas as outras pesquisas citadas até aqui, os maridos são ativos sexualmente (SILVA, 2007; KULICK, 2008[1998]; BENEDETTI, 2005; GARCIA, 2007; ORNAT, 2008; PELÚCIO, 2009; MÜLLER, 2011; MÜLLER; SEFFNER, 2012; GALLI, 2013). Apenas um dos parceiros afirma ter desconstruído a relação restritiva que tinha com o pênis da esposa e, segundo ele, hoje há uma liberdade sexual muito maior e mais prazerosa para ambos, embora demonstre receio em falar sobre o assunto (SOARES, 2012).

Em geral, na fala dos interlocutores de Soares (2012), há uma grande expectativa em torno da cirurgia e a ideia de que isso tornará suas esposas mais felizes e mais satisfeitas com seu próprio corpo. Observa-se um sentimento de esperança de que os preconceitos e obstáculos sociais sejam minimizados após a intervenção cirúrgica.

Além do apoio manifestado às companheiras que desejam realizar à cirurgia, e também àquelas que decidem desistir, cabe enfatizar as narrativas acerca dos projetos de vida. Nessas, os maridos e namorados expressam o modo como são afetados pelo amor que sentem pelas

companheiras. São falas apaixonadas que trazem à cena demonstrações de afeto, cuidado e planejamentos de futuro como casal.

Enfim, é possível afirmar que o trabalho de Milene Soares (2012) amplia as possibilidades de vivência das sexualidades, e, mais do que isso, visibiliza breves, mas intensas falas sobre o amor e o carinho destes homens por suas companheiras de um modo pouco mencionado, e talvez acessado, em outras pesquisas sobre maridos e namorados. Por se tratarem, principalmente, de sujeitos posicionados em um regime de masculinidades, nos quais a expressão de afeto se constitui como uma fragilidade em suas performances já povoadas de incertezas.

Dando seguimento a esta análise das produções científicas, permaneço no campo da psicologia e percorro com Eduardo Lomando narrativas sobre os processos que constituem as conjugalidades vividas por pessoas transexuais. Assim como Milene Soares (2012), o pesquisador se aproxima dos grupos de um Programa de Transtorno de Identidade de Gênero de um hospital universitário e, a partir de entrevistas, busca compreender as relações afetivas e sexuais vividas por homens e mulheres trans.

Lomando (2014) entrevista três casais que fazem parte, há pelo menos um ano, do grupo desenvolvido em Porto Alegre (RS) e estão aguardando suas cirurgias. São dois casais formados por mulheres transexuais e maridos cisgêneros e um casal composto por um homem transexual e sua esposa cisgênera.

Desde as primeiras aproximações com o campo, o pesquisador deixa claro em seu texto a perspectiva crítica que o acompanha. Suas análises centram-se na abordagem sistêmica, nos estudos de gênero e na teoria *queer* que lhe instrumentalizam para uma leitura ampliada acerca da despatologização das identidades trans, da desconstrução dos binarismos e sobre as normatizações/normalizações de gênero e sexualidades.

Seu trabalho, assim como o de Milene Soares (2012), é tangenciado pelas expectativas em torno da cirurgia de redesignação sexual das mulheres trans e, nesse caso, também em relação à cirurgia de retirada de mamas de um homem trans. Sobre essas questões, Lomando (2014) problematiza a patologização das experiências como forma de acesso à saúde<sup>49</sup> e traz reflexões pertinentes ao que se refere ao

---

<sup>49</sup> As cirurgias de redesignação sexual (CRS) realizadas nos hospitais universitários do Brasil fazem parte do Processo Transexualizador. Essa é uma política pública conquistada pela intensa luta dos movimentos sociais que possibilita o acesso das pessoas trans à terapia hormonal e intervenções

termo “cirurgia de redesignação sexual” ou de “mudança de sexo”, como é popularmente conhecida no Brasil. Embora, no processo transexualizador, a intervenção seja descrita pela medicina como cirurgia transexualizadora, o atento pesquisador é tomado pelos relatos de suas(seus) entrevistadas(os) e sugere o uso do termo “cirurgia de reafirmação de gênero”, ao entender que tais intervenções “têm servido para reafirmar as identidades de gênero que, de alguma forma, já estão se produzindo antes mesmo da decisão de cirurgia” (LOMANDO, 2014, p.13).

Dedicando-se à conjugalidade como tema de pesquisa, Eduardo Lomando (2014) se ancora ao conceito como processos relacionais e interações singulares, mutáveis e múltiplas entre duas ou mais pessoas. Tais parcerias podem ser experimentadas de modo conformado aos padrões societários ou como fontes inesgotáveis de criatividade e rearranjos independentes, e também interseccionais à idade, à raça, ao gênero, à sexualidade e aos rituais. Para o pesquisador, as transexualidades são aspectos que complexificam esses sistemas conjugais, por se constituírem ao “avesso da norma” e promoverem laços amorosos impensáveis, portanto, ininteligíveis.

As entrevistas realizadas com os casais têm como intenção discutir a dinâmica das relações e os desafios enfrentados para além da sexualidade localizada no corpo, como: a exposição social do casal; as dificuldades com instituições (escola, justiça, etc.); os processos de assumir-se transexual durante a relação; a manutenção ou a separação conjugal e a busca por relações amorosas, de intimidade e de cuidado com parceiros/as que compreendam suas identidades de gênero (LOMANDO, 2014).

---

cirúrgicas. A política foi implementada no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) em 2008, a partir da Portaria n. 1.707 e ampliada em 2013 pela Portaria n. 2.803. Ainda que se configure como uma importante resposta às reivindicações por políticas de saúde à população trans, essa conquista de direitos carrega consigo uma precária e perversa garantia de acesso por meio de diagnósticos psiquiátricos e psicoterapia compulsória, prevista durante, no mínimo, dois anos (BONASSI et al., 2015). Segundo os documentos, para que as pessoas transexuais tenham direito ao acompanhamento médico hormonal e cirúrgico é obrigatório seu enquadre nas categorias F64.0 – Transexualismo e F64.9 – Transtorno não especificado da Identidade Sexual, da Classificação Internacional das Doenças (CID). Sendo assim, a patologização das identidades trans tem se configurado como a única via de acesso à saúde para essa população.

Por ser o tema de maior interesse nessa revisão, apenas os dois casais formados por mulheres trans e seus maridos cisgêneros são trazidos ao debate. Nessas duas entrevistas realizadas por Lomando (2014), observa-se que são relações em que os cônjuges vivem e trabalham juntos, além de dividirem a maior parte das tarefas e das despesas domésticas.

Assim como na pesquisa de Müller (2011) e Soares (2012), as relações amorosas apresentadas por Lomando (2013) exibem as constantes negociações, tensões e reinvenções tramadas entre o desejo e o afeto com as normas que visam capturar as identidades, as expressões de prazer e sexualidades. É destacada, portanto, a maneira como esses laços amorosos flertam e replicam normas, ao mesmo tempo em que as falsificam e as reatualizam ao seu modo mantendo, por vezes, a aparência de “originais”.

Mostra disso, são os relatos sobre as relações sexuais e as restrições que circundam os prazeres com o próprio corpo. No mesmo sentido que as outras pesquisas realizadas sobre o tema, as mulheres transexuais entrevistadas falam sobre os constrangimentos e as preocupações em exibir o pênis a seus companheiros pelos seguintes motivos: pelo receio que o marido, ao se interessar pelo seu pênis, seja “menos homem”; pelo pânico de incluir seu órgão nas práticas sexuais e ter sua identidade lida como “menos feminina” e, no caso das entrevistadas por Lomando (2014), acrescenta-se ainda a falta de prazer associada ao uso de seu membro (SILVA, 2007; KULICK, 2008[1998]; BENEDETTI, 2005; GARCIA, 2007; CARDOZO, 2008; PELÚCIO, 2009; MÜLLER, 2011; SOARES, 2012; GALLI, 2013; LOMANDO; NARDI, 2013).

Nesse contexto, se, por um lado, o pesquisador expõe o desconforto das mulheres transexuais em manter relações sexuais com seu órgão como um padrão quase “original”, natural e normal vivenciado pelas pessoas que recorrem à cirurgia de reafirmação sexual, por outro, ele propõe discutir a força do discurso biomédico e dos critérios que envolvem o diagnóstico do “transexualismo”. Lomando (2014) problematiza o nojo e à aversão ao pênis, e, conseqüentemente, a falta de prazer com seu uso, como também um dos efeitos da produção discursiva que legitima as transexualidades consideradas verdadeiras.

A ideia do pesquisador não é negar a existência de tais sentimentos e da vivência dessas relações com seu próprio corpo, mas têm como intenção delatar o caráter discursivo que preexiste nestas normatizações e anunciar seus desvios. Lomando (2014) dedica-se a correr por dentro das fissuras promovidas pelas intimidades dessas

conjugalidades e torna visível a história de maridos que, encharcados de afeto e desejo, negociam com suas esposas novas possibilidades de prazer, a partir da desconstrução das restrições com seu corpo. São homens que flexibilizam sua própria masculinidade na tentativa de afrouxar os esquemas que limitam as explorações corporais e a sexualidade como campo de experimentação. Mesmo que, com isso, o prazer experienciado por suas esposas não seja tão intenso como elas esperam sentir após a cirurgia, alguns maridos conseguem que suas companheiras sejam mais livres sexualmente, menos apreensivas diante deles e deixem de esconder seu pênis, ao menos, no âmbito da intimidade. Sem que isso signifique dúvida ou a inconsistência do desejo pela intervenção cirúrgica.

Por essa mesma lógica que perfura os roteiros normativos e, igualmente, busca neles o reconhecimento, os maridos relatam apoiar suas esposas na decisão pela cirurgia, mas não parecem ver nisso a condição para estarem com elas (SOARES, 2012; LOMANDO, 2014). Nas duas histórias, os homens se apaixonaram sem ter certeza de que suas companheiras eram trans, porém, para ambos, o desejo e a vontade de estar junto foi maior do que a definição do sexo designado a suas esposas. Segundo esses maridos e namorados, o interesse por elas está na performance de gênero que exercem e, com isso, consideram a identidade de gênero de suas esposas como o marcador para definir sua orientação sexual.

Nessas relações, parece ser o cuidado e o companheirismo por suas mulheres que faz com que os maridos apoiem a decisão pela cirurgia. Para eles, a expectativa em vê-las plenamente satisfeitas com seu corpo e em consonância com seu gênero apresenta-se como aspectos fundamentais para a relação do casal. Sobre isso, mesmo recebendo apoio as esposas demonstram medo de serem abandonadas pós-cirurgia, por terem dúvidas se os maridos vão aceitá-las como uma “mulher comum”, como mostra o desabafo de uma delas ao ver que o marido estava de acordo com a cirurgia: “Não é pelo meu pênis, graças a deus!” (LOMANDO, 2014, p.105).

Essas brechas no binarismo e na rigidez das normatizações de gênero parecem não ter o mesmo significado quando o assunto em questão são os filhos. O desejo pela parentalidade expressado na fala de todos os casais entrevistados demonstra que falar de sistema familiar aciona uma rede de moralidades muito maior do que a reinvenção conjugal possa sustentar. De acordo com Lomando (2014), é possível observar a potência da heteronorma que ainda engessa a noção de maternidade e paternidade quando um dos entrevistados menciona a

vontade do casal em adotar filhos. Para ele, isso só será possível depois da cirurgia da companheira, que será o momento em que seu órgão genital em conformidade com sua identidade possibilitará “para um filho chamar ela de mãe e eu de pai, pra ficar essa coisa família, sabe?” (LOMANDO, 2014, p.105). Ainda sobre isso, o outro marido relata ter um filho que foi adotado no primeiro casamento da esposa. Para eles, a criança além de ser muito pequena é deficiente, o que para o casal adia um pouco a “revelação” a respeito da transexualidade da mãe.

Questões como ciúmes, inseguranças frente à traição e infidelidade, assim como as dificuldades na relação com as famílias, não são temas novos e, por isso, também são citados na pesquisa de Lomando (2014). Em sua concepção o medo de ser abandonada(o) bem como o receio de perceber o afeto de seu(sua) companheiro(a) dedicado a outra pessoa são recorrentes e não exclusivos das experiências conjugais das travestis e mulheres trans. São sentimentos de incertezas e preocupações também presentes em diferentes configurações e arranjos conjugais de pessoas cisgêneras heterossexuais e homossexuais.

Outra questão interessante apresentada pelo pesquisador é o investimento afetivo dos casais nas relações familiares, embora nem sempre sejam desde o início muito receptivas à ideia de seus filhos namorarem uma mulher trans. Lomando (2014) observa que em geral, esse investimento aparece mais em direção à família do membro cisgênero, e problematiza se o fato de as famílias das travestis e mulheres trans já estarem “saturadas” das marcas e “cicatrizes” da transfobia seria um dos motivos de não receberem o mesmo investimento (LOMANDO, 2014, p.111). Sem se aprofundar muito nessa discussão, o pesquisador segue adiante e traz à tona a aproximação com a família e as narrativas acerca dos rituais religiosos que marcaram os pedidos de casamento com a presença/reconhecimento dos pais. Além do desejo relatado pelos casais em casarem na igreja após a realização da cirurgia.

É possível afirmar que uma das singularidades do trabalho de Eduardo Lomando (2014) não está somente em sua empreitada teórica e política de localizar a potência da norma e desestabilizar os pilares rígidos da heteronorma, realçando os movimentos conjugais que tentam desviar e criar novas possibilidades de existência. Sua pesquisa nos leva a circular o controverso terreno das cirurgias de transgenitalização/reafirmação de gênero e espiar por suas frestas higiênicas e biomédicas o modo como produzem subjetividades e fazem parte das relações conjugais. Mais do que intervenções cirúrgicas, são



também modeladoras de expectativas e tensionadoras de afetos e desejos.

Com Lomando (2014) sou convencida a arriscar na criatividade como o meio encontrado pelos laços amorosos, em geral, para sobreviver às forças normativas que tentam categorizar, patologizar e medicalizar as relações.

Enfim, após percorrer quase vinte e cinco anos de produção acadêmica e do que entendo com uma produção histórica e discursiva sobre os homens que se relacionam com as travestis e mulheres trans, concluo que maridos, namorados e companheiros realmente importam. São homens que constituem o impensável universo afetivo das mulheres trans, independentemente de suas identidades de gênero, orientações sexuais e tempo/modo de permanência na vida de suas companheiras. Sejam casados, namorados, juntados, amantes, parceiros, bofes ou arranjos ainda sem classificação na linguagem, o fato é que esses homens também produzem territórios existências singulares, nas quais suas narrativas também têm histórias para contar.

Mergulho nessa longa trajetória histórica com o objetivo de fazer emergir a regularidade e as discontinuidades que marcam o aparecimento destes homens na literatura científica. Embora sejam recentes os trabalhos que se dediquem aos maridos como preocupação central, e nesses ainda são maioria os estudos que se debruçam na temática mais ampla da conjugalidade, julguei importante traçar este caminho científico por perceber que, diferente de muitos assuntos, os maridos das travestis e mulheres trans não têm uma história “oficial”. Suas existências surgem sendo contadas por outras pessoas com a mesma efemeridade que suas experiências são generalizadas.

Pelos caminhos entretecidos para esta tese, foi necessário me demorar nesta seção por analisar que a produção discursiva construída sobre maridos até aqui diz do modo como eles foram sendo produzidos como sujeitos de conhecimento e, em alguns trabalhos, expõem o lugar de sujeitos nos quais seus desejos já nascem marginais e, não o bastante, patologizados. Certamente, acredito que esta seção é um importante instrumento para contextualizar e (des)construir uma série de questões que serão discutidas a partir das narrativas dos maridos ouvidos para esta tese.

### 2.3 CORRENDO ATRÁS DO MARIDO DAS OUTRAS: DERIVAS AFETIVAS E A CARTOGRAFIA COMO TÁTICA

*Para experimentar vista-se de não senso. Abandone a cronologia e habite o tempo que flui no movimento de pensar. Opte por seguir pelas passagens de novos sentidos e faça do absurdo a matéria do pensamento. Crie palavras para acolher os afetos que se produzem neste percurso. Deixe o método, a explicação e a interpretação desamparados. São essas questões que emergem quando se escolhe pesquisar com a orientação da experimentação sob a interferência da filosofia da diferença.*

*Gislei Lazzarotto – Verbete Experimentar (2012)*

Tenho sensações pré-fabricadas, escuta adestrada e aquilo que reconheço como campo de visão, presumido. Reconheci essas limitações sensoriais e motoras ao seguir os fluxos e pistas cartográficas em pesquisa e experimentar o quão insuportável pode ser, ter que lidar com o inesperado quando ainda tenho o “pré-visto” como um guia na investigação científica. Do mesmo modo, construir um mapa-tese que se propõe inventar traços, mostrou-me que é possível embrenhar-se por vielas que se abrem, repentinamente e, com isso, perder-se várias vezes experimentando a angústia de (des)encontros com caminhos absurdos, destituídos de sentido, plano ou explicação.

Essas experimentações me desafiam, afetam e transformam desde o meu lugar confortável e protegido de pesquisadora. Um lugar construído pelas repetidas vezes que fui ensinada a pesquisar, treinada a seguir um protocolo de procedimentos e disciplinada a seguir uma metodologia reduzida a uma sequência de passos: traçar metas, escolher um método, ir “a campo”, “coletar dados” e “alcançar” os objetivos. Entretanto, para experimentar encontros com esta tese e, mais do que isso, para dedilhar notas nesta escrita foi e tem sido necessário um intenso processo de me desprender dos trajetos planejados, desformatar-me, abrir meus códigos já programados e reaprender a admirar não mais as formas, mas as intensidades.

Esse tipo de desvio metodológico e de abertura da lente focal emergiu quando foram se compondo como objetos, na pesquisa, os planos de natureza móvel, imprevisível e imprecisa como a experiência e a produção de subjetividades. Como investigar esses processos de produção sem interromper sua passagem, obstruir seus fluxos e aprisionar seus movimentos? Romper laços com a representação, a interpretação e com qualquer forma totalizante de separar sujeito e objeto foi uma das minhas primeiras iniciativas.

Os fenômenos de produção da subjetividade possuem como características o movimento, a transformação, a processualidade (KASTRUP; BARROS, 2014). Trata-se de um modo de produção que requer um método capaz de acompanhar o processo em curso, isto é, uma tática que permita “começar pelo meio” e explorar caminhos sem a sombra da aplicação de regras gerais.

Abrir mão de normas universalizantes não significa abandonar a prudência, a ética e a organização de um fazer pesquisa. Da mesma forma que acompanhar processos não quer dizer trilhar uma pesquisa sem direção, mas seguir um caminho que não é orientado por planos de chegada e que privilegia “o caminhar que traça, no percurso, suas metas” (PASSOS; BARROS, 2014, p.17). Indo mais além, é um engajamento em pesquisa que tem como orientação a experimentação e a receptividade a encontros com os acontecimentos não esperados e desconhecidos, uma espécie de atração afetiva que possibilita aberturas para espiar a formação de novos mundos (ALVAREZ; PASSOS, 2014).

Nesse percurso, à medida que fui (re)conhecendo a importância de aprender com o próprio caminho e que era nele que se construiriam os objetivos e os rumos, entendi que era preciso deixar de percorrê-lo como quem busca lhe conferir sentido, e acompanhei os movimentos que se constituem procurando uma expressão. Para essa empreitada, tornei-me aliada do imprevisto e apostei em uma pesquisa de inspiração cartográfica, aproximando-me do método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995[1980]) que tem como foco acompanhar as geografias que contornam a processualidade dos processos de subjetivação.

Diferente da ideia de processamento que busca captar informações, a processualidade persegue os processos em andamento, os entremeios dos fluxos que ocorrem a partir de uma configuração de elementos, forças ou linhas que atuam simultaneamente gerando a potência do movimento (BARROS; KASTRUP, 2014). Movimento esse que, para ser captado, exige derivas pelos fluxos e algumas paragens,

mesmo que temporárias, pelos territórios existenciais que vão se formando *no e pelo* campo (GUATTARI, 2008[1987]).

A fim de compartilhar essas andanças e paisagens que fui experimentando, componho essa seção sem me prender em definições isoladas sobre a teoria e prática da cartografia. Partindo do pressuposto cartográfico de que o saber emerge do fazer, da criação e ação dos movimentos, opto por construir o método e desenvolver suas pistas ao mesmo tempo em que vou apresentando meus passos, paradas e tropeços, ou seja, de acordo com a formas e contornos que a pesquisa foi tomando no trajeto (PASSOS; BARROS, 2014).

Meus primeiros encontros com os territórios existenciais dos maridos foram dados em minhas conversas com a esposas e namoradas travestis e trans que conheci frequentando a ADEH. Localizo nessas conversas iniciais a entrada no campo, não no sentido de imersão a um espaço exterior, mas como aquele espaço/tempo que se produziu como realidade a partir dos nossos diálogos. Além de consultá-las sobre suas opiniões a respeito do tema desta pesquisa, também compartilhei meu projeto de doutorado para ouvir as sugestões, críticas e armadilhas que elas poderiam reconhecer ouvindo e, também, lendo minhas propostas. Afinal, a experiência de construir um território e habitá-lo implica fazer e saber “com” os sujeitos e não “sobre” esses sujeitos, desamparando, assim, as hierarquias entre sujeito/objeto e pesquisadora.

Minha ideia inicial era realizar visitas aos casais, conhecer sua rotina doméstica e as relações que se estabeleciam entre as travestis e seus maridos. Entretanto, para além dessa dinâmica da vida privada, inquietava-me as relações entre o desejo e a produção de subjetividade dos maridos, e não propriamente a conjugalidade. Eu não me ocupava dos sentidos atribuídos por esses homens ao relacionamento, tampouco do modo como eles desejam suas esposas. Importava-me mais os territórios compostos pela circulação dos desejos, os movimentos e conexões produzidos em seus processos de subjetivação do que buscar entender/definir/interpretar suas relações. Frente a isso, reportei-me à potência e sensibilidade da escuta e entendi que talvez fosse mais interessante que os próprios homens escolhessem o local em que se sentissem mais à vontade e abertos à experiência do processo de dizer<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> Além dos objetivos da pesquisa que se aproximavam dos processos de subjetivação na experiência dos maridos e não da representação ou compreensão da conjugalidade, a preocupação com o espaço de fala desses homens na entrevista também foi um fator importante na escolha da entrevista como instrumento. Em função da minha inexperiência com entrevistas a

Nesse momento defini que não mais a observação participante nos lares, mas a entrevista individual seria o instrumento que operaria na construção e acesso ao plano compartilhado da experiência. Essa ferramenta emergiu sem o propósito de uma entrevista cartográfica, sem visar objetos fixos ou buscar o conteúdo da experiência como “um conjunto de dados que a palavra traduziria na organização transparente do relato” (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p.301). Trata-se de “entre-vistas” que trouxeram consigo um manejo cartográfico preocupado em facilitar a expressão da dimensão processual da experiência, apreendendo suas variações e ritmos sem a pretensão de desvendar a representação que os entrevistados faziam da experiência vivida. Sem tentar, com isso, dissecar o conteúdo do relato.

Nessa perspectiva de diálogo, foram realizadas 07 (sete) entrevistas entre 2014 e 2015, no Brasil e em Portugal, com homens que estavam em relacionamento conjugal com uma esposa/namorada travesti ou mulher trans. Para contatá-los, busquei estabelecer primeiro um vínculo com suas companheiras no intuito de obter informações sobre eles, e também como forma de garantir o consentimento delas diante da participação de seus maridos na pesquisa. Essa aproximação inicial com as travestis e mulheres trans foi fundamental para a “seleção” dos entrevistados e para adesão deles. Além disso, foi um contato que teve como efeito a produção de uma certa agência do meu corpo-pesquisadora na composição do campo.

Refiro-me a esse papel essencial que as esposas tiveram na seleção dos participantes por detectar um impasse, desde que emergiu como um campo de problemas na pesquisa, a importância atribuída por elas aos homens que assumem seus relacionamentos: como definir quem são especificamente esses homens, já que nem todos os maridos e namorados partilham dessa característica? Não houve dúvidas de que somente as próprias namoradas e esposas poderiam me indicar se seus companheiros os assumem ou não. Frente a isso, foram necessárias várias aproximações e conversas informais para que, cuidadosamente, eu pudesse tatear nos diálogos como elas consideravam a relação com

---

sujeitos em conjugalidade houve receio de que um dos cônjuges, nesse caso as esposas travestis e trans, ocupassem o lugar central da fala nas entrevistas e isso pudesse potencializar a timidez ou a pouca expressão dos maridos. Por mais que o discurso e a experiência das esposas atravessassem toda a discussão proposta nesta tese, o principal foco de interesse nas entrevistas eram as histórias e vivências dos maridos, o que na entrevista individual poderiam ter maior espaço de expressão.

seus companheiros, ou, pelo menos, quais eram os espaços sociais em que o casal transitava junto ou não.

Logo que identificadas nas falas alguns indícios de que suas relações eram vividas socialmente, – nos relatos de sociabilidades familiares, com amigos, colegas e passeios a locais públicos, etc. –, seguia-se ao próximo passo que era apresentar à esposa minhas intenções de pesquisa<sup>51</sup>. Esta espécie de “pré-seleção” cautelosa, sem perguntar diretamente às travestis e mulheres trans se seus companheiros as assumiam, me auxiliou a não cometer equívocos ou provocar situações desconfortáveis a elas e a mim, como por exemplo, terem que revelar diante das outras mulheres trans que seu companheiro, por alguma razão, não as assume. Em outras ocasiões, presenciei situações constrangedoras nas quais pude perceber que ter um marido que não a assuma pode ser motivo para deboche e ironias entre as próprias travestis.

Nesse segundo momento, todas as esposas e namoradas que apresentei minha intenção de pesquisa se mostraram interessadas e dispostas a convidar seus maridos e namorados a participarem. Em Portugal, onde estive por seis meses realizando doutorado sanduíche, a recepção ao tema não foi a mesma. Durante todo o tempo quando estive lá, transitei por vários espaços e atividades da militância LGBT, e também por eventos acadêmicos e culturais, com o objetivo de conhecer esposas e namoradas com quem eu pudesse me aproximar e estabelecer contato. Entretanto, das cinco mulheres trans que eram casadas e que lá conheci, apenas uma, que já estava acompanhada do marido no momento da abordagem, aceitou que seu companheiro participasse. As outras quatro mulheres trans<sup>52</sup> explicaram que seus maridos não se sentiriam confortáveis em falar sobre sua vida, pois elas já realizaram a cirurgia e isso torna a vivência como marido de mulher trans *algo do passado, algo que eles preferem esquecer*.

---

<sup>51</sup> Tentei não reduzir a experiência do “assumir” socialmente ou publicamente o relacionamento com as travestis e mulheres trans a um roteiro de visitas a casas de familiares, jantares com amigos e passeios a shopping, por exemplo, como se todos os casais exercessem as mesma sociabilidade e atividades de lazer. Tive o cuidado de estar aberta às múltiplas redes de sociabilidades e as diferentes formas dos casais viverem socialmente.

<sup>52</sup> Entre os grupos que transitei em Portugal, os termos mais comuns eram “mulheres transexuais” ou “mulheres trans”, pois o uso da expressão “travesti” era uma referência restrita às brasileiras que lá se prostituíam e exibiam um corpo *bombado*.

Além da indicação dos maridos “aptos” à pesquisa, eu dependia das esposas e namoradas para a adesão deles à minha proposta, pois das 07 (sete) travestis e mulheres trans cujos maridos foram entrevistados, apenas duas já me conheciam previamente. Para isso, esforcei-me em elucidar a elas todas as dúvidas pertinentes aos objetivos do estudo e em deixar aberta a possibilidade de permanecerem junto com eles durante a entrevista. Uma vez que meu corpo, gênero e sexualidade poderiam causar alguma desconfiança àquelas que não me conheciam e que, por isso, se mostravam mais incomodadas em deixar seu marido sozinho com uma entrevistadora mulher<sup>53</sup>.

No entanto, talvez pela influência das travestis que já conheciam meu trabalho, ou até mesmo pelo fato de eu não representar o padrão estético-corporal, culturalmente, construído como ameaçador a algumas mulheres, pude contar com a adesão de todos os maridos brasileiros que contatei para a pesquisa.

A aproximação e os diálogos que partilhei com as travestis e mulheres trans fizeram com que elas não apenas se interessassem pela pesquisa, mas se engajassem em me ajudar na busca por amigas casadas. Foi nessa “busca ativa” por casais que percebi o número reduzido de mulheres trans que viviam relacionamentos fora da clandestinidade ou que mantinham suas relações conjugais por pouco mais de semanas, o que dificultou consideravelmente o início das entrevistas dentro do prazo planejado.

Ainda que não fosse considerado o fator “tempo de relacionamento” ou houvesse um limite mínimo estabelecido para que o casal fosse contatado, a temporalidade influenciava diretamente na forma como as esposas e namoradas identificavam seus companheiros na qualidade de maridos ou namorados. E era isso que definia se a

---

<sup>53</sup> No decorrer do trabalho, minha preocupação com a posição que meu corpo, gênero e sexualidade ocupavam na pesquisa se confirmou como importante, pelo fato de todos os maridos e namorados entrevistados já terem se relacionado com mulheres cisgêneras, e isso ser para alguns casais motivo de ciúme ou discussão. Mesmo ciente disso, em momento algum deixei de reconhecer meu corpo-pesquisadora como uma composição no/do campo e de situar meu lugar de fala, por partilhar de um engajamento ético e político feminista como modo de se produzir conhecimento. Meu corpo magro, miúdo, cisgênero, pardo, lido como feminino, marcado por um sotaque considerado latino para os portugueses e gaúcho para os brasileiros, é escolarizado, de classe média e circula por tantos outros vetores de interseccionalidade e privilégios que não só precisam sempre ser situados, como também já são eles mesmos, intervenção em pesquisa.

participação deles na pesquisa era viável ou não. Por não restringir limites temporais às conjugalidades, também não atribuí aos casais adjetivos como relações “estáveis” ou “duradouras” para categorizar e selecionar os entrevistados.

Mesmo com essas dificuldades iniciais, foi por meio da rede de apoio e contato criada pelas travestis e mulheres trans com minha pesquisa, que pude ter acesso a um considerável número de casais. Em função desses pré-contatos realizados por elas, houve casos em que esposas conversaram comigo via mensagem de celular, colocando o marido à disposição para a entrevista, sem nunca terem me conhecido, apenas pela indicação de alguma amiga.

Essa rede afetiva que foi se construindo marcou a implicação coletiva e solidária de fazer pesquisa e compôs, de certa forma, a posição de agência de meu corpo-pesquisadora na formação do campo. Nos últimos cinco anos que venho me dedicando à tese, não foram poucas as vezes que fui carinhosamente saudada entre as travestis e mulheres trans como *aquela que corre atrás do marido das outras*.

Nessas derivas afetivas de encontros com os modos de me desfazer e recriar em pesquisa, posso afirmar que foi “correndo atrás do marido das outras” que cultivei uma disponibilidade à experiência e entrelaçando meu engajamento no território a um certo jeito de iniciar a cartografar sua composição. Uma maneira implicada e afetiva de se aproximar das aberturas ao território existencial que Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2014, p.137) reconhecem como uma abertura à experiência de encontro com o objeto da pesquisa, na qual “o aprendiz-cartógrafo é ativo na medida em que se lança em uma prática que vai ganhando consistência com o tempo, marcando o propósito de seguir cultivando algo”.

Após vínculos, aproximações e a tessitura de redes com as esposas, estabeleci contato telefônico com os maridos indicados por elas e combinei locais, datas e horários. De acordo com a escolha de cada entrevistado, os locais dos encontros variaram entre a sala de atendimento psicológico da ADEH, o local de trabalho de alguns e espaços públicos como shoppings e cafés.

No Brasil, foram feitas 05 (cinco) entrevistas em duas cidades diferentes da Grande Florianópolis, localizadas no estado de Santa Catarina, e 01 (uma) entrevista foi realizada em um município da região central do estado do Rio Grande do Sul. Já em Portugal foi realizada 01 (uma) entrevista em uma cidade da região norte do país.

Sobre os locais de origem dos entrevistados, é importante explicar que não houve interesse em produzir um estudo comparativo



entre as realidades, tampouco situar falas de acordo com o território geográfico de cada um. A seleção dos participantes foi por conveniência ao estudo, sem que tenham sido definidos critérios em relação ao local onde viviam. Porém, mesmo sendo uma escolha aleatória e caracterizada, exclusivamente, pela participação de homens que se relacionavam com travestis e mulheres trans, procurei acessar maridos com perfis heterogêneos no que se refere à geração (entre 24 e 51 anos); tempo de relacionamento (de 1 mês até 21 anos); escolaridade (do ensino fundamental incompleto ao superior completo); identidade de gênero (homens cisgêneros e trans) e orientação sexual (heterossexuais e não heterossexuais), como pode ser visualizado no Quadro 1.

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados da pesquisa\*

ENTRE VISTAS	PAÍS/ REGIÃO	IDADE	TEMPO DE RELACIONAMENTO	IDENTIDADE DE GÊNERO QUE SE AUTOIDENTIFICA	ORIENTAÇÃO SEXUAL QUE SE AUTOIDENTIFICA	ESCOLARIDADE
01	Brasil – Grande Florianópolis (SC)	30 anos	04 anos	Homem cisgênero	Não heterossexual	Ensino superior completo
02	Portugal – Região Norte	51 anos	04 anos e meio	Homem cisgênero	Heterossexual	Ensino superior completo
03	Brasil – Grande Florianópolis (SC)	40 anos	06 meses	Homem cisgênero	Heterossexual	Ensino superior completo
04	Brasil – Grande Florianópolis (SC)	32 anos	01 mês	Homem transexual	Heterossexual	Ensino fundamental incompleto
05	Brasil – Grande Florianópolis (SC)	24 anos	02 anos e meio	Homem cisgênero	Heterossexual	Ensino médio incompleto
06	Brasil – Região Central (RS)	24 anos	07 anos	Homem cisgênero	Não heterossexual	Ensino médio incompleto
07	Brasil – Grande Florianópolis (SC)	40 anos	21 anos	Homem cisgênero	Heterossexual	Ensino fundamental incompleto

Fonte: informações obtidas nas entrevistas.

\*Dados mais específicos sobre os entrevistados como cidade, raça/etnia, profissão, participação em instituições ou movimentos sociais, assim como informações sobre as relações conjugais anteriores foram suprimidos do quadro por questões éticas que se mostraram singulares ao campo. As trajetórias na pesquisa demonstraram que ainda é restrito o número de homens que assumem publicamente relações conjugais com as travestis e mulheres trans, o que os tornam, muitas vezes, facilmente identificáveis em seus locais de origem. Por isso, esses dados mais específicos não serão expostos para garantir o anonimato e sigilo dos entrevistados.

A duração das entrevistas variou entre 1h30 (uma hora e trinta minutos) e quase 05h (cinco horas), sendo todas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas em formato texto-diálogo. Todos os diferentes momentos vividos com os sujeitos, como o contato inicial com as esposas; a realização das entrevistas; e as conversas informais que tive com os casais após nossos encontros foram registrados em diário de campo, por entender que todos esses momentos já se configuram como experiências que compõem os movimentos no/do campo.

No que tange às questões éticas, no começo de cada entrevista relatei, brevemente, aos maridos e namorados meu percurso como pesquisadora e prestei informações e explicações sobre o objetivo e procedimentos da pesquisa. Realizei com eles uma leitura conjunta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC (Parecer nº 723.670), conforme previsto na Resolução CNS Nº 466/2012. Todos os documentos foram assinados pelos participantes ao final de cada entrevista.

No que diz respeito à organização e elaboração da entrevista, todas as perguntas foram delimitadas como um modo de intervenção que pudesse dar passagem à experiência no próprio curso da fala. Uma sequência não ordenada de questões disparadoras que tiveram a intenção de promover uma abertura à indeterminação, ao desapego às falas prontas e à potência da criação. Nos primeiros instantes, foram feitas aos maridos e namorados perguntas mais gerais, que remetiam a experiências memoriais como *a história de como conheceram suas companheiras; onde estavam; há quanto tempo estavam juntos e se já tinham tido outras experiências conjugais*.

Meu objetivo com esses diálogos iniciais era habitar o território da entrevista e traçá-la juntamente com os maridos, ou seja, conduzir a entrevista de forma que servisse ao encaminhamento indicado pelo

próprio entrevistado, distanciando-me da lógica e da ordem de perguntas temáticas que venham a cortar os fluxos e limitar os movimentos. Além disso, eram perguntas disparadoras que funcionavam também como uma maneira de rever-me como entrevistadora e repensar minhas expectativas nessa caminhada (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013).

Para lançar as próximas questões, tentei retomar trechos de falas já trazidas pelos entrevistados e, de acordo com o que relatavam na experiência daquele momento de fala, processualmente fui tecendo com eles o campo em que se produzem os *enunciados acerca da sexualidade, dos momentos em que se deram conta que estavam apaixonados e sobre os sentimentos que vivenciaram a partir disso*. Nesses territórios discursivos, é possível observar que linhas mais densas e múltiplas se agitavam, formando realidades que me levavam como pesquisadora a acionar a atenção como cúmplice da espreita desses movimentos. Um trânsito de intensidades que fizeram emergir discursos instituídos como o amor romântico, a patologização dos desejos e a normatização das sexualidades que têm como função canalizar os fluxos e codificar os desejos.

Inspirada na proposta de Silvia Tedesco, Christian Sade e Luciana Caliman (2013, p.310) busquei, nesses enunciados relativos ao desejo, acompanhar as linhas e os mapas de intensidade, sempre à espreita, “como um surfista que fica na água muito tempo à espreita da onda e, quando ela vem, ele ‘chega entre’, se insere nas linhas de movimento”. Arrastada pelo ritmo e força desses movimentos, tentei me embrenhar entre as linhas que me possibilitaram fazer perguntas que se ligavam às questões anteriores, porém com uma maior complexidade, como àquelas que se referem à *vida conjugal e à experiência de assumir socialmente a relação com uma esposa trans*. Um entrelace de enunciados sobre amor, dúvidas, medo e angústias que, de acordo com a experiência de cada entrevistado, foi se espalhando por múltiplas ramificações, entre elas, *os desafios de compartilhar sobre seu namoro/casamento com a família, amigos e colegas de trabalho*. Ou ainda, abrindo outras linhas que os levaram às *relações com a profissão das companheiras, com seus filhos e também com as ex-esposas*.

Foi por essa incessante formação de enunciados e produção de novas conexões que se abrem a partir da passagem dos fluxos que fui compondo uma entrevista que seguisse linhas rizomáticas mais do que linhas arborescentes, binarizantes (DELEUZE; PARNET, 1998), disparando processos imprevisíveis e combinações impensáveis a partir do desejo.

Por linhas rizomáticas compreendo a expansão das linhas em um sentido diferente da árvore e da raiz, pois o rizoma não se fixa a um ponto ou posição, somente se estrutura por linhas que se multiplicam, mudando de natureza à medida que aumenta suas conexões. Para Deleuze e Guattari (1995[1980], p.22) “quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz”.

Sigo, portanto, atenta às correrias dos fluxos do desejo e por esses rastros e frestas sem origem, mas com múltiplas aberturas e saídas e me lanço à análise dos dados produzidos nas entrevistas. Por ser um caminho que foi se compondo ao caminhar, o ato de dar um passo após o outro seguiu um movimento contínuo e, com isso, é possível afirmar que houve uma produção de dados e não de coleta de dados. Uma mudança não apenas conceitual que apresenta a processualidade presente em todos os momentos, sendo a entrevista um instrumento de “colheita” de relatos que ela mesma cultivou (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p.307), e que por ser desse modo, precisou ser manejada com cuidado e atenção.

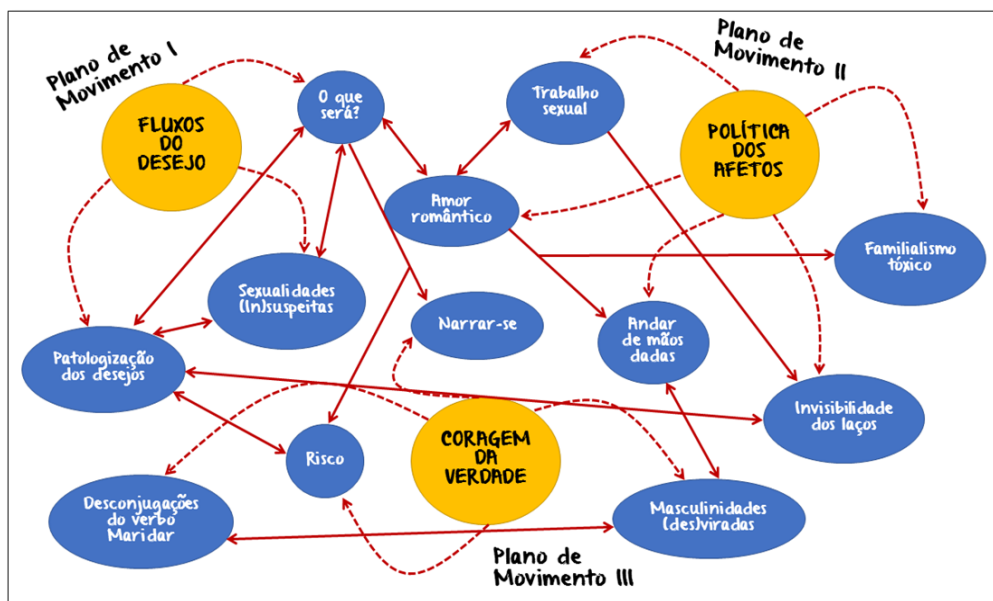
Uma atenção no sentido do que Virginia Kastrup (2014) propõe como um zoom de percepção, e não como foco, por ser uma sensibilidade sensorial que, ao ser tocada por algo ou algum acontecimento, se esforça em detectar as forças circulantes de pontas do processo em curso. Uma atenção que reconhece um novo território que se forma e faz nele um pouso sem parada, ou seja, (re)pousa a atenção no próprio movimento.

Por esses voos que mobilizam pouso, minha atenção foi tocada pelos fios de uma extensa e emaranhada rede rizomática que se desnuda fio a fio no encontro com a pesquisa, são eles os enunciados relativos ao desejo, ao afeto e à coragem. Estes fios se tocam e se transversalizam promovendo vibrações, potencializando, assim, uma dança de movimentos nas tramas de uma rede discursiva, que tornam dizíveis alguns enunciados e visíveis alguns territórios existenciais.

Escolhi seguir os ritmos desses três fios e analisar/espionar a formação de seus enunciados, ciente de que eu poderia ter sido tocada por outros, afinal, tal como propõe Deleuze (2013[1990]) é necessário rachar as palavras ou frases para delas extrair os enunciados, e nisso há sempre possibilidades de novas conexões. A essas dei o nome de Planos de Movimento nos quais são traçados os movimentos dos fluxos do desejo e a circulação dos afetos que possibilitam a emergência dos enunciados que tornam visível o modo como os maridos, companheiros e namorados ousam viver e enunciar o escândalo da verdade.

Minha experimentação no desenho desses três planos (Figura 1) aproxima-se de uma ideia de fabricar e ler o mapa dos movimentos de algumas linhas que em seu exercício ativo possibilitam a formação do desejo no campo social, compondo e decompondo territórios existenciais (ROLNIK, 2011) na experiência de homens que tomam a verdade sobre si como um modo de vida.

Figura 1 – Mapa dos Planos de Movimento e Composição dos Enunciados



Fonte: elaborado pela autora

Se cartografar tem como função ler mapas que vão se compondo nos territórios existenciais, um mapa nunca é fixo e, desta forma, nunca possui os mesmos contornos e dimensões (SANTOS, 2016). Assim, me atrevi a cartografar o mapa das linhas que em movimento compõem três planos que podem se recompor, desmontar e transar outros territórios e agenciamentos próprios. Do mesmo modo que os agenciamentos coletivos de enunciação, ou seja, as múltiplas vozes que perpassam o processo da formação dos enunciados sempre podem se (re)atualizar e ser engendradas por outros ditos.

É um método e uma análise provisória e datada como a efemeridade da experiência, nos quais a experimentação de sua escritura e, neste caso, também do desenho são possíveis por que “quando a experiência de campo inspira a teoria, é possível conseguir uma inteligibilidade dos fenômenos que pouco tem de interpretação, é antes mais uma forma de experimentação, agora com o pensamento e a escritura” (CAIAFA, 2007, p.138).

Assim, a criação deste mapa-tese não tem como pretensão um mapa conceitual ou representação esquemática de temas mais recorrentes nos relatos dos entrevistados, trata-se de uma forma de escrita ancorada na experiência dos homens que, ao performatizarem acontecimentos em seus relatos, demonstram que “[...] cada palavra se faz viva e inventiva. Carrega uma vida” (BARROS; KASTRUP, 2014, p.73). É um mapa inventado para uma pesquisa que se fez em movimento, – e assim ainda se faz a cada leitura e a cada novo(a) leitor(a) –, por meio de técnicas, táticas e estratégias singulares e provisórias que seguem derivas afetivas acompanhando processos que nos tocam, nos transformam e, assim, também (nos) produzem mundos.

### 3 PLANO DE MOVIMENTO I: FLUXOS DO DESEJO

---



O Nascimento dos Desejos Líquidos – Salvador Dalí (1932)

#### 3.1 O QUE SERÁ QUE ME DÁ? ANGÚSTIAS, DÚVIDAS E DESASSOSSEGOS

*O que será que me dá  
 Que me bole por dentro,  
 Será que me dá  
 Que brota à flor da pele, será que me dá  
 E que me sobe às faces e me faz corar  
 E que me salta aos olhos a me atraíçoar  
 E que me aperta o peito e me faz confessar  
 O que não tem mais jeito de dissimular  
 E que nem é direito ninguém recusar  
 E que me faz mendigo, me faz suplicar  
 O que não tem medida, nem nunca terá  
 O que não tem remédio, nem nunca terá  
 O que não tem receita*

Chico Buarque – O Que Será - À Flor da Pele, 1ª parte (1976)

*Ah, o quê que tá acontecendo? Será que é isso mesmo que eu quero? Será que tem como? Será que vai dar certo? Será que... (Diário de campo, abril de 2015).*

Essas interrogações em algum momento já fizeram companhia aos homens que conversei durante meu percurso de pesquisa. Sujeitos esses, que ao se perceberem apaixonados por uma travesti ou mulher trans, muitas vezes estiveram solitários em uma espécie de autoinquirição, perguntando frequentemente a si mesmo o que será que me dá, como nas indagações desassossegadas da canção de Chico Buarque (1976).

Nas palavras dos homens cujos desejos não se encaixam no padrão cisheteronormativo, buscar entender o que estão sentindo foi vivido com angústia e, por vezes, também medo. Pois assim como a maioria dos sujeitos que buscam uma verdade sobre si, os maridos tentaram encontrar um nome, além de situar a origem das sensações que o desejo os provoca, procurando uma causa, algo que explicasse o que acontece “dentro” deles.

Nessa arena das inquietações sobre si, desejar torna-se um exercício de autointerrogar-se e de experimentar sensações inominadas, e, no caso dos maridos, desejar implica também a capacidade de se permitir experimentar e entender sua própria constituição, por meio desses encontros que os fazem (re)pensar suas sexualidades, masculinidades e afetos.

Nesse sentido, apostei na escrita com o desejo que, como a arte, é entendido como experimentação em produção inquieta e constante, é potência inventiva que, repleto de si, nunca falta e não cessa de transbordar. Sendo assim, difícil de conceituar, de apreender e definir.

Partilhando dos pressupostos de Deleuze e Guattari (2010[1972]) sobre o desejo, com os quais se entende que somos máquinas desejanter que se acoplam e funcionam produzindo conexões, transitei pelo conceito de fluxos do desejo compreendendo nosso corpo como uma usina onde tudo em nós cria, corta, flui, processa e produz. A ideia de que somos, portanto, um fluxo em movimento que não se prende e não se fixa em identidades e cujo desejo é destituído de sentido único, pois é múltiplo, independente e, dessa forma, simplesmente acontece.

Nesse contexto, para tentar acompanhar tais fluxos, não me amparei em suas formas e no que poderia ser delimitado como objeto de desejo, mas no movimento que o desejo traceja até ele, uma vez que desejar não se localiza na dimensão externa ou interna do sujeito ou na necessidade de um objeto, ao contrário, o desejo nunca para, ele circula



por todos os territórios e relações que estabelecemos com o mundo, com o outro e com nós mesmos em processos contínuos de justaposição e expansão de forças.

Assim, nesses processos que me propus a pensar como sínteses que se produzem na experimentação, maquinando fluxos e corpos, tentei detectar as forças e intensidades circulantes do desejo sem a pretensão de interpretá-lo, pois isso seria impedir e matar o desejo, esvaziando toda sua potência de invenção que se recria a cada encontro. Por se tratar de um processo de pura multiplicidade e conexões, dediquei-me a acompanhar seus movimentos que foram compondo territórios existenciais e, ao mesmo tempo, potencializaram a formação de enunciados, ou seja, os territórios atravessados por cada modo de subjetivação e os enunciados que emergiram reservando aos maridos a posição de sujeitos. Espaços esses que apenas tive condições de espreitar sendo guiada pelos fluxos do desejo fabricados na própria experiência do dizer.

Para tanto, os enunciados que se desnudaram fio a fio, nessa rede rizomática tramada pelos fluxos, são alguns dos aliados escolhidos para que eu pudesse repousar, temporariamente, nos territórios existenciais que se formaram no e pelo campo. Certamente, os enunciados poderiam, e sempre podem ser outros, desde que sob novas condições de possibilidades e a partir da experiência do dizer produzida a cada nova entrevista. Afinal, a qualidade do desejo e de seus movimentos está em seu modo de produzir diferença em si mesmo, de entretecer variadas redes e, com isso, ser revolucionário. Não se deixando, portanto, armazenar em uma ordem estabelecida, em análises generalistas, ou ainda, nas hipóteses presumidas e fragilmente aplicadas como universais (DELEUZE; GUATTARI, 2010[1972]).

Tateando o campo das entrevistas com os maridos, logo nas primeiras, ampliei minha atenção à formação dos enunciados que os posicionam como sujeitos da dúvida sobre si e nos quais os levaram a se perguntar: *Mas afinal, o que é isso que dá na gente? Que coisa louca o que estou sentindo, será que é certo?* (Diário de campo, março de 2015). Essas indagações me deram pistas de que era preciso não apenas detectar o que esses homens tentam nomear, mas acompanhar os discursos acionados *para que se entendam* nessas relações. Isto é, o modo como se agarram aos fios da rede discursiva disponível naquele contexto para garantirem seus lugares como sujeitos no processo que os constitui a partir do desejo por suas mulheres.

Ao localizarmos os enunciados em um território espaço-temporal, é possível perceber que as dúvidas e, por efeito, as angústias relatadas

por todos os maridos se centram em dois momentos importantes já no início de seus relacionamentos, pois são nos primeiros flertes ou “ficadas” do casal quando acontecem as revelações/confirmações sobre a identidade de gênero da pessoa que estão conhecendo e, na maioria das vezes, é quando acontece também a constatação de que estão experimentando um interesse por alguém até então impensável.

Antes de aprofundar a discussão sobre esses dois momentos, é importante situar o lugar de fala desses maridos a respeito dessas situações, uma vez que são incertezas e inquietudes experienciadas por homens que nunca tiveram relacionamentos amorosos com uma travesti ou mulher trans ou que pelo menos, até então, não haviam assumido com elas um relacionamento conjugal. Em função disso, os maridos entrevistados estavam pela primeira vez em uma relação em que não apenas seus conflitos singulares e modos de subjetivação estavam sendo trazidos à reflexão, mas também as negociações com a aceitação e reconhecimento moral/social são seus grandes desafios.

Outro ponto importante é que praticamente todos os casais estabeleceram contatos iniciais por sites de bate-papo (alguns mais específicos como o chat Namoro Trans) ou mantiveram longas conversas telefônicas antes de se encontrarem pessoalmente, o que colaborou para que, em alguns casos, a identidade de gênero fosse um assunto já implícito ou que veio a ser debatido antes mesmo do primeiro encontro, como relata um dos maridos:

*No mesmo dia que a gente conversou na sala de bate-papo, na internet mesmo eu soube quem ela era. É que daí ela chegou e falou pra mim que era trans, ela disse: Ah tem problema em eu ser transexual? Aí eu falei: Não tem nenhum problema! Aí a gente começou a conversar tudo através dali... (Diário de campo, março de 2015)*

Em outros casos a revelação/constatação aconteceu nas primeiras conversas, porém o desconhecimento do marido sobre o termo “trans” adiou, momentaneamente, a preocupação com o tema:

*Ela já se apresentava no próprio perfil, certo? Ela já tinha posto no perfil o prenome trans e mesmo assim fui eu que a abordei. Embora cá pra nós eu não estava a par do que era trans, mas vi a foto de uma menina bonita. Eu não tinha muita ideia do que era*

*trans! Na primeira conversa ela percebeu e passou umas duas horas e ela já me falou, só assim fui entender do que se tratava. Não influenciou em nada! Eu tinha perdido minha mãe, estava há meses me recuperando de um acidente e meu refúgio era estar online, conhecendo pessoas e falando com pessoas. Se bem que eu não falava com muitas, mas especialmente ela me suscitava curiosidade, a conversa era muito boa e eu podia ficar horas madrugada a dentro conversando só com ela. Não me importou! (Diário de campo, novembro de 2014)*

Nessas duas narrativas a experiência trans das mulheres pelas quais os homens entrevistados se apaixonaram, foi mencionada ou conversada já nos primeiros contatos e, até aquele momento, não foi uma informação que causou alguma dúvida ou desconforto que impedisse a continuidade dos contatos virtuais ou telefônicos. Entretanto, entre os homens que souberam, algum tempo depois, entender que a pessoa por quem estavam gradativamente se interessando era uma travesti ou mulher trans envolveu conhecê-la um pouco mais, como explica um dos entrevistados:

*Nos encontrávamos sempre online e o papo fluía tudo tinha a ver e eu pensei: Eu preciso encontrar essa menina! Até tentei marcar de jogar videogame na casa dela... Mas ela sempre dava um jeito de desconversar. Eu não desconfiava de nada. Nos encontramos pela primeira vez e eu não entendia por que eu não podia frequentar a casa dela. Mas, tá! Eu não... Não sei quando eu entendi de verdade o que era... Foi um pouco de juntando pecinhas, mas acho que foi quando a gente ficando, eu acho que deve ter sido quando eu passei a mão e vi algo estranho, foi isso. E aí na verdade assim... Foi assim que eu tive a certeza de que... Não sei na verdade, eu tinha mais era dúvida... Eu acho que eu tinha certeza, mas eu não sabia... Eu acho que eu só fui ter certeza mesmo, assim*

*de cair a ficha de verdade, acho que o termo mais adequado, quando eu fui pra cama de fato, daí não tinha mais... era isso! Tá tava ali (Diário de campo, setembro de 2014)*

Em todos os casos os maridos relataram que o interesse pela conversa, pela partilha dos mesmos gostos e a vontade de estar com elas para que pudessem se conhecer melhor sempre foi mais importante do que a revelação/constatação de que a pessoa com quem estavam se relacionando era travesti ou mulher trans. Diferente do discurso estigmatizante “da travesti perigosa” no qual há uma suposta falsidade construída em torno das pessoas trans, como aquelas que “enganam” seus parceiros ou que se passam por pessoas cisgêneras, em nenhum momento os maridos relataram terem se sentido traídos ou trapaceados pela omissão temporária dessa informação. Mesmo que a idealização que construíram em torno do que seria uma mulher trans (pela foto da rede social) não correspondesse à realidade, tal como relata um dos maridos que conheceu sua esposa quando ela estava vivendo uma profunda depressão:

*Ela chegou de uma forma muito estranha. Ela estava com uma barba de quem não faz há uns três dias, cabelo comprido, um casaco que tapava ela até os joelhos e muito triste. Foi assim que ela chegou em nosso primeiro encontro. Descemos do carro e passeamos em torno do rio conversando sobre várias coisas, estávamos sozinhos, passeamos a pé e coisa e tal... Até que assim: surgiu o primeiro beijo! ãhm... Não digo que não foi complicado. Foi um pouco. ãhm... E surgiu! A partir daí foi iniciando um compromisso. Um grande interesse em ajudá-la em várias coisas, ela não tinha iniciado processo algum, nada nem hormonal e houve entre nós um misto entre a minha carência afetiva e a carência afetiva dela, a curiosidade em eu realmente querer conhecer e a falta de curiosidade dela naquele mundo vazio da depressão, eu sentia que ela queria me conhecer, mas tinha dificuldade em se mostrar (Diário de campo, novembro de*

2014)

É possível perceber nas falas dos maridos que o fato de conversar, ficar e até mesmo transar com uma travesti ou mulher trans, ainda que estejam aos poucos conhecendo a respeito da identidade de gênero delas, não foi vivido como um problema pelos entrevistados. Pois o envolvimento, os flertes e a curiosidade eram mais centrais naquele momento do que o fato de elas não se encaixarem no que reconheciam como “mulheres de verdade”. Porém, os primeiros sinais de dúvidas, acompanhados por sentimentos de angústia surgiram quando, aos poucos, os maridos foram percebendo que mais do que um simples interesse, estavam apaixonados. A partir daí os questionamentos sobre si tornaram-se cada vez mais intensos, do mesmo modo que a busca por algo que os defina como sujeitos desses sentimentos se tornou importante, como narra um dos entrevistados:

*Umas das coisas que fez ela se interessar por mim foi por que eu não conhecia ela, ela tem certa fama, tinha certa fama, e esse foi um ponto positivo, não conhecer ela. E outra, que eu não sabia dela, achava que era hetero<sup>54</sup>... Aí eu fui e... Calma aí, se ela não é exatamente mulher eu sou o quê?! E só aí que eu fui tentar me entender; definir entre isso e aquilo e não chegava à conclusão nenhuma, não tem como definir nada... Aí foi o mais fácil de aceitação que eu cheguei... Ou de compreensão, não sei... Foi que se for pra definir eu gosto de mulher; tipo, só que indiferente do que ela tem no meio das pernas e só... Foi assim que eu me acalmei e disse: Ah tá é isso!!! Eu me sinto assim*

---

<sup>54</sup> Entre os maridos eram frequentes as confusões entre a identidade de gênero e orientação sexual para se referirem a suas esposas. Isso, algumas vezes, foi motivo para discussões entre os casais, especialmente se o engano era expressado em frente a outras pessoas. Observei que, quando eles se confundiam, e chamavam-nas de homossexuais, rapidamente, eles se corrigiam sob o olhar atento e reprovador da esposa. Muito mais do que a negação da identidade de gênero de suas companheiras, a confusão entre os termos soava como uma despreocupação em relação ao uso de definições, pois essas eram classificações que se dissolviam em seus cotidianos conjugais.

*agora! Nunca fui mais longe em definições*  
(Diário de campo, setembro de 2014)

Aos maridos que buscaram algum tipo de explicação para si mesmo, perguntei como eles buscavam isso e onde procuravam, alguns relataram lançar no site Google ou na rede social Facebook termos como “homens que gostam de travesti” ou “apaixonado por mulher trans”. Os poucos homens que fizeram isso disseram ter lido tantas coisas distantes de sua experiência, – como os diários virtuais de *T-lovers* e de homens que descreviam seus fetiches sexuais por travestis –, que eles não só em nada se identificaram, como também em poucas buscas chegaram à conclusão de que era melhor desistir da procura por um nome formal, científico ou esclarecedor sobre si mesmo.

Assim, não se reconhecer entre os casais cisgêneros e heterossexuais e não encontrar identificações com os sentimentos que tinham vivido até então nas relações que mantiveram como suas ex-namoradas e ex-esposas fez com que alguns maridos interrogassem não mais a respeito de si, mas também sobre “o que era aquilo” que estavam experimentando, como demonstra o relato:

*Aí eu fiquei meio... Sei lá, fiquei meio zureta das ideias assim sabe?! Eu fiquei uns dias assim... Porque uma coisa era a vontade, a curiosidade, mas a hora que eu me dei conta que eu estava apaixonado mesmo por ela, que eu não conseguia tirá-la da cabeça. Que eu dormia pensando nela, acordava pensando nela, tipo que ela ficou em mim entendeu?! Eu comecei a pensar, falei: Ah, o quê que tá acontecendo? Eu fiquei meio assim, eu falei será que é isso mesmo que eu quero sabe? Eu fiquei pensando isso, tipo eu falei: Pô será que tem como? Será que vai dar certo? Será que... Teve um monte de pontinhos de interrogação de será e será, entendeu?! Mas eu falei olha, acho que... Mergulhei de cabeça, entendeu?! Falei vamos deixar esse será, será para descobrir com o tempo, eu vou me jogar, vou me atirar nos braços dela e vamos ver o quê que vai dar (Diário de campo, março de 2015)*

Entre os maridos que relataram não terem vivenciado tantos conflitos, compartilhar com outra pessoa sobre o relacionamento e o que estavam sentindo foi narrado como uma importante maneira de falar sobre o assunto. Conforme expõe um dos entrevistados, contar para um amigo foi uma forma de elaborar para si mesmo o modo como estava se entendendo “com” e “nesse” desejo, segundo ele:

*Não me impactou ela ser trans, achei legal, diferente, mas achei importante compartilhar com meu melhor amigo, né, tipo no caso. Por que era importante pra mim e ele foi o meu primeiro amigo a ter aceitado, tipo de eu namorar com uma transexual. Aí ele me perguntava: Ah, mas tu é gay? Aí eu disse pra ele: Não, eu não me sinto gay, eu me sinto um homem namorando com uma mulher normal! Aí ele: Ah então se tu aceita isso e tu acha que assim... Que bom pra ti! E se tu tá feliz... (Diário de campo, março de 2015)*

Para um dos maridos, casado há nove anos com uma mulher cisgênera, os conflitos, dúvidas e angústias fizeram parte de um complicado processo de depressão, sofrimento e divórcio. Mesmo mantendo relações sexuais como cliente de travestis e mulheres trans que se prostituíam, assumir o próprio desejo foi vivido durante muitos anos como algo marginal e imoral:

*Foi um dilema assumir... Assumir que eu gostava... Assumir que era por isso que eu queria me separar... Antes de me separar meu interesse por trans era só para programas né?! Fazia programa com mulher, com trans... Mas, não sei. Eu não tinha maturidade pra achar que era a minha preferência... Tinha como o fetiche oculto mesmo, né?! Acho que daí também tinha minha mãe viva, né?! Tudo que a gente passa na cabeça... Que nos pressiona... De se amoldar ao que acham que é comum... Normal (Diário de campo, março de 2015)*

A religiosidade da mãe e o compromisso com o casamento, – uma instituição sagrada e indissociável aos olhos de sua família católica –, possibilitaram que, nessa situação, qualquer abertura, saída e escoamentos dos fluxos do desejo fossem obstruídos. Os movimentos foram paralisados e o corpo-máquina desejante foi encapsulado, adoecido pelos discursos toxicamente instituídos do casamento cristão, da família patriarcal e da sexualidade saudável. Nessas condições, as interrogações atormentadas desse marido giraram em torno de como revelar à esposa sobre seu interesse sexual, e também afetivo, por travestis e mulheres trans, enquanto que, para ele mesmo, esses sentimentos ainda não tinham nome, justificativa ou entendimento pessoal. A saída encontrada por ele foi a terapia de casal, conforme relata:

*A gente fez uma terapia e aí... Muito dolorido dizer mesmo... Foi meio complicado... Aí ela ficou sabendo... De tudo... Perto do final do casamento, né?! Mas mesmo assim ela não queria aceitar separar! Desesperada ela disse que até me aceitava mesmo se eu me relacionasse e ficasse junto, mas aí quando ouvi isso me pareceu que ela... Aceitou, mas não aceitou né?! Posso dizer que conseguir se separar foi meio traumático, mas foi... Ainda é até hoje... Me perturba. Se ela quer voltar ou não eu não sei, mas... Andamos com problemas judiciais. Diante de tudo isso, olha foi difícil ser sincero pra ela e pra mim mesmo... Meu dilema depois de revelar ficou com a separação do filho também, né?! Daí eu não queria me separar pra não ficar longe do meu filho e aquilo foi aumentando assim a tensão de uma forma... E ela querendo ficar junto de qualquer jeito... Só de fachada... E aí... Chegou uma hora lá que ela brigou... E... Disse que iria pra São Paulo, arrumou as malas e disse que iria levar meu filho, aí não sei... Num desespero eu... Ela foi embora e eu tomei um monte de remédios e fui para a UTI. Aí depois ela voltou e foi um... Aí eu fui internado numa clínica psiquiátrica... Assim foi uma separação... Bem... Traumática*



(Diário de campo, março de 2015)

De acordo com Foucault (2006[1984]) saber de si é ocupar-se consigo mesmo a partir das relações de poder e saber que dão nome e forma à experiência do sujeito, produzindo discursos que conferem algo próximo à natureza e à essência (AMARAL, 2012). Assim, por meio de vivências tão diferentes, mas todas de certo modo atravessadas por uma rede discursiva que aciona elementos morais, científicos, religiosos, psicológicos, e até mesmo, jurídicos para falar e produzir verdade sobre o sujeito, é possível perceber que são engendrados pelos maridos diferentes modos de negociar, sentir e lidar com os efeitos dessa emaranhada rede discursiva.

No jogo de tensões e negociações com esses efeitos normativos, os maridos vivem a partir do encontro com seus desejos, intensos processos de produção de subjetividade que envolvem desde a revelação e entendimento da identidade de gênero da companheira, até o (re)conhecimento de sentimentos direcionados às travestis e mulheres trans, nunca antes pensados ou aceitos por eles mesmos.

Para além dessas revelações, produção de conhecimento e de saber sobre o outro e sobre seus sentimentos, é possível afirmar que há ainda uma espécie de revelação, quase que epifânica, experienciada pelos maridos no que se refere à produção de saber sobre si<sup>55</sup> nos encontros com seus desejos. Não em vão, muitas vezes, comparada por eles como uma forma de “saída do armário”.

Na concepção dos homens entrevistados, sair do armário faz menção à mesma expressão, mas não é comparada à experiência de autorrevelação vivida por gays e lésbicas (SEDGWICK, 2007[1993]). A ideia de armário aludida pelos maridos se aproxima da proposta crítica e epistemológica formulada por Eve Sedgwick (2007[1993]), no qual o armário age como um regime de regras e tensões para além da

---

<sup>55</sup> Foucault (2002), ao estabelecer a diferença entre saber e conhecimento, postula que o primeiro é um processo pelo qual o sujeito do conhecimento (racionalizado), ao invés de ser fixo, sofre uma modificação durante o trabalho que ele efetua na atividade de conhecer. Desse modo, o saber implica ao mesmo tempo, uma relação com os objetos de conhecimento – que ele chamou *movimento de objetivação* – e consigo mesmo – *processo de subjetivação* – nas quais são analisadas não somente a maneira pela qual os indivíduos tornam-se sujeitos de disciplinamento e objetos de conhecimento, mas a maneira pela qual se exige que os sujeitos produzam discursos sobre si mesmos a fim de que façam da própria vida um objeto de muitos saberes (AMARAL, 2012).

orientação sexual, pois atua nas fronteiras entre privacidade e revelação, entre público e privado, inclusive expondo na vida dos heterossexuais seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores.

Para os maridos, sair do armário implicou um processo de reflexão e elaboração sobre si que, para alguns deles, encontra relação na experiência trans, pois para eles não se trata de uma questão de somente assumir a orientação do desejo, como no caso dos homossexuais, há também um processo de reconhecimento sobre o que se é e o que se pode sentir para além do desejo pelo outro.

Nesse sentido, a proposta dos maridos sobre a saída do armário por meio da assunção de seus desejos pelas travestis ou mulheres trans transita entre uma noção essencialista de uma nova visão de “ser” e, ao mesmo tempo, uma concepção de transformação de si a partir do reconhecimento social e subjetivo do desejo pelo outro. Pois tal como refere um entrevistado, é a saída para uma vivência de si em que se permitem deixar viver, experimentar e assumir o próprio desejo, mesmo com tantas dúvidas, medos e ausência de explicações:

*É uma espécie de armário por que eu acho que é mais, mais que na homossexualidade, por exemplo, né?! Por que as pessoas não percebem... Por que é tudo muito secreto, um homossexual por mais que ele guarde tem sempre alguém que sabe... Ou todo mundo sabe e ele acha que o pessoal não sabe... Risos. Enquanto isso quem deseja mulher transex ou homem transex é uma revelação chocante pra todo mundo, né?! Inesperado, praticamente, pra todo mundo. Por que é um segredo assim... Mas acho um armário muito parecido com a transexualidade em si, né?! De revelar ser transexual e de se assumir transexual. Não como homossexual (Diário de campo, março de 2015)*

Os enunciados que se formaram nos territórios movimentados pelo desejo, trazidos até aqui, são experiências de desassossegos compartilhadas por homens que buscam entender *o que acontece* com eles nos encontros com mulheres que subvertem a ficção da natureza cisgênera. São, ainda, narrativas dos maridos que se veem interpelados por suas próprias preocupações de *será que devem* vivenciar relações amorosas, consideradas impossíveis dentro dos arranjos forjados pelas

normas de gênero. A partir desses questionamentos, também fui mobilizada a interpelar-me sobre como o desejo se produziu como algo tão inominável, obscuro e confuso e, ao mesmo tempo, tão potente, idealizado e almejado?

Mesmo compartilhando das ideias de Deleuze e Guattari acerca dos fluxos do desejo, julguei importante apresentar brevemente um pouco dos conceitos que foram sendo fixados ao desejo, de modo a tornar visível como o próprio desejo foi sendo produzido discursivamente. Isto é, o modo como alguns discursos acionados pelos maridos como o caráter interior do desejo, a carência, a falta e a vontade encontram ressonância na construção histórica do termo.

Tomando como início a dissecação dos termos que compõem a palavra desejo, visualiza-se de antemão sua derivação latina, o verbo *desidero*. Um verbo que tem sua origem na palavra *sidus*, cujo plural *sidera* significa astro, estrelas e toda a figura formada por seu conjunto, as constelações. Na astrologia, o termo *sidera* é utilizado para indicar a influência dos astros sobre o destino humano, considerada palavra de louvor por significar a vivência guiada pelo alto. Unindo as palavras *de+siderare* o significado nos mostra o contrário, define-se como o cessar de olhar os astros, deixar de ver e desistir das estrelas, não ver mais as constelações (CHAUI, 2006). Segundo Marilena Chaui (2006), *desiderare* é estar despojado da referência astral e do destino “escrito nas estrelas”, é, portanto, a decisão de tomar o destino em nossas próprias mãos.

Segundo a autora, essa transição de significados mostra o modo como a Modernidade inaugura, no campo do conhecimento, o imperativo da racionalização da realidade humana face ao saber das ciências da natureza. Uma passagem que marca o “desencantamento do mundo”, no qual o pensamento sobre o governo do mundo e dos homens a partir da natureza (deus) é tomado pela ideia de racionalidade e razão (CHAUI, 2006, p.19). É o momento de transição de um conceito metafísico de desejo baseado na interpretação do cosmos, para um conceito psicológico de desejo povoado de significações inconscientes da psique humana. Eis aqui a primeira relação discursiva entre desejo e algo que acontece “dentro” do sujeito, como nas interrogações dos maridos sobre seu estado mental ao narrarem: *O que estou sentindo? Será que estou ficando louco?*

Ainda no campo dos significados do termo, a ambiguidade da definição e dos sinônimos do verbo desejar amplia seu paradoxo conceitual. Ao buscar o significado do verbo em diferentes dicionários da língua portuguesa é possível observar que seus sentidos oscilam entre

“ter desejo de”, “ambicionar”, “não satisfazer completamente”, ou ainda, “sentir desejo por” (MICHAELIS *online*; AURÉLIO *online*). Em termos gerais, a definição do verbo desejar parece não ter fronteira limitada, deslizando pelo sentido de incompletude/carência, vontade/ambição e atração sexual, tal como sugere a oscilação de significados encontradas em seus derivados desejoso e desejante. A fluidez linguística do verbo também aparece na sua transitividade verbal, uma vez que “desejar” pode ser classificado gramaticalmente como um verbo que necessita de um objeto simples para complemento, isto é, da especificação de um algo ou alguém que seja desejado. E em outros casos, pode ser empregado como um verbo que necessita de mais detalhes e preposições que indiquem a quem (se) deseja e como deseja.

Nesta tensão conceitual que cerca o desejo desde sua etimologia, identifica-se uma série de heranças que deixaram marcas não apenas em sua produção linguística, mas também em suas práticas discursivas que nos legitimam e (des)acomodam como sujeitos que tentam compreender e explicar o desejo. São marcas que se formam como nervos e ranhuras na ideia que construímos sobre *o que, quem e como* desejamos, que ao serem exploradas expõem seus legados, alianças e o modo como foram se amalgamando a diferentes significados.

Observa-se aqui a relação estabelecida entre o desejo, o objeto e a verdade sobre o sujeito, como se o desejo dependesse de uma orientação e estabilização em algo, e como consequência disso fosse revelada a verdade sobre sua sexualidade, como aparece nas dúvidas dos maridos quando dizem: *Sinto desejo por ela e ela é trans, será que sou gay?*

É nesse contexto que Marilena Chaui (2006) aponta um dos principais legados da Renascença no que se refere à produção discursiva: a fusão entre o desejo e o amor. É dela que emerge a definição do desejo como sentimento de fome ardente e até mesmo de amor divino, aproximando o termo à plenitude, ao mesmo tempo em que seu significado passa a ser lido como lamento, ânsia e nostalgia, e aos poucos, também como saudade (CHAUÍ, 2006).

A saudade, substantivo muito bem definido na língua portuguesa, também deixa seus vestígios na produção de conhecimento sobre o desejo. Uma vez que referida à ausência do que/de quem amamos aliou-se à noção de lembrança resistente ao tempo e, dessa forma, foi aos poucos amarrando o desejo à falta. Temos assim a consolidação da ausência como a definição do próprio desejo.

Sobre a falta e saudade como indicativos da vivência de um sentimento intenso de paixão e amor são trazidos na fala de um dos

maridos ao citar o momento em que ele se deu conta que estava realmente apaixonado, pois segundo ele:

*É tudo entre nós foi indo aos poucos assim. Eu na verdade... Eu até... Isso aconteceu, tipo, quando a gente ficou a primeira vez acho que foi em novembro, aí em dezembro, tipo, não tinha aula, aí eu de dezembro a março eu ficava na minha cidade, no interior. Tanto que eu fiquei uma vez, eu já tinha ficado uma ou duas vezes com ela e eu: Tá não me espera, né?! Eu vou viajar! Daí eu não acreditava, aí laaaaá na saudade, eu comecei a sentir algo... Aí quando eu cheguei aqui que eu vi... Vi que não tinha mais volta (Diário de campo, setembro de 2014)*

A marca do desejo como falta, ausência e carência também foi teorizada pelo filósofo alemão Georg Hegel (1992[1807]), no qual o desejo é entendido como um sentimento de reconhecimento de si por um outro que só pode efetivar-se pela mediação de uma perda, pela supressão da consciência do outro à submissão. Isto é, a perda de liberdade do outro de desejar por si mesmo, desejando apenas que nosso desejo seja satisfeito (CHAUI, 2006).

Nos trilhos da mesma lógica conceitual do desejo como falta e privação, Sigmund Freud (2001[1900]) também marca a produção de discurso e saber sobre o desejo ao elaborar sua teoria a partir da interpretação dos sonhos. A psicanálise freudiana, ao afirmar que desejo é a busca incessante pelo restabelecimento de uma situação primeira de satisfação, produz como um dos principais efeitos o enlace entre desejo e memória. Por essa leitura, o desejo é a busca indefinidamente repetida dessa perda que não cessa de ser presentificada por outros objetos, e por isso se constitui pela protelação da satisfação (CHAUI, 2006).

Tateando as linhas rugosas que marcam o desejo, tais como a noção de reconhecimento, ambição ou plenitude, o fato é que o desejo institui em todas essas perspectivas o campo das relações intersubjetivas. São linhas que formam enunciados nos quais é possível acompanhar que “não desejamos propriamente o outro, mas desejamos ser para ele objeto de desejo. Desejamos ser desejados, o desejo é desejo do desejo do outro” (CHAUI, 2006).

Nesse sentido, os resquícios do mundo encantado ainda são presentes e podem ser visibilizados nas heranças do Eros platônico que

traduziu desejo sob o símbolo do fogo. Como chamas ardentes, o desejo foi traduzido como aquilo que não cessa, que não se satisfaz e é impossível de determinar, tal como exposto no soneto de Luís Vaz de Camões (1943[1595]), onde o *amor é fogo que arde sem se ver; é ferida que dói e não se sente [...]*.

É por essa lógica que o desejo, mesmo vinculado ao amor, também foi utilizado pelos gregos não como *desiderum*, mas como *oréxis* que significa fome e apetite. Um desejo entendido como movimentação interna que, segundo os estoicos, apenas era suscitado por algo externo e, por isso, é algo que se expande para fora na busca pelo alvo que o moveu. Desse modo, uma tensão da natureza apta a receber o movimento externo vindo do desejado. Nessa perspectiva, o sentido de desejo é deslocado para uma mescla de passividade e atividade, características do desejo em Platão e Aristóteles (CHAUI, 2006).

Tendência, impulso, tensão, ardor e expansão são significados que vinculam o desejo a mais um laço: o movimento. Desde Aristóteles, o desejo move o mundo, ânsia da matéria indeterminada em busca de sua forma acabada e para sempre inalcançável.

Assim, se desejo é movimento, nessa tese ele não se prende à idealização hegeliana, ao amor platônico ou à falta e incompletude da psicanálise, mas se roça à vontade, à potência e ao afeto de Nietzsche e Espinosa, materializadas nas concepções de Deleuze e Guattari (2010[1972]) sobre produção e não falta de desejo. Para esses, a potência do desejo está em sua dimensão excessiva que ameaça transbordar não num mundo encantando, teatralizado ou transcendental, mas no real. Cujo resultado final está na própria existência, como nos enunciados de dúvida, vontade, amor e também de experimentação no real que não atam o desejo, mas promovem mais movimentos, conexão e produção como refere-se o entrevistado:

*Pergunto como foi quando ele percebeu que queria assumir o relacionamento. A única coisa que eu fiquei... Não tive dúvida, mas que eu pensei em relação a... Tipo: O que eu estou fazendo? A gente já tava eu acho até um tempinho já juntos ali no comecinho e aí eu falei: Bom a gente não tá só ficando! A gente já tá praticamente namorando! A gente tá se vendo todos os dias, eu já conheço a família dela... Aí eu me... Eu vi que eu tava meio que anestesiado por uma paixão assim*

*como ela e isso a gente faz perder um pouco a noção, aí eu vim a pensar: Será? Dou continuidade? Eu pensei... Preciso viver isso (Diário de campo, setembro de 2014)*

Assim, as inquietações e indefinições enunciadas pelos maridos em função do reconhecimento e modos de se constituírem como sujeitos demonstram que seus desejos não se filiam a significantes, pois existem sem mediações, ainda que constantemente atravessados e interpelados pela produção discursiva que insiste em tentar normatizar e normalizar também o desejo. Com as experiências vividas por esses homens que abrem mão das definições, é possível analisar que no desejo não há nada a ser revelado, ele se produz e se move nos encontros. Na busca do saber sobre si a partir do desejo por suas mulheres, esses homens se propõem a experienciar o pressuposto de Espinosa (2016[1677]) no qual um indivíduo é modificado pelos encontros que ele faz, e que, portanto, sua experimentação é *o que não tem medida, nem nunca terá; o que não tem remédio, nem nunca terá; o que não tem receita* (BUARQUE, 1976).

### **3.2 O QUE DÁ DENTRO DA GENTE E NÃO DEVIA: DEPRAVAÇÃO, DESVIOS E A PATOLOGIZAÇÃO DOS DESEJOS**

*O que será que será  
 Que dá dentro da gente e que não devia  
 Que desacata a gente, que é revelia  
 Que é feito uma aguardente que não sacia  
 Que é feito estar doente de uma folia  
 Que nem dez mandamentos vão conciliar  
 Nem todos os unguentos vão aliviar  
 Nem todos os quebrantos, toda alquimia  
 Que nem todos os santos, será que será  
 O que não tem descanso, nem nunca terá  
 O que não tem cansaço, nem nunca terá  
 O que não tem limite*

*Chico Buarque – O Que Será - À Flor da Pele, 2ª parte (1976)*

Na seção anterior foram analisados os enunciados que trazem à discussão o modo como os maridos buscaram se entender, e do mesmo

modo, tentaram definir e nomear o que experienciaram a partir do desejo por suas namoradas e esposas travestis e trans. Em um processo de continuidade da análise das formações enunciativas possíveis de serem ditas no plano dos movimentos agenciados pelo desejo, são trazidos nesta seção os enunciados da depravação e do desvio que posicionam os maridos como sujeitos do discurso da patologização. Neste sentido, são problematizados os enunciados sobre si que em algum momento já fizeram com que os maridos fossem capturados pelo discurso do binarismo normal-anormal para produzirem saber sobre si e elaborarem suas angústias, assim como os efeitos disso no modo como reconhecem a identidade de gênero de suas companheiras.

Um dos primeiros enunciados que dão pistas para a discussão acerca das imoralidades e perversões que encarceram as sexualidades dissidentes é a vivência do segredo. Entre os maridos que já haviam se relacionado com travestis e mulheres trans, mesmo que na posição de clientes, o desejo sexual por elas foi relatado como um sentimento que durante muito tempo precisou ser mantido em segredo. Quando perguntados sobre os motivos que levaram a preservar suas relações na clandestinidade, os enunciados ligados à patologização das sexualidades emergiram como razões:

*Era algo que eu escondia, já era claro pra mim essa... Esse problema de se aceitar... De achar isso normal. Eu via o meu desejo por mulheres trans como uma depravação, um desvio moral, uma... Eu não sei dizer... Como se fosse uma coisa... Não ilegal, mas era não moralmente aceito. Não como uma pedofilia, mas era uma zoofilia, sei lá... Uma coisa mal resolvida de... Interna, da psique (Diário de campo, março de 2015)*

Experimentar relações que não fazem parte dos roteiros sexuais monogâmicos, procriativos, saudáveis, seguros e legais que se constituem no discurso da sexualidade normal entre homens e mulheres cisgêneros e heterossexuais, pode se tornar uma experiência à margem e tributária da violência normativa. Uma forma de violência que não está apenas nas normas que tornam o desejo por travestis e mulheres trans uma experiência ininteligível, mas que também incide sobre os maridos psiquiatrizando suas experiências, patologizando seus desejos e produzindo como efeito, a experiência de sofrimento, tal como menciona um dos entrevistados quando perguntado sobre como se sentia



mantendo relações sexuais com as travestis e mulheres trans sob segredo e também culpa:

*No início foi difícil, passa por um período que a gente fica querendo arriscar, vamos dizer... Tem um relacionamento, aí depois a gente tem, mas a gente não aceita... Eu digo no programa né?! Nos programas tinha uma trans que falava que os clientes depois de transar com ela, ela se sentia um cadáver. Era parecido assim... Eu me sentia muito mal moralmente e não queria tá ali, por isso que ela se sentia que era um cadáver, né?! Eu fui criado na religião católica também e praticava. Até os vinte e um eu ia à missa todo domingo, agora sou ateu. Por isso era tão difícil verbalizar muitas coisas. Até o hoje o assunto é complicado e não deveria ser. Pra falar com meu filho sobre um assunto de sexo... Que besteira né?! Eu mesmo me atrapalho todo... Como é que eu vou falar para o meu filho? Eu sei tudo da necessidade, mas chega na hora... Travo... O que era para ser natural... Meus pais nunca falaram para mim sobre sexo eu até falo para ela (esposa) e ela não acredita. Risos. Falar sobre transexualidade então... Seria sexologia avançada! Risos. Eu tô falando só de onde vem o filho que não vem da cegonha... Risos. Pra mim já foi até um choque saber que não vinha da cegonha! Risos (Diário de campo, março de 2015)*

A vivência do sentimento de culpa e o sofrimento materializam a ideia de que os desejos que escapam e subvertem as normas cisheteronormativas são errados, promíscuos, sujos e doentes. E por assim se constituírem, são experiências marginalizadas que *não podem* ser normais ou, pelo menos, *não devem* serem vividas por homens que gozem de uma considerável saúde sexual e mental. Àqueles que ousam desviar e assumir seus desejos cabem-lhes a vergonha e a desumanização de seus afetos, uma forma de não os matar, mas de

“fazê-los viver<sup>56</sup>” na condição de um sentimento de *cadáver* após relações com travestis e mulheres trans

Nesse sentido, a produção desse discurso é naturalizada e legitimada nas hierarquias de saber e verdade que encontram nas teorias psiquiátricas espaço para exercício do poder sobre os corpos e as vidas. Mostra disso, são as pesquisas no campo da saúde e da psicologia que reproduzem, patologizam, – ou minimamente reconhecem esse discurso como verdade –, e classificam a experiência dos homens que se relacionam com as travestis e mulheres trans como *ginandromorfofilia*, ou ainda, como indivíduos que compartilham com suas companheiras uma “loucura a dois”, traduzida do francês *folie à deux* (MONEY; LAMACZ, 1984; BLANCHARD; COLLINS, 1993; VERDE; GRAZIOTTIN, 1997; LEWINS, 2002; BORGES et al, 2007; SOARES, 2012).

Nessas perspectivas, os diagnósticos não são meras formas de descrever o sujeito e alentar àqueles que buscam uma definição sobre si mesmo, são armas de governar vidas, pois definem condutas e promovem as condições de existência sob uma complexa e sutil forma de gestão do prazer (FERNANDÉZ-FERNANDÉZ, 2012). Nesse sentido, a construção de estereótipos em torno dos homens que mantêm relações afetivas, sexuais e amorosas<sup>57</sup> com as travestis e mulheres trans já foram registradas em edições anteriores do Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais – DSM IV (APA, 2002) na seção de parafilias, ou como considera Daniel Fernández-Fernández (2012, p.203) na seção de distúrbios sexuais que pode ser configurada como “o novo jardim das espécies”. O rol de distúrbios e desvios da sexualidade normativa sofre

---

<sup>56</sup> Em sua obra em “Em defesa da sociedade” (2006[1995]), Michel Foucault lança pistas a respeito das condições históricas, econômicas e sociais que possibilitam na época moderna a constituição da biopolítica. Uma forma de tecnologia do poder (apresentada na seção 2.1 desta tese) em que não a preocupação central do poder soberano não está mais situada no direito à vida ou à morte, na qual a lógica que operava sobre o indivíduo era a de “fazer morrer e deixar viver”. Para Foucault (2006[1995]) a partir do momento em que a vida passa ser o próprio objeto de agenciamento do poder, por isso biopolítica, têm-se uma nova forma de poder soberana, a de “fazer viver e deixar morrer”. Trata-se de um mecanismo de poder centrado no corpo individual, em sua distribuição, sua análise, seu exercício, sua conexão a outros corpos.

<sup>57</sup> Há estudos como o de Milene Soares (2012) e Rafael Galli (2013) que fazem distinção entre as relações sexuais, as afetivas e as amorosas para se referir aos “parceiros” que se relacionam com travestis e mulheres trans.

constantes alterações a cada nova edição do manual psiquiátrico, sempre no intuito de tentar abarcar o maior número de diversidade de prazeres, mas nunca avançou em termos de estigmatização das diversidades sexuais.

Assim, se por um lado os termos específicos para qualificar e enquadrar as relações com travestis e mulheres trans deixaram de existir formalmente na lista das parafilias e anormalidades sexuais, nada impede que o discurso patológico sobre os desejos penetre em outros campos tomando as mais variadas formas. Um exercício perspicaz de produção de verdade que se articula com outras patologias e estabelece conexões menos visíveis, mas não menos potentes, como demonstram os questionáveis esforços de algumas pesquisas que propõem relações entre o desejo dos maridos e o Transtorno Obsessivo Compulsivo (BORGES et al, 2007), por exemplo.

O que a patologização do desejo desses homens parece sinalizar é que assim como os clientes e “parceiros” sexuais das travestis e mulheres trans exercem formas reconhecidamente pervertidas de sexualidade frente ao saber psiquiátrico e à *scientia sexualis*, do mesmo modo, os maridos, namorados e companheiros fazem parte dessa perturbação, porém em uma dupla transgressão: por desviarem o desejo de sua natureza normal e, principalmente, por desejarem sujeitos que se constituem na zona da abjeção, cujos corpos indesejáveis não *devem* ser amados.

Assim, por estas mesmas artimanhas de classificação e fixação das experiências em categorias, também é possível situar a estereotipia que foi construída historicamente na figura do marido. Tanto os discursos acadêmicos quanto a imagem apresentada pelas próprias travestis e mulheres trans a respeito dos homens aproveitadores, simbolizados na caricatura do macho viril – gigôlo, mulherengo, forte e, por vezes, violento – foram pouco problematizadas ou até mesmo desmistificadas no decorrer dos anos (KULICK, 2008[1998]; SILVA, 2007; PELÚCIO, 2009).

Como propostas de leitura crítica acerca do tema é possível citar a pesquisa de Magnor Müller (2012) que se propõe a ampliar o espectro das relações entre afeto e dinheiro ao discutir o sustento financeiro do lar como uma prática de agenciamento das esposas, e também o trabalho de Flavia Teixeira (2011) que analisa a partir de uma perspectiva interseccional a imbricada rede do sexo, amor e dinheiro em contextos migratórios.

Ao problematizar a generalização do perfil e das formas de interesse dos maridos pelas travestis e mulheres trans, não sugiro negar

a existência de relacionamentos em que o interesse financeiro esteja presente ou ignorar o contexto histórico, político e social que possibilitaram que esses discursos e formas de relações se tornassem mais visíveis. Para um dos entrevistados a figura do marido folgado pode estar relacionada à complacência e à carência afetiva das travestis e mulheres trans, e também à prostituição considerada por alguns homens uma fácil e valiosa fonte de renda:

*Na verdade, isso dos maridos não é coisa de agora, isso sempre existiu, por que sempre teve as burras das bixa, as travestis burras sempre existiram, essas que aceitam isso. A (nome da esposa) nunca me manteve a gente sempre se ajudou. Acho que elas ficam com medo de perder o marido, eu acho né?! A maioria dos maridos que conheço são folgados. Casal que se ajuda é muito difícil, até entre os mais novos. Vem de anos isso aí. Mas também não sei né?! Por que eu não conheço nenhuma que não se prostitui... (Diário de campo, julho de 2015)*

O campo das relações entre dinheiro e amor é mais complexo e menos idealizado quando analisadas as experiências conjugais, não somente entre as travestis e mulheres trans, mas também nos relacionamentos em um contexto geral. Especialmente, quando o dinheiro parece ainda ocupar nas discussões uma posição de ameaça aos afetos e contaminação do amor (TEIXEIRA, 2011). Entretanto, nesta pesquisa foi possível ter acesso a relacionamentos com uma dinâmica financeira diferente das mencionadas nas pesquisas de Don Kulick (2008[1998]), Hélio Silva (2007), Larissa Pelúcio (2009) e Magnor Müller (2011), nos quais a esposa que se prostitui é a principal responsável pelas despesas domésticas e também das atividades de lazer.

Ainda que não tenha sido utilizado um instrumento de pesquisa que possibilite uma descrição detalhada da renda dos casais, é possível afirmar que entre os sete entrevistados para esta tese, todos os maridos exerciam funções remuneradas e possuíam renda igual ou superior a de suas esposas. Nas conversas iniciais com as esposas e namoradas e nas entrevistas com seus companheiros identificou-se que apenas um (01) dos maridos era o provedor principal do lar, pois sua esposa não estava trabalhando no momento. Todos os outros seis (06) casais relataram

dividir as despesas domésticas e de lazer, sendo que desses, dois (02) casais trabalhavam juntos no mesmo local.

Com a descrição desta dinâmica não é possível sugerir relações ou estabelecer intersecções, uma vez que não se tratam de arranjos conjugais com perfis homogêneos. Não há proximidades com as análises sobre o funcionamento conjugal das travestis pertencentes a camadas populares (PELÚCIO, 2006) ou dos casais de camadas médias como no estudo de Maria Luiza Heilborn (2004), pois de acordo com a escolaridade e atividade laboral exercida pelos maridos, os participantes faziam parte de diferentes camadas sociais. Também não é possível promover relações entre a divisão de despesas exercida pelos casais e o perfil geracional dos maridos, supondo que façam parte de “novos” arranjos e dinâmicas conjugais, pois as idades dos participantes possuem uma ampla variação entre 24 e 51 anos.

Enfim, acredito que seria frágil em aspectos teóricos e políticos elaborar análises mais aprofundadas sobre estas informações, porém torna-se importante trazê-las ao debate na medida em que provocam rupturas com a produção discursiva e problematizam, mesmo que temporariamente, a aparente estabilidade a respeito da centralidade que o interesse financeiro ocupou nos debates acerca dos laços amorosos, principalmente, entre as travestis que se prostituem e seus maridos.

Retomando a discussão em torno dos enunciados que posicionam os indivíduos como sujeitos da patologização, para além da produção dos saberes e dos dispositivos de poder que visam normalizar e normatizar os desejos dos maridos, a violência normativa opera com ainda mais legitimidade sobre os corpos, gêneros e sexualidades das travestis e mulheres trans.

A discussão acerca da violência que incide sobre as pessoas trans a partir da patologização de suas existências é uma discussão de grande relevância<sup>58</sup> e no qual partilho como pesquisadora e psicóloga do posicionamento político, em atual efervescência mundial, que diz respeito ao Movimento pela Despatologização das Identidades Trans<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup> No que se refere à problematização teórica, crítica e política sobre a despatologização das identidades travestis e trans indica-se a leitura das discussões tecidas por pesquisadoras como Flavia Teixeira, Berenice Bento, Larissa Pelúcio, Daniela Murta, Jaqueline de Jesus, Liliana Rodrigues e Simone Ávila, e também de pesquisadores como Miquel Missé e Jorge Leite Junior.

<sup>59</sup> Para consultar produções acadêmicas e audiovisuais sobre o tema em interface com a psicologia, acesse o site “Despatologização das Identidades

Tendo em vista que na mais recente edição do Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais – DSM V (APA, 2014), a classificação que define as experiências travestis e trans como condições psiquiátricas deixaram de ser consideradas Transtornos de Identidade de Gênero e foram redefinidas como Disforia de Gênero, observa-se que essa alteração na prática não proporcionou quaisquer mudanças na sistemática produção de violências impetradas sobre suas vidas, bem como no acesso e garantia de direitos e cidadania que lhe são negados cotidianamente (AMARAL; TONELI, 2013; BONASSI et al., 2015).

No entanto, a discussão que me dedico a trazer nesta seção transita por outros modos pelos quais os discursos que legitimam a patologização das identidades travestis e trans são acionados e postos em circulação. São os efeitos do dispositivo do poder psiquiátrico que produzem o modo como os maridos reconhecem a identidade de gênero de suas companheiras.

Nas entrevistas, é importante salientar que nenhum dos maridos e namorados se referiram a suas esposas como “anormais” ou “doentes”, no entanto foram comuns as referências às mulheres cisgêneras, nas quais anteriormente se relacionaram, como “mulheres normais”, ou ainda, atribuírem à normalidade apenas aos casais cisgêneros como descrevem alguns dos entrevistados:

Pergunto se ele teve namoros anteriores. *Sim, antes da (nome da namorada) tinha. Eu tinha uma namorada, eu namorei mais ou menos um ano e pouco com ela. Era uma menina normal, que não era trans* (Diário de campo, março de 2015)

Pergunto ao marido se ele e sua companheira conhecem ou convivem com outras pessoas trans que são casadas. *Por acaso não. Convivemos com casais normais.* Neste momento, a esposa distraída no celular prontamente interrompe nosso diálogo e ironiza: *E nós somos os anormais?! Risos* (Diário de campo, novembro de 2014)

Neste campo dos enunciados frequentes e menos visíveis, outras formas de reconhecer, e de certo modo, produzirem saber sobre as companheiras foram enunciadas pelos maridos a partir do desconhecimento que tinham a respeito das pessoas trans, antes de conhecerem suas esposas. Para além disso, a confusão entre identidade de gênero e orientação sexual também emergiu como um elemento a mais na lógica de reiteração dos preconceitos e estereótipias. No relato a seguir, um dos entrevistados narra o momento em que ouviu pela primeira vez alguém comentar sobre o relacionamento entre um homem trans e uma mulher trans:

*Teve um dia que uma amiga minha que era bem homem, sabe também?! Ela falou pra mim que tava se relacionando com uma mulher trans e eu perguntei o quê que era isso. E ela falou é assim, assim, assim. E eu falei pra ela: Você tá ficando maluca? Ih eu falei um monte de coisa pra ela. Aí eu me afastei, tipo: Ah para! Tipo gosta de mulher e agora vai ficar com um cara vestido de mulher... (Diário de campo, março de 2015)*

Do mesmo modo que são frequentes as confusões entre pessoas trans e homossexuais, observa-se que o princípio da complementariedade e da rigidez da heteronorma também atuam como forma de controle sobre os desejos das pessoas trans, pois parte-se do pressuposto de que pessoas travestis e trans devem ser heterossexuais e são essas relações que muitas vezes operam como um atestado de veracidade acerca de suas identidades de gênero.

Seguindo essa perspectiva de catalogação das experiências travestis e trans, acompanho nas entrevistas a formação dos enunciados que diferenciam as mulheres trans das travestis sob a ótica dos maridos. Observa-se que a criação de uma fronteira entre essas experiências surge como um suporte e temporária estabilidade social a eles, tendo em vista que alguns homens para conservarem sua integridade moral acreditam que tal diferenciação fundamenta-se em uma questão de postura social, e por conta disso suas relações *deram certo* e são melhor qualificadas quando comparadas a de outros casais.

Sobre isso, é interessante notar como a distinção que alguns deles fazem entre travestis e mulheres trans consegue escapar às normatizações psiquiátricas, nas quais é conferido às transexuais os sintomas de rejeição ao pênis e desejo pela cirurgia e às travestis os

comportamentos perversos, a satisfação com seu pênis e fetichismo. A produção naturalizada desse discurso é borrada pelas próprias travestis e transexuais e denunciada como performativa, quando são articuladas as intersecções entre classe, raça e geração, nos quais observa-se um processo de higienização, a isenção de uma possível “culpa” e as tentativas de normalização/adequação encarnadas no significado biomédico da transexualidade, enquanto que às travestis depositam-se as práticas “escolhidas” da promiscuidade, do desvio, da criminalidade e do perigo (BARBOSA, 2010).

Entretanto, ainda que alguns maridos resistam à demarcação psiquiátrica e também social para classificar quem *deve* ser considerada travesti, de quem *pode* ser transexual, é possível perceber que os enunciados visibilizam outras formas de captura do discurso, como as distinções que moralizam as condutas.

Neste sentido, observa-se atualmente um amplo uso do termo “mulheres trans” para se referir às mulheres transexuais e também às travestis como uma posição política que possibilite deslocar as diferenças produzidas pelo discurso biomédico. No entanto, nem sempre o deslocamento dos termos garante, ou pretende assim assegurar, que as travestis deixem de ser as principais tributárias do discurso não necessariamente patológico, mas dos desvios de conduta, caráter ou até mesmo comportamental diante das sociabilidades e possibilidades de laços amorosos, como se referem alguns maridos:

*Comecei a ver as diferenças e com o decorrer do tempo eu comecei a me interessar pelas mulheres trans, por que eu comecei a conviver, eu comecei a perceber que realmente são mulheres, têm pensamento como mulheres entendeu?! Tem uma certa delicadeza, tem um ponto sensível sabe?! Tipo... Aí tá! E o travesti não, o travesti ele... Ele tem um ponto também que se refere a ser mulher, mas não é tão delicado né?! Não é tão sensível quanto a mulher trans e geralmente os travestis se montam à noite e durante o dia são eles né?! Muitos né?! Aí eu fui... Aí tá, o quê que aconteceu? Eu comecei a me interessar pelas mulheres trans! Só que eu não tinha coragem de assumir, eu nunca tive entendeu?! Aí foi passando os anos, eu me afastei fui embora daqui, fui pra outra*



*cidade* (Diário de campo, março de 2015)

Em um sentido mais amplo, os modos de se expressarem e de adaptarem seus comportamentos e, principalmente seus corpos, às normas sociais são enunciadas pelos maridos como características importantes para que as esposas sejam aceitas e reconhecidas pelos seus familiares, como narra um dos entrevistados:

O entrevistado menciona que o pai após alguns meses sem falar com ele e sem tecer qualquer comentário sobre o namoro dele com uma mulher trans, aos poucos, volta a se aproximar. Pergunto quais motivos que ele acha que levaram o pai a querer se aproximar. *Eu acho que na verdade ele se sentiu bem confortável com a gente. Ele viu que a gente era amigo dele que a gente queria ele bem, ele viu que a (nome da esposa) era uma pessoa legal, uma pessoa que tinha postura, era uma pessoa que tinha educação. Ela é sincera demais, ela fala sem medo... Desmistificou pra ele, por que ele tinha aquela aparência que no geral o mundo tem, por quê? Por que eu acho que as próprias trans, mulheres trans tarjam isso, colocam isso como aparência pra elas. O quê que é uma trans? É vulgar, fala um monte de besteira, só sabe falar em putaria, se drogam, se prostituem. Por quê que em geral o mundo pensa isso? Por que eu acho que é boa parte da vida delas, não é o que elas desejam, mas sem querer é o que elas acabam fazendo. Então eu acho que elas se colocam nessa linha. Isso eu acho muito importante elas terem um ponto de vista diferente, tentar mudar, tentar mostrar que de repente: "Ah eu também gosto de jogar vôlei!" ou eu também gosto de sei lá... "Eu gosto de desenhar!" ou "Ah eu gosto de fazer uma trilha!" Tem tantas outras coisas que tu pode mostrar para as pessoas que tu tem dentro de ti. Então meu pai viu que ela*

*não era uma pessoa que só falava putaria, uma pessoa que não tinha uma postura legal, aquela pessoa fechada, explosiva e revoltada... Não, ela era super social, querida e a gente passou a conviver (Diário de campo, março de 2015)*

Com os enunciados analisados até aqui, é possível afirmar que nem todos os maridos partilham da mesma opinião, conhecimento e, portanto, dos modos de reconhecerem suas esposas a partir da identidade de gênero que vivenciam. Em função, disso a escolha do uso dos termos “travesti” e “mulheres trans” para compor a escrita desta tese se justifica por ser o modo como os maridos se referiram e reconheceram suas esposas na experiência da entrevista, e também, por se tratar da posição política que adoto como pesquisadora interessada em reafirmar e potencializar o uso não apenas do termo trans, mas em especial da expressão “travesti”. Aposto na afirmação do termo travesti como estratégia de resistência e de anticonformismo aos saberes psiquiátricos, psicológicos e jurídicos que buscam serializar, ajustar e normatizar os prazeres, corpos e gêneros apagando suas batalhas históricas, suas lutas no movimento social e na rua, e por efeito, suas políticas de dissidência que as construíram como travestis.

Mostra disso, é a permanente reafirmação das esposas que se autodeclaram travestis para que seus maridos as reconheçam a partir dessa experiência, mesmo que muitas vezes isso signifique ao marido uma ofensa e desrespeito com sua esposa, e indiretamente uma desqualificação de si e de seu relacionamento:

*Ela prefere ser chamada de travesti, é assim que ela fala. O engraçado é que ela me pergunta às vezes assim... Por que no relacionamento sempre eu a entendi como transexual. Ai um dia ela me perguntou: Mas por que tu me trata como transexual? Com a palavra transexual? O que é transexual pra ti? Ai eu disse: Ah, é pra mim a palavra transexual é a diferença com travesti. Por que diferente do transexual eu acho que seria uma ofensa por que tu para na rua e diz: Oh o traveco lá, lá vem o traveco! Lá vem o travesti! E isso é uma palavra ofensiva pra elas! Tipo eu vejo que seja assim tanto que tu*

*pode até ver na TV sempre dizem: “O travesti”, sempre no masculino, aí que já começa o preconceito, a não aceitação, através de um repórter um jornalista que já mostra o lado ofensivo, aí de onde é que a mídia vai proteger as pessoas que são assim? A mídia quer expor uma pessoa assim! Tipo ele não tá defendendo, ela tá fazendo com que todo mundo da sociedade, tipo, discrimine mesmo a pessoa. Por que daí tipo ela me perguntou: Ah por que tu me chama de transexual? E eu: Por que tipo eu te vejo como transexual, pra mim é uma palavra bonita! Digamos assim é o tratar o outro com respeito, digamos assim (Diário de campo, março de 2015)*

Por fim, é necessário também trazer à cena os enunciados que patologizam as experiências transexuais, e neste sentido diretamente associados às mulheres trans que desejam a realização da cirurgia de transgenitalização. Tal como se refere Bruno Barbosa (2010) entre doidas (transexuais) e putas (travestis) as pessoas trans que desejam a cirurgia se produzem como sujeitos a partir de um processo histórico de psiquiatrização e produção intensa de diagnóstico e verdade médica sobre suas origens, causas e modos de vida (LEITE JUNIOR, 2008).

Aquelas que estão em acompanhamento para a realização da cirurgia passam com seus maridos por um longo processo de construção de si a partir da lógica patológica, sendo o poder deste saber e verdade que garantem o acesso aos procedimentos cirúrgicos. A produção desse discurso, justamente por ser tão estratégico e capilar, ultrapassa as barreiras das clínicas e hospitais especializados na “atenção às disforias” e penetra nas relações, nesse sentido, no modo como também os sentimentos, os comportamentos e os processos de subjetivação são (des)potencializados. Sobre isso, me explica um dos maridos ao ser perguntado sobre quais foram os maiores desafios experienciados na relação com sua esposa:

*Eu estava aqui em silêncio para poder te falar uma coisa. Tenho aqui a resposta da pergunta que me fizeste anteriormente. O que que ainda hoje é um desafio e eu não consigo lidar, o que é a parte mais penosa e o que me*

*destrói, que me destrói e me faz perder a vontade de fazer as coisas da minha vida, perca a vontade de fazer minhas atividades, perca a vontade de ser eu mesmo? Sou uma pessoa muito divertida, um cara alegre e... Dentro desta patologia não nela, mas em todos os outros que eu tenho visto e conhecido após ter conhecido ela, noto que há um certo cabisbaixismo e uma revolta muito grande dentro deles, são seres humanos cabisbaixos, tristes, deprimidos e têm uma revolta contra a sociedade enorme. Ela tem isso e as pessoas... Quando estivemos juntos agora na sexta-feira com o doutor (cirurgião plástico) eu fico olhando para a situação contrária e vejo isso nos outros homens que já foram mulheres, há ali uma revolta e há um cabisbaixismo no jeito de ser na vida, de ideias, de mente, no chamado viver o dia a dia. Nas coisas simples, como parabenizar e elogiar algo bonito, um momento engraçado, a alegria de tomar um café bem quentinho no inverno ou de uma coisa legal, parecem que eles não estão nem aí pra isso, e pensam ou dizem: Problema grave é o que eu tenho! E se perde o prazer da comida estar bem feita (Diário de campo, março de 2015)*

Para finalizar esta seção tomo emprestada a pergunta que Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012) fazem ao discutirem a despatologização dos gêneros e a politização das identidades abjetas: “Como o gênero tornou-se uma categoria diagnóstica?” (p.570), questionam as autoras ao analisarem o peso dos discursos que constituíram certas existências como “anormais”, estabelecendo modelos de suposta coerência entre a natureza do sexo e o gênero cultural como marco de normalidade e saúde. Nos mesmo moldes, porém com diferenças importantes, poderíamos pensar ainda: Como o desejo tornou-se uma categoria desviante? A depravação, os desvios e a patologização são aliados e juntos operam como máquinas de guerra sobre os gêneros e corpos, e não menos sobre os afetos e desejos.

Há sem dúvida diferenças entre os efeitos da violência da norma que incidem sobre a vidas das travestis e pessoas trans quando comparadas às experiências dos maridos e namorados, que não têm, entre outras questões, seus direitos negados e seus corpos marcados pelas violências normativas. No entanto, ao aproximarmos essas experiências torna-se possível perceber que em ambas a produção do sujeito normal e anormal se constitui a partir de verdades estabelecidas socialmente para os gêneros e desejos no nível do discurso. Tal como afirma Bento e Pelúcio (2012, p.579) “[...] não existe um só átomo de neutralidade nesses códigos. Estamos diante de um poderoso discurso que tem como finalidade manter os gêneros e as práticas eróticas prisioneiras à diferença sexual”.

### **3.3 O QUE NÃO TEM VERGONHA, NEM NUNCA TERÁ: AS SEXUALIDADES (IN)SUSPEITAS**

*O que será que me dá  
 Que me queima por dentro, será que me dá  
 Que me perturba o sono, será que me dá  
 Que todos os tremores me vêm agitar  
 Que todos os ardores me vêm atiçar  
 Que todos os suores me vêm encharcar  
 Que todos os meus nervos estão a rogar  
 Que todos os meus órgãos estão a clamar  
 E uma aflição medonha me faz implorar  
 O que não tem vergonha, nem nunca terá  
 O que não tem governo, nem nunca terá  
 O que não tem juízo*

*Chico Buarque – O Que Será - À Flor da Pele, 3ª parte (1976)*

Em 2008, a chamada de um famoso programa de televisão no Brasil anunciava a entrevista com um dos jogadores de futebol mais idolatrados do país, para contar em primeira mão sua versão sobre um escândalo sexual envolvendo seu nome. Tratava-se da entrevista de Ronaldo Nazário, um dos atletas mais bem pagos e premiados do

mundo, que daria ao Fantástico<sup>60</sup> explicações públicas sobre seu “suposto” envolvimento com travestis, drogas e extorsão. Naquele domingo, várias famílias brasileiras assistiram, em seus lares, ao seu ídolo Ronaldo Fenômeno se desculpar em rede nacional sobre seus “erros”, “enganos”, sua “vergonha” e que foi “vítima” de uma quadrilha de travestis que o extorquiram ao terem um programa sexual negado e perceberem que se tratava de uma pessoa famosa.

Além de desmentir o uso de drogas por se tratar de um atleta de alto rendimento e com um número expressivo de patrocinadores esportivos, Ronaldo precisou pedir desculpas aos fãs e à namorada por ter recorrido a um programa sexual, e também reafirmar a tese de que descobriu que “tinha feito a escolha errada” ao chegar no motel e constatar que se tratavam de travestis e não mulheres cisgêneras. Porém, o caráter mais íntimo das perguntas inquisidoras feitas ao jogador ainda estava por vir, foi quando a jornalista Patrícia Poeta lhe perguntou: “Ronaldo, você teve relações com os travestis?”. A partir daí Ronaldo teve sua privacidade devassada, sua sexualidade vasculhada e necessitou reiterar, até o final da entrevista, que estava profundamente “envergonhado” e “arrependido” de seu ato “estúpido”, pois aquele fato isolado era um erro, já que ele era alguém “completamente heterossexual”.

Optei por iniciar essa seção com o midiático Caso Ronaldo e Os Travestis, como ficou mundialmente conhecido, por se tratar de uma história confessional que escancarou, no horário nobre da televisão e na capa dos principais jornais e sites do mundo, alguns pontos já debatidos em seções anteriores, tais como: a construção da travesti perigosa (que engana seus clientes e pratica extorsão), a imoralidade das relações que envolvem sexo e dinheiro e a conduta desviante e errada dos homens que se relacionam sexualmente com travestis. A partir disso, acompanha-se a emergência de uma nova formação enunciativa na arena das negociações entre a norma e o desejo, isto é, a produção de um discurso em torno da sexualidade dos homens que transam com as travestis e mulheres trans.

Como mencionei em discussões anteriores, os maridos entrevistados nesta tese relataram sentimentos de dúvida e angústia a partir do momento em que se perceberem apaixonados por suas

---

<sup>60</sup> Todos os termos entre aspas são expressões literais do jogador Ronaldo Nazário em entrevista dada ao Programa Fantástico da Rede Globo em abril de 2008. O vídeo completo da entrevista pode ser visualizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=PCx5LvE7gZo>.

companheiras. Nessas tentativas de nomearem e entenderem seus sentimentos, as preocupações giravam em torno da produção de um saber sobre si a partir do desejo por suas esposas. Porém, foram ganhando espaço no namoro a experimentação de novas situações como as intimidades e laços de afeto entre o casal e, com isso, a iminência da relação sexual também se tornou uma grande expectativa e motivo para novas tensões.

Nesse contexto, questionamentos a respeito da própria sexualidade, antes ou até mesmo após as relações sexuais com suas companheiras, abriram caminhos para a busca de definições, desta vez a respeito da sua orientação sexual, como narra um dos entrevistados:

*Quando tivemos a primeira relação ela se escondia toda, mais por que tinha medo da minha reação, o que incomodava, ela se punia antes de ter certeza da minha reação. Depois de transar e eu ter certeza de tudo eu fui estudar para definir o quê que eu era. Eu pensei: Tá, agora sim! Por que eu nunca tive interesse ou atração por homem, mas ela como um todo, nada me incomodava e eu sempre tive interesse por mulheres então tipo, tá eu precisava de uma definição que me encaix... me englobasse aí e... Eu não achava ao certo... Ah foda-se! Foi meio que desisti assim. Mas não só por não me definir, mas é que fui entendendo assim os contextos que, tipo, se eu for botar numa escala de 0 a 100, entre o cem é cem por cento hetero e o zero é totalmente gay. Cara existe tantos... Existem 98 probabilidades que pode dá eu posso tá no 99, então sabe?! Tem tanto meio termo que, tipo, coloca o oito ou oitenta, o hetero ou o gay, tipo assim, deve ser uma parcela... Deve ser uma parcela tão pequena da sociedade que tá ou num ou no outro, que... Não faz sentido eu querer definir os meios. Aí eu desisti (Diário de campo, setembro de 2014)*

A classificação entre heterossexual, homossexual e bissexual não abrange as múltiplas diversidades de experiências sexuais e, menos

ainda, os desejos que possibilitam os arranjos conjugais. Por esse motivo, os enunciados dos maridos na medida em que expõem a desistência das categorias e perfuram as definições pré-fabricadas também elaboram junto práticas que se ajustem às categorias existentes, ou até mesmo, recriam para si novas possibilidades como modos de existência e resistência. Mostra disso é que dos sete (07) entrevistados, cinco (05) maridos se autorreconheceram como heterossexuais e os outros dois (02) se autoidentificaram como homens não-heterossexuais.

As inquietações sobre o que se “é” quando se deseja e se estabelece relações sexuais com as travestis e mulheres trans são amarradas a uma justificativa causal e restritiva na qual o sexo define o gênero e, por consequência, o desejo. Assim, se o marido e a esposa possuem pênis, subentende-se que sua relação e desejo sejam homossexuais, independentemente de seus gêneros e corpos. Logo, uma das interrogações que acompanhou os maridos no início do relacionamento foi: *Se ela é trans e eu gosto dela, eu sou gay?* Nesse sentido, observa-se que a orientação sexual para muitos foi sendo definida muito mais pelo reconhecimento dos outros do que pelo seu esforço em se enquadrar, como narra um dos entrevistados:

*Pergunto se ao assumir seu namoro ele sentiu ter sua sexualidade questionada por alguém. Assim, a (nome da namorada) diz que eu não sou gay! Ela disse que ela me vê como é um relacionamento homem-mulher, heterossexual. E eu também vejo assim! Da minha parte a... Vamos dizer assim que uma ou outra eu posso terminar o relacionamento com ela e vir a namorar com uma mulher. Eu quero ficar com ela... Eu quero ficar com ela pra sempre! Tanto que a minha mãe ainda defende isso... No caso assim, se alguém questionar isso (orientação sexual) ela pula na frente. Tipo ela vai me defender e defender a (nome da namorada) aonde for (Diário de campo, março de 2015)*

Quando questionados se já sentiram sua sexualidade colocada sob suspeita por outras pessoas, ou até por si mesmo, alguns maridos comentaram que dificilmente as pessoas lhe dizem algo diretamente ou fazem perguntas sobre esse assunto. Entretanto, todos partilharam da



ideia de que há uma naturalização inquestionável de que *tudo é gay*, como relata um dos maridos:

*Por muito tempo eu achava que as pessoas não sabiam, só desconfiavam, agora eu tenho certeza que as pessoas sempre souberam, mas não falam, né?! É meio tabu mesmo! Depois que eu assumi relacionamentos com transexuais... Aí souberam, mas não falam sobre o assunto... Eu não sei exatamente o que as pessoas acham... Acham que... No senso comum tudo é homossexual, né?! É o que pensam daí... É o que eu acho que pensam também, mas não perguntei, não me certifiquei, então, né?! Considero por que... Mas se não falam pra mim também tá bom né?! Também não sei por que que eu tenho que ficar falando com todo mundo sobre o assunto, o que eu gosto, o que eu não gosto, né?! (Diário de campo, março de 2015)*

Mesmo cientes da desconfiança dos amigos, vizinhos, colegas e familiares, a maioria dos homens relataram que foi necessário tentar se preocupar menos com os outros para que pudessem se sentir mais protegidos e, por vezes, foi preciso uma reclusão ou isolamento do casal para não se sentirem tão expostos, invadidos e questionados, tal como se refere um dos maridos:

*Sempre senti que estavam questionando o relacionamento e a sexualidade, os dois pontos. Tipo aquela visão completamente errada de que tudo é gay, que isso é uma coisa vulgar, que isso é uma coisa... Isso provavelmente teve, a gente não deixou que isso tocasse, que isso chegasse, isso nos incomodasse e é aquilo que eu falei no momento que tu dá voz, elas se criam, ela acontece. [...]. Eu acho que eu criei uma bolha em mim, às vezes... E eu acho que no começo eu usei muito essa bolha sabe?! Tipo: Não tô nem aí para o que tão pensando, foi uma defesa (Diário de campo, março de 2015)*

A desatenção à opinião e à desconfiança dos outros acerca da sexualidade deixa de funcionar aos maridos quando as ofensas são diretas e invadem a privacidade de suas relações e histórias de vida. Um dos maridos comentou que ser chamado de gay já o incomodou bastante, porém o que mais lhe ofendeu foi ser percebido apenas como o “*cara que come ou que dá*” como se ele existisse somente a partir da posição sexual que ocupava, ou imaginavam que ocupava, na relação com sua esposa:

*Muita gente já gozou de mim por estar com uma travesti, e isso acontece até hoje na minha rua. Na minha rua todo mundo me chama de gay e isso me incomoda. Eles ficam pensando que eu dou pra ele (se referindo à esposa), mas não dou, eu sou hetero... Pensam que eu dou pra ele, mas... Isso aí eu não ligo mais. Nem dou bola mais. Já ouvi muita coisa, já me falaram essas coisas diretamente, mas nunca ninguém quis saber da minha vida, saber quem eu sou. As pessoas só sabem olhar e ver que eu tô com ela, e por que na cabeça deles ela me come e que eu sou gay, mas não é isso. Por que na cabeça deles ela é um homem e pra mim ela é uma mulher. Por causa dessas coisas, no início ela teve muito medo da reação da minha família, ela chegou a dizer: Vamos deixar como está, não precisa ficar falando nada para os outros! Mas assim eu não quis não, eu disse: Vamos continuar, fico contigo pra assumir tudo! Mesmo que no fundo eu tava era com muito medo que minha família não aceitasse ela. Nunca pensei em desistir, mas não minto... Tive aquele medinho!* (Diário de campo, março de 2015)

O medo e a insatisfação de quem já foi apontado na rua em função de *quem* se assume os desejos ou pelo modo *como* ousa exercer sua sexualidade foram mencionados como um dos motivos que levaram alguns homens a repensarem o quanto conseguiriam manter suas relações. Nas entrevistas, notei que os maridos que se autenticam

como heterossexuais se sentem bastante ofendidos quando reconhecidos como gays, entretanto ao contrário dos *T-lovers*, que demonstram rechaço não apenas ao termo, mas também às práticas sexuais homoeróticas (PELÚCIO, 2009), os maridos demonstram mais incômodo por serem considerados passivos na relação sexual e, principalmente, por tais comentários masculinizarem suas esposas e, por consequência, colocarem em questão o desejo deles pelo gênero feminino.

Afinal, embora os maridos tenham se autoidentificado com classificações distintas a respeito de suas orientações sexuais, todos eles relataram se sentirem atraídos pela performance de gênero de suas companheiras, como pode ser representado pela fala de um dos entrevistados:

*Então não foi uma questão me ver gostando dela. Talvez se a pessoa sempre ficou com mulheres tenha dúvidas sobre sua orientação, eu fiquei com muitas mulheres e confesso que o que me atrai é mulheres. Eu não consigo olhar para homens e ter... Entendeu? Eu não consigo olhar que nem eu olho para mulheres, eu não consigo. E olha que já até fiquei com meninos (Diário de campo, março de 2015)*

Em contrapartida, colocar em questão a orientação sexual do companheiro também pode ser usado pelas esposas como uma forma de vingança ou no intuito de atingir diretamente o marido em uma briga do casal. Um dos maridos relatou a situação em que a esposa se sentiu incomodada pelo fato de ele dizer que a aceitava com o corpo que está, ou seja, sem a necessidade da cirurgia de transgenitalização. Ofendida por ter desconfiado que o marido poderia estar com ela em função de seu pênis ou por não ser sensível a seu sofrimento diante da espera da cirurgia, a esposa acionou perversamente a dúvida como estratégia para afrontá-lo:

*Lá pelos quatro meses de relacionamento tivemos uma grande crise. Forte. Acredito que a maior. Por dinheiro, por disputas no trabalho, por egocentrismo e durante duas semanas ela foi muito desagradável comigo e me chamava de nomes que eu não gostava. Ela me chamava o tempo todo de gay. Nossa*

*briga foi feia e ela saiu de casa e para ser sincero durante três dias... Quatro... Me refugiei no álcool e no cigarro e ficava sozinho pensando comigo mesmo. Será que ela tá?... Entendi que era um ato de vingança, pensei comigo mesmo que aos 51 anos de idade eu nunca tive nada com um homem, por que ia ter agora? É... Pra ser sincero nesses dois, três dias fiquei com isso, uma mágoa dentro de mim e a pensar e repensar. E nada... Se não tive nada até agora, não ia ser agora que iria ter. Enfim, acho que tô definido a nível sexual pelo que chamam de heterossexual. E nada mais. Nunca procurei e nem vi beleza do outro lado (Diário de campo, março de 2015)*

É possível afirmar que a orientação sexual dos maridos das travestis e mulheres trans possui íntima relação com o gênero de suas esposas, ou seja, com o modo como reconhecem e desejam suas companheiras. Porém, o nome que conferem a essa categoria, nem sempre precisa, vai se encaixar naquelas construídas pelo controle das sexualidades e dos prazeres.

Assim, a produção do discurso generalista de que os maridos são sempre homossexuais a partir da ideia forjada de que a relação sexual se fundamenta no sexo biológico, ou ainda, que esses homens são sempre heterossexuais e “viris”, pois suas masculinidades conferem gênero a suas esposas (KULICK, 2008[1998]) não se sustentam na experiência dos entrevistados desta pesquisa.

Indo mais além na discussão, é importante mencionar que, em alguns relacionamentos, não apenas as sexualidades são questionadas e postas sob suspeita, ou seja, na experiência de conjugalidade entre duas pessoas trans, a identidade de gênero também se torna território de desconfianças. Como relatou um marido trans:

*Sim, eu fiquei meio me perguntando... Eu até fiz uma pergunta pra ela e ela não soube me responder, aí eu perguntei pra minha amiga trans né, inclusive. Eu falei: (Nome da amiga), se um homem trans tá apaixonado por uma mulher trans, ele é gay? Ele é um homem trans gay? Olha a minha cabeça!*

*Entendeu? Aí ela foi e me explicou: Não, você é um homem hetero, você é trans, mas é hetero por que sua namorada é mulher. Então vocês vão passar como um casal hetero. Foi uns dias de crise. Até eu vinha pra cá (sede da ong) e ficava bem pensativo sabe?! Ficava meio confuso (Diário de campo, março de 2015)*

Quando a identidade de gênero do marido é alvo de incertezas, o desejo e a sexualidade que não cumprem sua função de normatização podem se produzir como sofrimento, tendo em vista que a masculinidade dos homens trans é constantemente vigiada e testada como forma de garantir sua legitimidade. Enquanto que, para os maridos cisgêneros, a fragilidade do reconhecimento de sua orientação sexual os torna vulneráveis aos questionamentos e desconfianças a respeito da posição que ocupam nas relações sexuais com suas esposas, entre os maridos trans as suspeitas sobre sua identidade colocam sob tensão o próprio modo como esses homens estão construindo seu gênero.

Sendo assim, sustentar suas sexualidades e, por vezes, também seus gêneros no campo das incertezas requer a (re)invenção de possibilidades de resistência, a composição de novos territórios existências em que assumir a experiência da dissidência do desejo e das sexualidades desorientadas sejam formas de encontros, e não de aprisionamentos e obstrução de fluxos, como propõe um dos entrevistados:

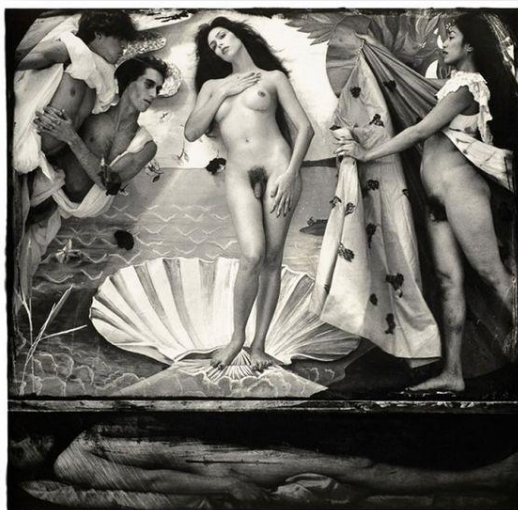
*Tipo se um cara tá em crise por gostar de uma trans e tá se perguntando o que ele é, o que está acontecendo, eu responderia: Tu é um ser humano que tem sensações e tem emoções como todos, vai em frente! Vá se resolver com a tua sexualidade esse é o ponto! Por que seu for bem sincero assim, não sei se é legal ou não, se tá certo ou errado não sei se isso é prejudicial para uma criança, mas eu acho que com uns cinco ou seis anos de idade eu já tinha esse parâmetro de que: Ah não é só com menina que se pode sentir prazer, você pode experimentar... Eu acho que se um cara gosta de uma trans, de uma mulher trans, ele não deve pensar que*

*tipo... Que ele se tornou diferente. Não. A gente muda constantemente na vida, a gente é mutável, sim a gente se transforma, a gente descobre sensações que a gente ainda não havia descoberto. Todo mundo tem um ponto de interrogação quando se fala em sexo, não existe um ser humano cem por cento satisfeito. Então eu acho que assim oh... E não deixe de achar que perdeu um ponto ou outro: Ai eu não sou hetero, não sou gay. Não! Não se tarja e não se classifica, tu é um ser humano, ponto. Eu acho que leva isso como base e vive a tua vida, não ache estranho que tu de repente é uma pessoa diferente ou não, não. Todos somos diferentes sim, mas querendo ou não somos todos da mesma essência, a gente querendo ou não somos todos seres humanos. É uma palavra que eu gosto de usar. Acho que um mundo melhor começa a partir do momento que todo mundo tratar a pessoa ao lado como ser humano, ponto. Tira todo o resto! A partir daí eu acho que tudo é mais fácil. Bem mais fácil... (Diário de campo, março, 2015)*

Por fim, é possível conjecturar que os movimentos agenciados pelo desejo explodem as categorias, redefinem, mancham e as contaminam com suas formas não inteligíveis de se acoplar, arranjar e afetar. Acompanhando esses fluxos, neste que chamei Plano de Movimento I, pude espiar a formação de enunciados, cujo caráter ativo e ético de serem ditos está na subversão dos enclausuramentos classificatórios ao mesmo tempo em que sua implicação com o desejo está em desejar a própria norma.

## 4 PLANO DE MOVIMENTO II: POLÍTICA DOS AFETOS

---



Gods of Earth and Heaven – Joel-Peter Witkin (1988)

### 4.1 PRECISAMOS FALAR SOBRE O AMOR: DO AMOR ROMÂNTICO À INVISIBILIDADE DOS LAÇOS CONJUGAIS

*Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor.*

*bell hooks – Vivendo de Amor (2000)*

É o encontro dos corpos que produz desejo e a potência de agir. No entanto, esse movimento de ação e esforço sempre depende de como o corpo é afetado, ou seja, é pela força das afecções e pela capacidade de se afetar que a potência de agir aumenta ou diminui.

Assim, partindo dos pressupostos geométricos do filósofo Baruch de Espinosa acerca das afecções do corpo, acompanhei os enunciados que tornam visíveis “o que” acontece nos encontros entre os maridos e

suas companheiras travestis e trans e a respeito de “quais” afetos seus corpos são capazes de produzir, na relação com outros corpos.

Permito-me orientar pela ideia de afecções proposta por Espinosa (2016[1677]), como sendo um modo no qual sofremos alterações no contato com outros corpos, e também com o mundo, pois são dessas afecções que ocorrem os afetos e as experiências que produzem o sujeito.

Nesta perspectiva, vários modos de se afetar foram enunciados pelos maridos, desde seus deslocamentos nas formas de produzir saber sobre si, de se reconhecer, até os enunciados de amor, paixão, carinho, ciúmes e cuidado construídos na relação com suas esposas e namoradas. Entretanto, com Espinosa (2016[1677]) entende-se que os afetos não são simples emoções, mas acontecimentos vitais e medidas da variação de nossa capacidade de existir. Há, portanto, na concepção do filósofo uma ciência dos afetos que se fundamenta na importância de dois potentes afetos, são eles o de alegria e tristeza.

Assim, num encontro, as relações podem se compor e aumentar sua capacidade de agir, ao elevarem a potência de ser e agir no mundo, tal como acontece no afeto de alegria, que segundo Espinosa (2016[1677]), pode ser visualizada quando encontramos um corpo que combina com o nosso, definida por ele como o “bom encontro”. Deste modo, a expressão e forma de afetação alegre requer aliados, quer conhecer pessoas, experimentar modos que os faça entrar em contato com a diferença. Entretanto, não se refere ao prazer que amortece e anestesia, mas sim ao desejo que cria novas conexões e agenciamentos e aumenta a capacidade de afetar e ser afetado. A potência política deste afeto está em sua vontade ativa de querer se multiplicar e expandir, tal como narrou um dos casais:

*Eu também me considero um pouco difícil e também venho de uma depressão, da perda de minha mãe e tudo mais, só que sou um pouco sensível, maternal e dou muito valor a isso, aos toques, aos afetos, ao amor; ao carinho, acho que isso é acima de tudo a base, o essencial. Nunca lidei com um casal homossexual feminino ou masculino, mas se estão juntos é por que não deve ser só por sexo, deve haver algo a mais, de cumplicidade, de amor, de afeto entre ambos para pessoas do mesmo sexo estarem atraídas ali uma com a outra e serem felizes.*



*É nessa base, no amor, no afeto, no carinho, que justifica. Neste momento do diálogo, a esposa se aproxima da mesa onde conversávamos e complementa. Assim, não é só o lado das necessidades de cada um, no sentido do que é que o outro traz de melhoria para a sua vida né, não é só por aí. Há um bem-estar, há uma necessidade de estar com e... Aprendemos muito um com o outro. Apreendi muito com ele. Apreendi uma profissão nova com ele. Uma nova maneira de estar no mundo (Diário de campo, novembro de 2014)*

A segunda passagem, ou seja, o outro ato pelos quais passamos e nossa potência de agir aumenta ou diminui, é encontrada no afeto de tristeza (CHAUI, 2011). Nesse, conforme Espinosa (2016[1677]), as afecções diminuem sua potência, e por efeito, a força para existir e agir, para afetar e ser afetado e para potencializar os fluxos do desejo para novas conexões e encontros. Nas entrevistas, foram citados por alguns dos maridos o ciúme e a insegurança da esposa como afetos que promovem no relacionamento tristeza e paralisia, tal como descreve um dos entrevistados:

*O que às vezes se torna difícil é que esse tipo de pessoa são pessoas com uma insegurança grande e grave. Por pouca coisa se desperta um ciúme desnecessário e eu perco os meus direitos de vida normal e necessária que já não tenho, e essa é uma das partes mais difíceis e que posso dizer que me cause sofrimento. E nesse aspecto, ela como pessoa em si, agora não como a patologia, mas como pessoa em si também não é muito fácil nesse aspecto. Estou sempre correndo riscos! Este é um tipo de relacionamento em que tudo é levado ao grau máximo de tensão (Diário de campo, novembro de 2014)*

Nesse contexto, Espinosa (2016[1677]) afirma que embora sempre existam maus encontros nos afetos ligados à tristeza, e talvez sejam esses os encontros mais frequentes, o mal neste sentido diz

respeito ao modo como se é afetado e não necessariamente à relação. E deste modo, entende-se que é a partir destes dois tipos primários de afetos (alegria e tristeza) que nascem todos os outros, nos quais o amor é alegria acompanhada de uma causa exterior e o ódio é a tristeza acompanhada de uma causa exterior (CHAUI, 2011). Estas afecções produzem ideias sobre si e sobre o mundo, e do mesmo modo, a potência de pensar e criar associa-se à capacidade de ser afetada por múltiplas maneiras de construir e agir.

Uma das questões interessantes de situar no campo dos afetos fundamentado por Espinosa (2016[1677]) é que os afetos nascem e se mantêm não apenas pela capacidade do nosso corpo em se relacionar com outros corpos, isto é, àquilo que o corpo pode, mas também ao modo como o mundo exterior possibilita. Nessa leitura, pensar sobre quais encontros somos capazes de ter e engendrar, implica analisar quais encontros são possíveis na sociedade.

Ao adentrar nesse terreno das condições que possibilitam encontros, aproximo-me dos afetos de amor e também à aridez de suas condições de existência. A partir deste ponto tento analisar a formação de enunciados que a partir de um contexto possível de serem ditos, isto é, por homens que assumem suas conjugalidades, deslocam as travestis e mulheres trans para a zona inteligível dos desejos e dos afetos ligados ao amor.

Inspirada pelo texto da feminista negra bell hooks e pelos escritos de Maria Clara Araújo, uma mulher trans negra, colunista do Blog Blogueiras Negras, vejo encontros entre a solidão da mulher negra e as impossibilidades do amor na vida das travestis e mulheres trans. Um dos primeiros pontos em comum entre essas duas experiências é que muitas dessas mulheres, mesmo que construam idealizações, não costumam construir expectativas no que se refere ao amor, e menos ainda, às chances de serem amadas.

bell hooks (2000) atribui à solidão das mulheres negras ao modo como a produção histórica de opressão e exploração impediram, e ainda, tornam pouco possível a experiência da capacidade de amar. Para a autora, a escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos e às mulheres negras apagou a capacidade de se amar, se afirmar e, portanto, imaginar ser amada.

Pela mesma linha de discussão, Araújo (2015) ao falar sobre si e aproximar as duas experiências de solidão, das mulheres negras e trans, traz relatos acerca da forma como seus corpos se tornaram fetichizados e genitalizados expondo a precariedade de suas vidas excluídas do campo dos afetos. Essas formas, produzem subjetividades no modo como as

mulheres trans e negras se relacionam com seus corpos, com seus gêneros, sexualidades e desejos, conformando-se às normas estéticas, de conduta e de relacionamentos, ou muitas vezes, desidealizando o amor como uma experiência afetiva.

Nesse sentido, o amor idealizado e a paixão desmedida tornam-se no discurso amoroso dos maridos uma forma não apenas de enunciar seu amor e tornar visível a construção histórica que atravessa esses discursos, mas se mostra também como uma forma de sustentar o relacionamento frente à falta de reconhecimento social e a insegurança das companheiras que nem sempre nutriam expectativas de serem amadas.

Nos sentidos referidos ao amor ou à paixão, observou-se a ideia de um sentimento que se “desperta” e se confirma como para “sempre” estável, tal como mencionou um dos maridos:

Pergunto se foi ao viajar e ficar mais longe que ele percebeu que estava gostando dela. *É eu acho que foi. Eu nem tenho bem certeza. Mas acho que foi mais ou menos isso. Só que assim eu senti, mas de fato não racionalizei eu pensei: Ah tá! Não sei... Eu meio que assumi mesmo assim que tava tudo certo e eu acho que dois meses depois que eu tava aqui que eu captei assim: Meu deus, é isso, e é isso... pra sempre! Entendi que era ela e acabou, foi mais ou menos assim. E que indiferente de ser o que fosse ela era a pessoa da minha vida. Eu não tenho muito esses: Ah meu deus, e é trans e não é! Eu tinha um pouco de receio, não sei como é que eu vou definir... De como a sociedade me vê... Não que... Eu tinha medo da incomodação que eu ia ter, por que ah ia ser muito chato se incomodar com esse povo que ia ficar toda hora falando... Ah daí eu pensei ah... Mas assim acabou nunca acontecendo. E se o povo me condenava, não me incomodou* (Diário de campo, novembro de 2014)

O enunciado do companheirismo, uma forma de relação social oriunda da amizade e que nos casais modernos diz de um apoio psicológico mútuo (HEILBORN, 2004), também compõe o discurso

amoroso dos maridos. Do mesmo modo que a sensibilidade e a intimidade como formas de sexualidade para além da relação sexual genital foi trazida pelos entrevistados:

*Nessa parte, na parte sexual há necessidade de uma grande abertura na mente da gente... É preciso uma adaptação e acima de tudo o amor, a carência afetiva, as qualidades da pessoa, o companheirismo, novas coisas se descobrem e novas adaptações se fazem. Eu tô à vontade pra dizer assim, nos meus relacionamentos anteriores nenhuma mulher eu testei a temperatura do corpo... A (nome da esposa) realmente é uma pessoa muito quentinha, talvez pela minha carência afetiva ou por uma nova adaptação a uma nova situação sexual, na minha vida eu agora ache isso importante. Uma coisa que ao longo de trinta e muitos anos da minha sexualidade nunca foi notado ou relevante. E isso é bonito. Nunca vi isso em nenhuma mulher. Era um detalhe que pra mim não fazia diferença. São coisas engraçadas por que não é que as pessoas tenham que se readaptar, tem que encontrar é a capacidade de encontrar novos valores... Ahmm... Lidar com a diferença, mas lidar com ela sempre de mente aberta e sempre com o objetivo de dar prazer à pessoa. Sensível a coisas que antes nunca foram importantes (Diário de campo, novembro de 2014).*

Se rearranjar, se adaptar e se abrir à diferença foram algumas das formas que a maioria dos maridos escolheu para descrever como seus interesses sexuais sofreram transformações a partir do amor. Ainda que não houvesse na pesquisa perguntas mais íntimas a respeito das relações sexuais, que buscassem saber “como” as travestis e mulheres trans transam com seus maridos, e esse não era o interesse, em quase todas as entrevistas, os maridos ao enunciarem sobre o amor se sentiram à vontade para incluir, espontaneamente, a relação sexual entre os diálogos, como traz um deles:

*Isso (a genitália) era o que tinha de*

*estranho, por que com ela tava tudo certo sabe?! Eu me apaixonei por ela e pronto. Ai eu meio que entendi também que eu vou por pessoas, não vou por mulheres... Mas, sim por pessoas. Mas... Mas... Eu acho que eu gosto mais do meio termo, tipo, o que a pessoa tem de melhor dos dois mundos, digamos assim. Mas, principalmente de personalidade, o corpo foi mais consequência... Eu acabei interagindo normal e de todas as formas possíveis com a genitália dela sem problemas, quer dizer... Acabou virando sem problema, né... Eu acabei me incomodando um pouco no começo, mas aos poucos isso vai se assentando... Acabou (Diário de campo, setembro de 2014)*

Assim, como forma de reconhecimento dos laços conjugais e da estabilidade inventada em torno do amor, as afecções alegres e a capacidade do corpo ser afetado são canalizadas e capturadas pelo discurso do amor romântico. Uma produção histórica e discursiva que tende a universalizar e naturalizar o amor como obrigação e desejo vivido por todas as sociedades do mesmo modo (FREIRE-COSTA, 1998).

Na concepção de Jurandir Freire-Costa (1998) desde que o amor romântico se estabilizou como norma e conduta emocional na Europa seus objetivos sofreram intensas mudanças de acordo com os anseios buscados pelo contexto, transitando pelos ideais da vida privada burguesa até o desejo de felicidade e bem comum. Entretanto, o autor afirma que atualmente o amor romântico foi individualizado e associado diretamente à felicidade, se tornando “[...] fantasmagoricamente onipotente, onipresente e onisciente. [O amor] Deixou de ser um meio de acesso à felicidade para tornar-se seu atributo essencial (FREIRE-COSTA, 1998, p.19).

Sobre isso, os enunciados românticos trouxeram pistas sobre como ter acesso à felicidade, que para alguns maridos se enlaça às ideias de superação de dificuldades, diálogo entre o casal e na dedicação de ambos na relação:

*Então não é fácil. Isso é o que tenho pra dizer. Se fosse fácil não teria graça nenhuma,*

*tudo que é bom, bom de verdade assim, aquilo que tu sonha... Se um homem, se um cara sonha realmente em ficar com uma mulher trans, se ele deseja viver isso, ele precisa saber que isso não vai ser fácil, mas que isso pra ser lindo, ser real, ser bom, vai ter muito mais dificuldades do que facilidades. A vida não é um mar de rosas, mas tu tendo dentro de ti a certeza de que tu vai trabalhar, se dedicar um dia todo pra que tu possa viver um tempo perto de quem tu gosta de verdade, que seja legal que tu possa desfrutar, que o sexo seja ótimo, seja uma loucura, que a risada, que a brincadeira e a piada sejam ótimas e sejam uma loucura, isso tudo tem significado, por mais que dure meia hora e o dia todo tenha muito mais horas, isso tudo tem um significado, e às vezes a gente fica buscando isso como uma coisa contínua sempre, não te engana, não deposita, não imagina que isso não existe! O que existe na verdade é pessoas que se dedicam pela felicidade. Pela felicidade tu tem que ter essa dedicação. Se tu acha que tá errado, senta e conversa, não espera um mês, não espera um ano. Nem uma semana. Tem que viver, o relacionamento de uma mulher trans com um cara ou vice-versa, sei lá... O relacionamento é igual a qualquer relacionamento. Não muda em nada a diferença é como tu trata isso. Na maneira como tu recebe as coisas e muita gente já acha que é diferente, tipo tu não deve pensar que é diferente, tem que pensar que tu gosta de alguém, que tu quer ficar com alguém e ponto (Diário de campo, março de 2015)*

Um dos pontos interessantes para além do companheirismo já mencionado, é a relação de cumplicidade estabelecida entre os maridos e suas esposas na construção/transformação corporal. Pude perceber nos relatos dos maridos que não se tratava apenas de “estar junto”, financiar

ou atribuir valor ao investimento simbólico e material da esposa (SILVA, 2007; BENEDETTI, 2005), e sim fazer parte do processo e também se perceber em transformação. Mesmo que a pesquisa não tenha a intenção de uma análise de frases e orações, tornou-se relevante lançar atenção à conjugação dos verbos nas falas a respeito dos processos corporais das esposas e namoradas, como: *E a partir de janeiro começamos com o tratamento facial e depois de dez meses ele começou a nos receitar medicamentos e hormônios*. Ou ainda, nos relatos sobre os desejos e planos do casal:

*Sobre o corpo dela até eu mesmo já fiz essa pergunta uma vez pra ela: Tu faria a cirurgia? Daí ela disse que não. Ai ela me perguntou: Por que, tu gostaria que eu fizesse a cirurgia? Ai eu disse: Olha vai da tua escolha! Se eu tô contigo é por que eu te amo, eu não tô contigo por que eu quero que tu mude algo em ti, se for mudar muda por ti, não muda por mim. Se tu ver que na tua vida tu vai te sentir melhor então faz. O sonho dela é colocar um silicone, ela sempre falou isso e... Ela quer colocar silicone e aí a gente da família dela ajuda... Quer ajudar... Se ela quer colocar vamos colocar (Diário de campo, março de 2015)*

A cumplicidade em um contexto de reciprocidade também é demonstrada quando marido e esposa são trans e compartilham juntos da experiência de transição corporal. Nesses casos, o enunciado da afinidade como uma forma de experimentação e descobertas mútuas foi relatado pelo marido, não apenas em relação a seus corpos, mas também sobre suas inseguranças sexuais:

*É uma afinidade que eu não teria com uma mulher cis lésbica né?! Dialogamos muito sobre nossas mudanças e isso nunca tive antes! Eu tô descobrindo coisas ao meu respeito que... Como pessoa e como homem trans... A gente conversa muito então é uma coisa assim que... Eu acho que eu não tive isso com mulheres entendeu?! No processo de transição ela já tá bem mais avançada do que eu né?! Ela já tá há três anos... Eu tô há*

*apenas nove meses, eu tô me transformando ainda. São processos muito diferentes e ela sabe disso também e eu também entendo e... [...] Até que a princípio a gente não teve relação ainda entendeu?! Tipo ela tá... Ela não tá preparada, a princípio ela fala pra mim por que eu sou o primeiro homem trans dela. Ela diz pra mim que ainda não tá preparada... Tipo é que eu tomo hormônio masculino também e isso estimula, então tipo assim resumindo eu não tô subindo as paredes, eu tô grudado no teto. Entendeu?! Risos. Mas por ter a experiência trans também eu respeito, acima de tudo respeito ela bastante. Então assim eu acho que nem eu também não tô preparado, entendeu?! Por que... Eu vou tá cem por cento preparado a hora que eu tiver a certeza daquilo que eu vou fazer que a princípio eu ainda não sei direito, entendeu?! Risos. É lógico que eu não passo essa insegurança pra ela né?! É uma coisa que eu tenho que deixar pra mim, por que a mulher ela tem que se sentir segura em todos os pontos. Entendeu?! Mas caso que ela chegue pra mim e fale: Olha eu estou preparada! E eu não tiver preparado eu vou dizer assim: Olha, aguenta mais uns dias aí, vamos conversar mais um pouco e... Entendeu?! Assim como eu respeitei ela eu também quero também que ela respeite também o meu tempo. Sabe?! Isso daí eu acho que é uma coisa que assim... É... Por que eu olho dessa forma assim oh, ela sempre se relacionou com homens cis, heteros tipo né?! Com homens, homens, né?! E eu é diferente entendeu?! Então tipo assim eu não quero decepcioná-la também entendeu?! Então essa parte eu tô um pouco inseguro sabe?! Um pouco inseguro, então... Mas... A hora que for pra acontecer eu acho que vai acontecer e tudo tem seu momento*



*certo. Eu acho que o princípio é conversa, diálogo, tem que ter muito sabe?! Afinal, a gente sabe um pouco do que o outro passa (Diário de campo, março de 2015)*

Ainda nos enunciados acerca do amor, foram mencionadas pelos maridos certo arrependimento quando relatadas as situações de traição e violência conjugal. Além da culpa, definida por Roland Barthes (2003) como um sentimento experimentado pelo sujeito que crê ter faltado de alguma maneira ao ser amado, tais situações foram citadas como fatores importantes de desgaste e formas de “acabar” o amor, como contou o marido:

*Ela foi minha primeira vez com travesti. Enquanto eu tô com ela, anos depois eu acabei tendo uma outra. Tive um travesti que até saí de casa, saí de casa e me juntei com uma lá. Depois brigamos e eu voltei pra casa de novo. Foi assim... Eu conheci outra e saí de casa, mas isso faz um tempão já! Mas aí depois eu já voltei pra casa. Risos. Pergunto o que o levou voltar pra casa. Ah não, voltei pra (nome da esposa)! Não dava não! Conheci a outra no carnaval, aí deu uma loucura na cabeça, deu um branco e eu deixei minha esposa e fui morar com ela. Ela era amiga (nome da esposa) ainda. Aí ela e foi me buscar, mas aí eu não queria voltar, não queria voltar, não queria voltar, mas aí quinze dias depois eu voltei pra casa. Risos. Eu sei que eu sempre gostei dela... Eu gostava dela ainda né?! Então não tinha jeito, voltei pra casa! Não valia a pena deixar ela por besteira (Diário de campo, julho de 2015)*

*Hoje a gente se gosta, mas não é mais aquele amor. Acho que o que aconteceu entre nós foi muita incomodação, ela se incomodou tanto que às vezes acho que o amor dela acabou. Ficou só amor de... Um gostar de ficar*

*dentro de casa e o outro sai, mas fica incomodado enquanto o outro não chega. Antes eu era tão ciumento que se ela olhasse para os outros eu já batia nela* (Diário de campo, julho de 2015)

Entretanto, muitas vezes as brigas, tensões e ciúme são referidos como chateações momentâneas ou expressões de amor, como explica um marido:

*As outras mulheres que eu andei era só uma aventura. Ela não... Ela é coisa daqui (coloca a mão no peito). Eu sou apaixonado por ela! As outras era sempre uma aventura. Se eu for pensar o que me faz estar 21 anos com ela, eu nem sei... Eu nem sei dizer... Mas é o amor. Amor. Eu amo ela muito! É por isso que eu não ligo mais para a ofensa dos outros. Quando ela deixa o celular dela, eu vou lá e fuço, fuço, eu vejo as conversas e eu fico com ciúmes. Eu brigo com ela, por que eu gosto muito dela. Mas sinto que ela ainda tem também um pouco por mim. Mas falar por ela é difícil falar né?! (Diário de campo, julho de 2015)*

Por fim, os enunciados sobre os jogos de visibilidade e invisibilidade também são acionados, sendo comuns entre os maridos os relatos em que perceberam momentos em que suas experiências conjugais foram deslegitimadas, como relembra um deles a situação em que sua esposa foi assediada por um garçom, de um hotel em que estavam hospedados, por ele achar que ela era uma trans exercendo trabalho sexual.

Em outras situações alguns maridos já tiveram seus relacionamentos atacados por familiares, como narrou um deles que teve que sair de casa por que sua mãe o ofendia constantemente dizendo: *Tu tá sustentando um traveco. Tu não tem nem mais capacidade de arrumar mulher!*

Por estas linhas enunciativas tentei acompanhar os movimentos que agenciados pelo desejo potencializam a capacidade de afecção, e com isso os afetos. O discurso do amor romântico que nos produz e nos constitui como sujeitos de apetite, amor e paixão não são menos

difundidos entre os maridos e suas companheiras travestis e trans, afinal, o discurso amoroso é uma das formas de monopolização do afeto mais naturalizados na sociedade ocidental. Neste sentido, os maridos não escapam a sua formatação, de modo que as condições também não possibilitam, pois mais uma vez proponho que seja a potência do afeto, fragmentado ou não no discurso amoroso, que sustenta e assegura a pretensa estabilidade, veracidade e o reconhecimento almejados nas conjugalidades.

É ainda, na potência dos afetos que a afirmação da vida surge como estratégia de existência e resistência no que diz respeito à humanidade das travestis e mulheres trans.

#### 4.2 SOBRE O DESAMOR E OS DESAGRADOS: FAMILIALISMO E TRABALHO SEXUAL

*Não sei se vou aturar  
Esses seus abusos  
Não sei se vou suportar  
Os seus absurdos  
Você vai embora  
Por aí afora  
Distribuindo sonhos  
Os carinhos que você me prometeu  
Você me desama  
E depois reclama  
Quando os seus desejos  
Já bem cansados  
Desagradam os meus*

*Alcione – Sufoco (1978)*

*Eu cheguei no sofá de casa e sentei, aí gritei pra ela assim: Manhêeeeeee senta aqui pra gente conversar como mãe e filho! Risos. Daí ela pegou e.... Ela tava no fogão, aí ela respondeu com um grito assim: Ah é? Pode falar daí que a mãe escuta! Aí eu: Não mãe, senta aqui! Daí ela largou as panelas e sentou. Aí eu falei pra ela: Ah mãe é que assim... Assim... Eu namoro uma... Transexual! Daí, tem alguma coisa? (Diário de campo, março de 2015)*

Esse é o relato de um dos maridos, que assim como todos os outros entrevistados, em algum momento, sentiu a necessidade de contar para os familiares sobre seu relacionamento. Contar para a família que se está namorando uma travesti ou uma mulher transexual foi vivido com certo receio pelos entrevistados, pois, segundo seus relatos compartilhar que estão em uma relação afetiva mobiliza novamente os discursos analisados em outras seções, como: o estigma do desvio, a sexualidade sob suspeita e o escândalo de não apenas desejar, mas de se dizer amando uma pessoa travesti ou trans.

Ainda que eles reconheçam todos esses discursos, alguns inclusive já citados nesta escrita a partir de outros enunciados, na maioria das vezes, eles não são verbalizados. Entretanto, os maridos reconhecem o modo como esses discursos atuam e circulam, mesmo implicitamente, quando relatam a expressão usada por seus pais ou mães ao ouvirem sobre suas relações. Alguns relataram ter escutado da mãe: *Eu já sabia!* Em referência à sua sexualidade, enquanto outro ouviu do pai: *Não basta ter filho drogado, tem mais essa agora!*

Nessas situações, a surpresa e as reações dos familiares dos maridos fizeram com que alguns repensassem não o seu desejo, mas a capacidade de sustentá-lo socialmente. Essa retomada de questionamentos a partir dos comentários dos familiares, por vezes, foi reafirmada e ampliada quando, em contato com os familiares da esposa, as suspeitas se repetiram nos comentários da sogra dirigidos à filha: *Tá, mas se tu é assim, esse teu namorado é o quê?*

Deleuze e Guattari (2010[1972]) ao criticar a psicanálise, e mais precisamente, a teoria edípica, definiram como familiarismo tóxico o teatro familiar que codifica e esmaga os fluxos do desejo. Uma forma que conduz ao enclausuramento, à anestesia diante das sensações do mundo, ou seja, a um endurecimento diante das possibilidades de conexões.

Nesse sentido, a “família dos maridos” e a “família das esposas” em sua intocável dinâmica estrutural, ao mascarar a aceitação ou deixar de reconhecer os relacionamentos dos filhos e filhas, intoxica e sufoca a passagem dos fluxos.

Esse familiarismo incurável, de acordo com Deleuze e Guattari (2010[1972]) torna-se um cativeiro por manter como destino o romance familiar e a ficção burguesa da santa família, uma vez que para conservá-la é preciso aniquilar a produção de subjetividade e qualquer tentativa de fissura ou diferença, como ilustraram os maridos que narraram terem desistido de se relacionar com sua família por não

suportar as piadas, as ofensas e insinuações dos irmãos em relação à sua esposa.

Outra forma perversa e tóxica da família reter os movimentos produtivos do desejo apareceu na fala dos maridos, quando contaram que reiteradas vezes os pais de suas esposas costumavam repetir o nome masculino delas, até mesmo quando eles telefonavam perguntando: *Fulana já chegou em casa?* E os pais faziam questão de corrigi-los: *Não. Fulano é quem está em casa!* Observa-se nisso que não se trata apenas de uma forma de mencionar o nome de registro da travesti ou da trans, ou ainda, da situação de pais que não reconhecem/aceitam o nome social de suas filhas, há aí um modo de lembrar e marcar os maridos, cotidianamente, como pessoas que se relacionam com o sexo masculino, mesmo que seus desejos, afetos e amor digam o contrário.

Na contramão disso, também foram narrados pelos maridos alguns exemplos de abertura a novos encontros agenciada por seus familiares, como compartilhou um deles:

*Aí a mãe já tinha contado para o pai. Ele já sabia, mas eu falei de novo com ele, e ele: Tudo certo, fazer o quê é a vida! Na verdade ele só acata, ele nunca tem nada contra, ele só acata. E antes... Quando assim a gente era adolescente ele... Como é que eu vou dizer... Eu não lembro da maneira como ele falava... Enfim, ele fazia um monte, ele sempre fazia piada com qualquer traço feminino de algum amigo meu que aparecesse. Se tinha cabelo comprido, era por que era gay. Se tinha brinco, era por que era gay, essas coisas assim. Aí quando eu tava com a (nome da esposa) já fazia muito tempo que ele não dizia essas piadas, não sei se ele já tava no processo de entender ou aceitar; ou se já tinha parado e eu não sabia. Enfim sei que quando aconteceu ele deve ter pensado: Oh droga! Agora eu não tenho mais escapatória! E sei que na minha frente ele sempre foi tudo certo, se ele sofreu ou se ele não sofreu, não sei nada disso (Diário de campo, setembro de 2014)*

Com isso, a partir do momento em que detectamos o quanto estamos impregnados do familialismo que prevê responsabilidades, culpas, obrigações, interdições e a conservação de um teatro inconsciente que elabora, recalca e presentifica as neuroses familiares, torna-se difícil imaginar dissidências e forjar fugas dessa estrutura esmagadora. Não em vão, não importam os arranjos conjugais, há sempre espaço e possibilidades neles para que as práticas e modos de controlar do familialismo sejam retomados. Tendo em vista, que desejar a casa, o carro e os filhos ainda fazem parte dos sonhos acerca da “formação de família”, inclusive entre os maridos.

Como provocar rupturas e descontinuidades de dentro dessas formações instituídas quando também são desejadas? Para Deleuze e Guattari (2010[1972]) para que aconteça uma rebelião dos fluxos é necessário que a própria usina de produção desejante se desembarace do familialismo, de modo que ele não pare seus processos ou, mecanicamente, os façam girar no vazio.

Nessas condições, acompanha-se a contaminação do familialismo que se derrama por outras esferas, encharcando os temores dos maridos a respeito de sua capacidade e condição de “bancar” a relação. Com isso, é comum que outras tensões da relação também sejam atingidas e manifestem-se como conflituosas, entre elas, o modo como alguns maridos lidam com o trabalho sexual de suas esposas.

É importante contextualizar que dos sete (07) maridos entrevistados, apenas dois (02) mencionaram que suas companheiras exerciam ou já exerceram o trabalho sexual. E é farejando as formações enunciativas a partir desses territórios existenciais singulares que traço essa análise.

Pelos caminhos traçados por essas entrevistas compreende-se que assumir a relação com uma esposa travesti ou trans, tal como tem sido discutido e elaborado nesta tese, potencializa uma série de discursos, normas e produção de saberes. São encontros que movimentam uma engenhosa maquinaria de produção de desejo e afetos e a formação de territórios virtuais, como a composição do espaço casa e rua, por exemplo.

Nesse espaço há uma partilha de códigos, contratos e negociações, como explicou-me um dos maridos:

*Eu sei que ela faz programa, conheci ela fazendo isso, mas é particular, é pessoal, é financeiro, ela sai por dinheiro. Lá em casa já é outra coisa... É outro... Outro esquema. Mesmo assim eu já tive bastante ciúmes dela,*

*peço que ela nem me conte quem faz programa com ela. Me incomoda ver ela se arrumando pra sair, desde o início. Mas a gente nunca fala disso, acho que ela nem sabe como isso ainda me incomoda, ela fala sempre que é uma coisa profissional. Nunca pedi que ela parasse, mas já passou pela minha cabeça. Mas se eu pedir isso aí, nós vamos passar fome né?! Isso já é o profissional dela, e esse dinheiro é uma renda na nossa casa. Junta o dinheiro dela com o meu e assim a gente paga as contas. Agora eu tô trabalhando, moramos em uma casa encostadinha à mãe dela, mas cada um tem suas contas. Sempre foi assim (Diário de campo, julho de 2015)*

A demarcação das fronteiras entre a rua e a casa na visão dos maridos, cujas esposas se prostituíam era muito importante, porém não diminuía o modo como eram afetados pela situação. Por ser uma realidade que, muitas vezes, favorecia a manutenção financeira do casal foram comuns os relatos em que o marido, mesmo incomodado, não se sentia à vontade para reivindicar que a esposa exercesse outro trabalho.

Nesse contexto, nem sempre a atividade sexual se constituiu como um problema desde o início da relação. Sobre isso, um dos maridos contou-me a respeito da ligação que ele foi percebendo entre a intensidade dos afetos conjugais e o reconhecimento do trabalho sexual como um problema. De acordo com ele, à medida que o casal vai assumindo e estabilizando sua relação conjugal, torna-se mais difícil aceitar o trabalho da esposa, como explicou-me ele:

*Passou mais um tempo, dois, três meses a gente junto eu falei pra ela que tava meio que difícil administrar essa história de programa. Eu falei pra ela: Por mais que seja dessa forma ou dessa forma querendo ou não tu tá lá e tá fazendo isso, isso está acontecendo. Então não adianta eu pensar que é negócio que é dinheiro, que é isso, que é aquilo, que querendo ou não a relação acontece. Então não mintam, não minta dizendo que isso é só um programa. Pode ser sim só um programa,*

*mas que seja só um programa, tá acontecendo. E tudo aquilo que acontece... É que nem eu te dar um tapa de brincadeira e te dar um tapa sério. Resumindo tira tudo é um tapa. Aconteceu. E isso é suficiente para que haja energia, que aconteça. Pra mim o mundo é energia, tudo é energia, então a partir do momento que tu fez por mais que tu não tivesse desejando aquilo, tu tá vibrando naquilo, ou seja aquilo realmente existe não tem como fugir! Então assim oh, se a tua esposa trabalha com o corpo, com programa, com prostituição e tu tem um relacionamento, saiba que pra ti ter uma vida legal isso não pode ser pra sempre. Nunca, jamais (Diário de campo, março de 2015)*

Aos maridos que relataram se sentir incomodados com o trabalho sexual exercido pela esposa, ainda que não houvesse outro meio de sustento financeiro do casal, perguntei quando perceberam que tinham condições de falar sobre isso com suas companheiras:

*Foi aos poucos, eu comecei a lidar e trabalhar com isso e comecei a me sentir autoconfiante, por quê? Por que eu sabia que ela tinha vários relacionamentos, que tinham alguns caras que não gostavam por que ela mudou o perfil dela pra namorando (no Facebook), e ele mandou ela tirar, ela tirou. Os clientes pediram para ela tirar. E isso é chato, tipo o desejo dele era ter ela só pra ele, tanto que se incomodou por que ela colocou que tava namorando. Ela já me convidou para participar de programa, eu já fui ver... Isso depois de um ano que a gente já tava junto. Ela tinha me oferecido antes, mas eu não quis... Eu falei pra ela: Não, vai é rápido, é rápido pronto! Ela levava em torno de trinta minutos, alguns vinte, alguns quarenta minutos... Eu ficava em casa e ela ia e voltava... Eu já levei ela num motel, busquei... Então foi meio chato essa parte!*



*Foi a parte mais difícil, mas hoje isso... Eu tô dizendo isso por quê? Por que se um dia alguém vir a ler, saber e ouvir bem isso que eu tô falando dessa forma... É para ver o quanto a pessoa cresce com isso (Diário de campo, março de 2015)*

Para os maridos, cujas esposas faziam ou já fizeram programas sexuais, o maior temor relatado por eles era a chance de perderem suas esposas para um cliente. O medo de que alguém “bancasse” elas e as assumissem financeiramente foi várias vezes narrado entre os maridos. Diante disso, como uma maneira de desmistificar o trabalho sexual da esposa, e também como uma forma de se certificar sobre como são negociadas as relações com os corpos e desejos de suas esposas, alguns companheiros aceitaram acompanhá-las, para exercerem junto com elas, o programa sexual como relatou um dos entrevistados:

*Já acompanhei ela em programa, de ir junto, participando também. Pra mim foi... É uma coisa ruim que dá na gente! Ver a mulher da gente transando com outro cara lá é foda! Eu ia pra ajudar a fazer também e não era a mesma coisa. Não era legal. Eu fui várias vezes por que se eu fosse o cliente pagava mais. Eu fui por que eu quis, era a necessidade financeira, se não nunca tinha ido. Eu não tinha curiosidade. Agora não preciso mais, ainda bem! Eu não me incomodo em fazer sexo por dinheiro, mas ver ela é... Horrível. Eu nunca tinha feito isso, fui fazer só com a (nome da esposa) que me convidou, não conhecia isso nem como cliente. Putz ver a mulher do cara ali com outro, tá louco! Dá uma coisa horrível na gente! Pooorra... (Diário de campo, julho de 2015)*

Diante dos desgostos, as estratégias lançadas para demonstrarem a suas esposas o modo como se sentiam, foi contada por um dos maridos que cogitou à esposa também se prostituir, porém sozinho. Segundo ele, esse foi o jeito encontrado para que ela entendesse o que realmente ele estava sentido:

*Sabe, eu cresci muito com essa questão, eu tenho hoje uma segurança em mim, uma confiança em mim e no relacionamento através disso. Uma coisa que eu criei... Ela, eu vou falar por ela, não tem isso. Ela mesma me disse que pra ela... Nós já estávamos há uns cinco, seis meses juntos e eu falei pra ela que eu já não tava aguentando tanto assim, tipo isso me mudava e ela disse que via, que notava em mim que eu me sentia mal. E eu falei pra ela: Eu vou ter que fazer também! Nem que seja de vez em quando pra mim me sentir bem, pra minha autoestima. Eu falei pra ela: Por que isso tá me incomodando! E ela me disse que não suportaria. Ela disse que não aguentaria, ela disse: Eu não vou conseguir, eu não vou aguentar! Eu não quero que tu entre nisso! Eu não quero que tu faça parte disso! No fim não aconteceu eu só deixei bem claro pra ela que eu não aguentava mais aquilo. Eu queria só fazer pra me sentir melhor, pra mim não ficar digamos né... Eu só fico com ela, respeito ela, fiel e ela claramente... Eu me sentia que tipo ela tinha o livre arbítrio para o sexo e eu não. Exatamente isso que eu sentia... (Diário de campo, março de 2015)*

O trabalho sexual das mulheres travestis e mulheres trans é ainda uma das principais formas de renumeração, em função de uma série de vulnerabilidades estruturais como a escolaridade, classe, raça, conflitos familiares e históricos de violências (AMARAL, 2012). Entretanto, salienta-se que para além da prostituição como forma de sobrevivência as relações com o desejo e afeto, também podem ser negociadas e estabelecidas no território das negociações sexuais. Cientes disso, os maridos encontram dificuldades em lidar com a ideia de que as esposas se prostituem não apenas por dinheiro, mas também por prazer.

Nesse sentido, é possível examinar sua produção discursiva e analisar o modo como os prazeres fora do relacionamento conjugal, historicamente conferidos como um direito aos homens, se instituem

como desagravos ao relacionamento amoroso, a partir do momento em que o status do marido é ameaçado. Isto é, quando o papel da esposa guardiã do lar com práticas sexuais, estritamente, conjugais é desvirtuado de seu objetivo maior, o casamento monogâmico.

A figura do cliente nesse contexto se constitui como aquele que não só pode assumir a relação conjugal e financeira com sua esposa, mas é também aquele que desestabiliza sua posição de marido. Sobre isso, Foucault (2007[1984], p.132) afirma que “o violador atenta somente contra o corpo da mulher; o sedutor, contra o poder do marido”, e, portanto, talvez esteja nessa tensão, as condições disponíveis para o descontentamento dos maridos com o trabalho sexual da esposa. Além, é claro, dos sentimentos de ciúmes, às vezes, também de posse e das moralidades familialistas incompatíveis com tais condutas de esposa.

Ainda que nenhum marido tenha mencionado querer “tirar” sua esposa da prostituição, é possível visualizar que o caráter salvacionista transita por outros meios e se articula com outras formas de normalização dos prazeres como o discurso facilmente justificável de que suas esposas devem buscar um trabalho “mais fixo”, “mais garantido” do que o sexual. Para finalizar, é importante salientar também o status da esposa no campo do trabalho sexual, tendo em vista que é muitas vezes na prostituição que as travestis e mulheres trans se sentem desejadas e autônomas de seus corpos e prazeres. Por isso, ao casarem e decidirem por abandonar o exercício do trabalho sexual, não é difícil que ouçam de suas amigas: *Ah vai casar é? E largar tudo? Quero ver manter o mesmo padrão de vida!*, em uma referência direta a seu desprestígio no status social e também financeiro.

## 5 PLANO DE MOVIMENTO III: CORAGEM DA VERDADE

---



Flowers – Banksy

### 5.1 ASSUMIR A VIDA COMO ESCÂNDALO DA VERDADE: MASCULINIDADES (AR)RISCADAS E VIRILIDADES DISSIDENTES

*Eu meio que me apaixonei por ela, e isso não foi nenhum conflito. Isso foi super tranquilo, tanto que, quando a gente começou a namorar na época, ela colocou pra mim assim, escreveu: Ah eu sou uma transexual, você sairia comigo de mãos dadas no meio da rua? E eu disse pra ela: Sim! Isso antes da gente se conhecer, por que ela tem meio que... Eu vou dizer pra ti assim, ela meio que se esconde... Ela tem medo da sociedade, tipo ela me protege por isso, mas eu não... Eu saio com ela em qualquer lugar, saio de mão dada, nossa é... Não tô nem aí para que os outros vão falar, ela já tem esse medo, ela tem super medo... Ela me protege de tudo, mas eu digo pra ela: Tu não deve ser assim! Se eu que aceito ela por ser assim, os outros também tem que aceitar, queira ou não é eu que gosto dela, não os outros que gostam dela, é eu que tô com ela não os outros. Aí logo que a gente se conheceu aí a primeira ela sofreu um acidente e bateu uma parte do crânio atrás. Fui até o pronto socorro e ela tava lá e eu encontrei ela na maca com as amigas com a cabeça cortada e tinham cortado o cabelo dela, ela chorava muito por terem cortado o cabelo. Aí, ah eu fiquei ali, dormi ali e peguei na mão dela, aí eu falei: Eu não disse pra ti que iria pegar na tua mão? E todo mundo do hospital ficou olhando, a partir dali aí...*

*Aonde a gente ia... Até ali a gente estava ficando, mas foi ali que a gente começou a ficar seriamente...* (Diário de campo, março de 2015)

O singelo convite para andar de mãos dadas, tão comum entre os casais, é para algumas travestis e mulheres trans a comprovação de um ato de amor, e indo mais além, a declaração de um compromisso. Amor não apenas no sentido do bem querer e da vontade de estar junto, mas de uma afetação entre corpos que possibilita inteligibilidade humana a suas existências.

Neste último plano, no qual cartografo os movimentos da formação de enunciados acerca da coragem dos maridos em assumirem suas companheiras, retomo discussões que compõem esses territórios existenciais e que fizeram desta pesquisa um mapa-tese. Por essas andanças, no relato sobre andar de mãos dadas, é possível situar que enunciados aos quais se referem à inteligibilidade dos laços, às sexualidades sob suspeitas e à patologização dos desejos são convocados e reatualizados novamente quando entra em questão assumir publicamente a relação conjugal.

Essa experiência do assumir implica aos maridos ousar inserir as travestis e mulheres trans no campo dos afetos e, dessa maneira, diz de um modo de escandalizar enunciando seus desejos. Assim, apostando na coragem da verdade dos maridos como um modo de vida, não investi na noção de coragem como sinônimo de heroísmo, bravura ou grandeza, mas sim como uma manifestação *parresiasta*, uma prática histórica e política do dizer-a-verdade sobre si mesmo (FOUCAULT, 2011[1984]).

A *parresía* constitui para Foucault (2011[1984]) uma das técnicas das práticas de si mesmo na Antiguidade. Citada na literatura grega epicúrea, expressa uma qualidade de falar com a liberdade da palavra, se referindo tanto à atitude moral quanto à técnica para transmitir os discursos verdadeiros, representada simbolicamente na figura de Sócrates.

Para explicar melhor a *parresía* e esclarecer que, nos tempos atuais, não é possível mais situar tão claramente o *parresiasta*, como na Antiguidade, e sim em intersecção com outras formas do dizer verdadeiro, Foucault (2011[1984]) lança mão de quatro modalidades de veridicção, isto é, de quatro modos do dizer-a-verdade que ele diferencia como sendo: o profeta, o sábio, o professor e o *parresiasta*.

O profeta seria aquele que diz enigmaticamente sobre a verdade humana; o sábio o que utiliza uma forma simples para dizer sobre a verdade do ser e a ordem das coisas; o professor seria aquele que demonstra a verdade sobre os saberes e, por fim, o *parresiasta*, diferente

dos outros três, é quem diz de modo polêmico a verdade sobre como se encontram os indivíduos e as situações (FOUCAULT, 2011[1984]).

Transitando por essa perspectiva de coragem, verdade e forma de falar sobre si encarnadas no parresiasta, sinalizo algumas pistas que me ajudam a organizar e também apostar nas aproximações entre os enunciados dos maridos e os dizer da parresia.

A primeira pista é de que, ao assumir suas esposas, os maridos denunciam a instabilidade das moralidades e a precariedade da fixidez das categorias. Para demonstrar isso, utilizo a resposta dada por um dos maridos quando perguntei: “Mesmo estando bastante envolvido, quando tu percebeste que ela era trans e, em algum momento, teve vontade de terminar o relacionamento?”, respondeu-me ele após um breve silêncio:

*Naaaão!!! Não, nem cogitou-se essa possibilidade. Então, eu... O que me... O que... Eu... Pensei em discutir e refletir muito sobre... Foi: Tá, qual vai ser o meu relacionamento com isso? Com o pênis dela, que eu não fazia ideia. E isso que eu questionei muito se sim ou se não, o quê que é quê que não é se vai ficar ali, se eu vou ser sempre ativo... por que só isso que sempre eu me questionei. Quer dizer, me questionei até me estabilizar digamos assim, mas nada mais. Ela já era certo, eu me apaixonei por ela e não pelo corpo dela. Por ela não foi só uma complementariedade, tipo A mais B, parece que é muito mais. Como eu não fazia ideia que existia esse muito mais e, eu descobri que havia esse muito mais então eu... Me apaixonei (Diário de campo, setembro de 2014)*

A segunda pista é que os maridos, ao enunciarem seus desejos, colocam em evidência os riscos, não apenas tomando a palavra arriscada como forma de resistência à captura psiquiatrizante de desejos, inventando outras formas de classificar sua orientação sexual, ou ainda, expondo que há muitas formas de se experimentar a sexualidade a partir do afeto e de se posicionarem como sujeitos, independentemente das relações que estabelecem com o sexo assignado as suas esposas. Por essa pista, o risco implica assumir o perigo e fazer dele sua própria condição de existência.

Sobre isso, perguntei aos maridos: “Como foi assumir para si mesmo que estava apaixonado por uma travesti ou mulher trans?”:

*Foi a parte feliz, né? Foi uma liberação. Foi um alívio. Quando eu finalmente não me bloqueei, né?! Como o pessoal fala, mas desculpe o palavrão, era “tocar o foda-se!” Risos. Não teve... Foi mais internamente do que externamente. Internamente foi difícil aceitar e não ligar para o que as pessoas acham, esquecer isso... E hoje eu me esqueço totalmente... Não sei, esqueço totalmente os outros... Ela fala toda hora de questões dela, né?! De... Na rua toda hora alguém tá encarando, tá fazendo cara feia, eu como não enxergo, pra mim tá beleza... Risos. Eu não ligo pra nada... Risos. Desde que eu entendi do que eu gostava sempre as coisas foram ficando mais tranquilas para mim. Foi necessário um choque! É... Não foi fácil não! Não sei o que foi necessário... Mas sei que foi um choque mesmo... Igual uma pessoa que quase morre e volta e vê que não pode perder tempo. É igual. (Diário de campo, março de 2015)*

Nesse relato, dizer a verdade traz consigo a principal especificidade do parresiasista, na qual não está em apenas dizer a verdade, mas assumir o risco de dizê-la. Mesmo diante dos riscos que obstruem os desejos ao perpassar as condições de vida e legitimidade dos maridos, como suas inquietações, dúvidas, medos, dificuldades com a família e com o trabalho exercido pela esposa, a capacidade de assumir tais riscos também diz respeito às condições que os possibilitam fazer isso. Pois, não serem “marcados” no corpo e no gênero os protegem, ainda que não assegure os riscos diante da transfobia, da negação de acesso a direitos e do apagamento de suas existências como humanas, tal como os riscos, a norma e as violências que atravessam a vida de suas esposas. É o que Larissa Pelúcio (2009) chamou de a “invisibilidade dos normalizados” para se referir aos companheiros que não são alvos diretos das tecnologias de poder e destruição das vidas, mas cujos afetos e desejos podem ser igualmente caçados pela cisheteronorma.

A terceira pista é de que os maridos que assumem a experiência da conjugalidade com as travestis e pessoas trans provocam fissuras na rigidez das masculinidades e exibem a ficção de seus roteiros.

Com essa pista, perguntei aos maridos as dificuldades e o que perceberam fazendo por essa relação que nunca se imaginaram fazendo antes:

*Olha, desde que fui morar com ela eu fiz cinquenta e seis vezes as malas, fui embora e voltei. Isso num espaço de três anos. Hoje em dia não andamos assim... Ahmm... O que é que faz com que eu esteja com ela primeiro de tudo é o amor, segundo as qualidades dela e terceiro há um clique, uma atração, uma química. Olha, Marília, eu tinha outros caminhos mais fáceis, e não optei por eles... Eu vou dizer o porquê... Porque... Considero ela mais e melhor, ainda estou e sinto-me apaixonado por ela... Espero um fim disso tudo, talvez a última das cirurgias seja um grande avanço pra que dentro dela ela se conscientize e ganhe uma maior confiança em nós, nela, na nossa relação, no trabalho, em tudo. Com ela me vi companheiro em muito mais coisas, muito, nós dois juntos partimos para a mesma coisa, se fosse para ir fazer cirurgia na Tailândia, já tínhamos contato na Tailândia, internet, hormônios importados e... Fazemos muito isso. Quando me dou conta ao lado dela estou num site vendo uns vestidinhos baratos e uns vestidinhos bonitos, procurando promoções e comprando, empolgado com a situação e em vê-la animada (Diário de campo, novembro de 2014)*

Na quarta pista entendo que os maridos, ao enunciarem publicamente seus desejos, relações e afetos expõem a fragilidade da virilidade, pois desmontam as equações construídas sobre o que é ser homem e esvaziam as normas que legitimam os modos pelos quais devem viver e performatizar seu gênero.



Sobre essa pista, perguntei como foi e tem sido assumir publicamente suas relações:

*Ela tinha um certo... Uma certa vergonha de sair comigo, que nem eu falava: Ah eu tenho que ir lá num banco hoje que eu tenho que ir lá pedir um cartão para isso e para aquilo que ainda não veio. E ela: Ai eu não vou lá! E eu sempre disse: Vai comigo sim! Pergunto como ele entendia essa vergonha dela. Ela sempre teve, ela achava ruim, tipo: Ai, vai entrar uma travesti dentro do banco?! E ela sempre teve isso. E até hoje ela tem um pouco, bem pouquinho... Hoje ela já não tá nem aí, mas ela fica sentindo que tão olhando, sendo que ela dá bola. É aquilo que eu disse no momento que tu deu bola, aquilo te tocou, agora no momento que isso não te preocupa, fica só para quem pensou. E ela ainda é assim e eu sempre levei ela e todo mundo ficava impressionado por que eu por exemplo nunca tive receio de nada, eu que pegava ela pela mão e: Vem vamô! Eu que era pra ter um certo medo né, de aparecer, não tinha e nunca tive. [...] Na verdade, a gente nunca deixou com que alguém tivesse essa liberdade de nos proibir de algo. Alguém que tipo achasse que poderia nos travar, nos limitar ou de qualquer formar tornar dificultoso nosso relacionamento por alguma ideia, algum pensamento, não. Eu acho que um dos principais motivos que a gente... Que eu tive facilidade foi pra entender o que eu queria, o que a gente queria juntos e o que os outros pensassem, e o que os outros pensam (Diário de campo, março de 2015)*

Nesse contexto, a valorização da virilidade do marido não está em sua performance de gênero ou em sua reprodução de uma forma de ser masculino. Para as esposas, a virilidade está na coragem de amá-las, mas não só na coragem de assumir publicamente as relações, mesmo

que elas ainda sintam muito receio, por se constituírem vulnerabilizadas pelas violências.

Na quinta pista, infiro que os homens, ao “narrarem-se” como marido de uma travesti ou mulher trans, compartilham uma ética da vulnerabilidade, da humildade e da responsabilidade. Uma forma de narratividade necessária para relatar sobre si mesmo, que diz respeito ao modo de se transformar na experiência, expor suas falhas e suas incompletudes.

No que se refere a sua própria narrativa como um homem trans que estava assumindo o relacionamento com uma mulher trans, perguntei como foi falar sobre si a partir desse lugar, ou seja, com um namorado:

*Faz dez meses que eu assumi que eu sou transexual. E nesse meio que eu assumi, eu conheci ela e eu me apaixonei. Então ela foi meu porto seguro entendeu?! Então tipo tudo que eu tô fazendo de lá prá cá é pensando em mim e pensando nela. Então quando eu me apaixonei por ela, eu falei: Pronto! Eu vou... Assumir de vez! Aí foi onde eu apareci na televisão, onde eu dei uma entrevista falando sobre relacionamentos tipo o nosso e botei no meu Facebook, botei ela no meu Facebook, sabe?! E... Quando eu fui para a televisão com ela, eu dei a hora, o local certinho pra toda a minha família, por que eu não falei pra eles que eu tava namorando uma trans entendeu?! Já passava uns dias que eu tava com ela e eu queria falar e eu não conseguia e eu falei: Não, eu vou usar essa parte da televisão que eles vão ver certinho e pronto! Depois do choque eu encaro de boa entendeu?! Eles têm que ver, dessa forma! Por que se eu chegar e falar entendeu, eles não... (Diário de campo, março de 2015)*

E por fim, minha última pista é de que os maridos assumem um modo corajosamente político de verdade sobre si. Político, por ousarem enunciar o escândalo de seus desejos, ainda que diante da invisibilidade de seus laços e da marginalidade de seus afetos, e também ético por negociarem com as tecnologias de poder, resistirem à patologização de

seus desejos e, ao mesmo tempo, desejarem a própria norma. Tal como mencionou um dos entrevistados, há um modo de transformação de si e dos outros a partir da experiência do “assumir”:

*E quanto aos homens (maridos) parece que é uma cadeia de assumir né, começa lá de dentro, aceitando pra si... Outro dia raia o sol e você continua... É muito complexo também, é complexo ser trans, é complexo, né... Ser um homem que gosta de uma trans... Tudo... No fim o sol raia e tudo continua sendo praticamente normal. A vida continua e na verdade tudo é muito mais tranquilo e natural do que eu imaginava que seria... Pelo menos eu enxergo assim... Tirando esses percalços... Sempre se vai ter essa imagem... Da imagem que as pessoas têm de gente como nós... Tirando isso aí assim, eu acho que é bem natural (Diário de campo, março de 2015)*

Finalizo esse plano dos movimentos, talvez lançando mais uma pista: a de que os maridos não só compartilharam da mesma experiência de assumir pela primeira vez suas relações conjugais com uma esposa travesti ou trans, como também todos eles mencionaram nunca terem falado sobre suas histórias a ninguém. Por esse motivo, todos pediram que a tese fosse disponibilizada a eles para que lessem e conhecessem a partir dali outros homens, pois também gostariam de saber o que outros maridos pensam, ou até mesmo, ajudá-los se estão em dúvida ou conflito. Com isso, talvez seja possível afirmar que a coragem do dizer também se reinventa pela potência política dos encontros com outros corpos, outros mundos, outros agenciamentos.

## 6 P(R)ONTO (A)FINAL

---

*É sempre mais difícil ancorar um navio no espaço*

*Ana Cristina César – Recuperação da adolescência (1979)*

Foi embrenhando-me por vielas com pouca luminosidade que percorri os caminhos que compuseram este mapa-tese. Guiada pelos movimentos e pela circulação ilimitada do desejo, cartografei territórios existenciais e acompanhei a formação dos enunciados possíveis de serem ditos no encontro e na potência dos afetos.

Lançar luzes a esses caminhos e às formas desejantes que abrem sulcos a cada nova conexão não foi, necessariamente, fácil. Mas me possibilitou ampliar meu olhar e libertar meus voos para observar o próprio movimento e não onde pretendem, se é que assim objetivam, chegar.

Nesse sentido, experimentei com os maridos modos de dizer sobre si que não carecem de sentido ou representação, mas que acontecem. Portanto, perguntar como são os maridos das travestis e mulheres trans, quem são, o que fazem e o que desejam são questionamentos, potencialmente, fadados ao fracasso. Sim, eles têm histórias, coisas a dizer e desejos a compartilhar, entretanto, construir uma realidade sobre eles não foi o objetivo desta tese.

Ao sair em deriva *atrás do marido das outras*, persegui os movimentos dos fluxos e, com eles, experimentei a produção de um saber sobre si. Entendi com os maridos que as crises, as angústias e os desassossegos são comuns entre os homens que se veem apaixonados por mulheres, cujas normas de gênero não conseguiram “naturalmente” capturar. Também pude perceber que a patologização de seus desejos são formas de tentar esvaziar a produção de subjetividade, de afeto e de sexualidades. E por último, pude conjecturar que a orientação sexual dos maridos não se dá pelo sexo assignado a suas esposas ou de acordo com o modo como se relacionam com o corpo delas. A orientação do desejo desses maridos se cria e se inventa pelo modo como eles reconhecem a performance de gênero de suas companheiras ou até mesmo na própria desistência das definições.

Nos movimentos acompanhados no campo dos afetos, o discurso do amor romântico é uma estratégia acionada para possibilitar a legitimidade das conjugalidades e sustentar a invisibilidade de seus afetos. Ainda nesse território, o familialismo tem sobre os maridos a capacidade de moralizar, disciplinar e contaminar suas condutas e desvios. Quanto ao trabalho sexual das esposas, os maridos, mesmo que descontentes, buscam uma maneira de negociar ou se desconstruir a partir disso.

E, por fim, nos movimentos agenciados pela coragem, os homens fazem de suas relações uma postura de vida, um modo ético e político de dizer a verdade sobre si a partir do desejo por suas esposas.

Sendo assim, sou convocada a *desconjugar o verbo maridar* por investir na ideia de que os maridos das mulheres travestis e trans tensionam os significados possíveis e as vivências impensáveis da categoria marido. Pois, se a intenção das tecnologias de poder são homogeneizar, categorizar e definir a ação dos/nos corpos, os maridos exprimem, por conjugações diversas, que não é possível generalizá-los em suas experiências. Maridar, mais do que um estado, parece ser uma forma de narrar-se e, no caso dos homens que assumem relacionamentos com as travestis e mulheres trans, pode ser lido como um modo de vida que existe e resiste ao risco. Por meio de um dizer verdadeiro sobre si os maridos expõem escandalosamente seus desejos, reinventando suas vidas e produzindo estéticas outras de existência.

Para finalizar, o desejo e o afeto não são sentimentos que possibilitam a esses maridos assumirem suas esposas, esses são agenciamentos que se produzem no próprio encontro. Nesse sentido, mais do que amor e vontade, é preciso engajamento político, e, portanto, uma coragem da verdade para romper com binarismos de gêneros, com os contágios da família nuclear burguesa e o domínio moral das relações procriadoras.

A coragem da verdade dos maridos não os torna subversivos e homens cuja experiência conjugal rompe com a cisheteronorma. Pelo contrário, os maridos que assumem suas esposas já são por si só dissidentes, pelo dizer escandaloso do afeto e do desejo. São homens desviantes pelo simples fato de existirem e enunciarem uma postura de vida ética e política. O que não significa dizer, portanto, que suas relações são transgressoras, e assim desejam ser, uma vez que o reconhecimento de seus afetos e a legitimidade de seus laços amorosos por si só já urgem como políticas de existência e também de resistência.

## REFERÊNCIAS<sup>61</sup>

---

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana de (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p.131-149.

AMARAL, Marília dos Santos. **De Madame à Satã: as subjetividades retratadas na construção do corpo travesti**. 2008. 80 f. Trabalho Final de Graduação (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2008.

AMARAL, Marília dos Santos. **Essa Boneca tem Manual: práticas de si, discursos e legitimidades na experiência de travestis iniciantes**. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

AMARAL, Marília dos Santos; TONELI, Maria Juracy. Sobre travestilidades e políticas públicas: como se produzem os sujeitos da vulnerabilidade. In: NARDI, Henrique; SILVEIRA, Raquel; MACHADO, Paula (Orgs.). **Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 32-48.

AMARAL, Marília dos Santos; CRUZ, Karla de Oliveira; SILVA, Talita Caetano; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 301-311, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV**. Tradução de Cláudia Dornelles. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

---

<sup>61</sup> Todas as obras referenciadas nesta seção seguem a ordem alfabética dos sobrenomes, entretanto as obras que apresentam o ano de publicação original, também respeitam a ordem das datas entre colchetes.

- BARBOSA, Bruno. **Nomes e diferenças**: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BARROS, Laura; KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana de (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 52-75.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V1 e V2. [1949]. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENEDETTI, Marcos. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, 2012.
- BERLANT, Laurent; WARNER, Michael. Sexo en publico. In: JIMÉNEZ, Rafael (Ed.). **Sexualidades transgresoras**: una antología de los estudios queer. Barcelona: Içaria, 2002, p. 229-257.
- BLANCHARD, Ray; COLLINS, Peter. Men with sexual interest in transvestites, transsexuals, and shemales. **Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 181, n. 9, p. 570-575, 1993.
- BLANCHETTE, Thaddeus. “Fariseus” e “gringos bons”: masculinidade e turismo sexual em Copacabana. In: PISCITELLI, Adriana; OLIVAR, José Miguel Nieto; ASSIS, Glauca de Oliveira (Orgs.). **Gênero, sexo, afetos e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011, p.57-102.
- BONASSI, Bruna; AMARAL, Marília; TONELI, Maria Juracy; QUEIROZ, Mariana. Vulnerabilidades mapeadas, Violências

localizadas: experiências de pessoas travestis e transexuais no Brasil.

**Quaderns de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 83-98, 2015.

BORGES, Manuela; ORDACGI, Lúdia; GARCIA, Rafael; NAZAR, Bruno; FONTENELLE, Leonardo. Transtornos parafílicos em pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo: série de casos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 56, n. 3, p. 219-223, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Institui, no âmbito do SUS, o Processo Transexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Portaria n. 1.707, de 18 de agosto de 2008. **Lex: Diário Oficial da União, Brasília**, p. 43, 19 de agosto de 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Redefine e amplia o processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Portaria n. 2.803, de 19 de novembro de 2013. **Lex: Diário Oficial da União, Brasília**, p. 25-30, 21 de novembro de 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. [1990]. Tradução de Renato Aguiar. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. [1993]. 2.ed. Buenos Aires: Paidós, 2010.

BUTLER, Judith. Interrogando el mundo – Entrevista à Juan Vicente Aliaga. **Revista Exit Book**, n. 9, Edición Feminismo y Arte de Género, p. 54-61, 2008.

BUTLER, Judith; GUILLORY, John; THOMAS, Kendall. **What’s left of theory?** New York on the politics of literary theory. Londres: Routledge, 2000.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. Para que Serve uma Subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 03, p. 343-349, 2005.



CARDOZO, Fernanda. Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (Orgs.). **Conjugalidades, Parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Florianópolis: Garamond, 2007.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CHAUI, Marilena. Laços do Desejo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O desejo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006, p. 19-66.

CHAUI, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COSTA, Luis Artur; ANGELI, Andréa; FONSECA, Tania Galli. Cartografar. In: FONSECA, Tania Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 45-47.

DE TÍLIO, Rafael. Teorias de Gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Gênero**, v. 14, n. 2, p. 125-148, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. [1953]. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001.

DELEUZE, Gilles. Cinco proposições sobre a psicanálise. [1973]. Tradução de Daniel Lins. In: DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta e outros textos**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004, p. 199-216.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. [1987]. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. [1990]. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia I. [1972]. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. [1980]. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. [1977]. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética**. [1677]. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FERNANDÉZ-FERNANDÉZ, Daniel. La patologización del deseo: apuntes críticos en torno a la coerción de la identidad y del placer. **Psicología Política**, v. 12, n. 24, p. 195-210, 2012.

FREIRE-COSTA, Jurandir. **Sem fraude Nem favor**: estudos sobre o amor romântico. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. [1969]. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. [1970]. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. [1976]. In: FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 285-315.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault – Entrevista com Duccio Trombadori. [1978]. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e Escritos VI**: repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 289-347.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. [1982]. Entrevista à Bob Gallagher e Alexander

Wilson. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. **Revista verve**, n. 5, 2004, p. 260-277.

FOUCAULT, Michel. Sujeito e Poder. [1982]. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault – Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 273-295.

FOUCAULT, Michel. Entrevista à Hubert Dreyfus e Paul Rabinow. [1983]. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault – Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 296-327.

FOUCAULT, Michel. Foucault. [1984]. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e Escritos V: ética, sexualidade e política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 234-239.

FOUCAULT, Michel. Uma Estética da Existência. [1984]. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e Escritos V: ética, sexualidade e política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, p. 288-293.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. [1984]. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 12.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. [1984]. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. [1985]. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 9.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. [1988]. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 18.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. [1979]. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2012, p. 69-78.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos – Volume IV**. [1900]. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GARCIA, Marcos. **Dragões: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda**. 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GALLI, Rafael. **Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo**. 2013. 212 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GUATTARI, Félix. As esquizoanálises. [1987]. Tradução de Nedelka Solís Palma e Eder Amaral e Silva. **Revista Ensaios**, n.1, v.1, p. 01-21, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Subjetividade e História. In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 33-148.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito – Parte I**. [1807]. Tradução de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Máisa; WHITE, Evelyn (Orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000.

JESUS, Jaqueline. Feminismo e Identidade de Gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. In: SEMINÁRIO

INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2013, Florianópolis.  
**Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013.

KASTRUP, Virgínia. Inventar. In: FONSECA, Tania Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 141-143.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana de (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014, p.32-51.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana de (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014, p.76-91.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. [1998]. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: o corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAZZAROTTO, Gislei. Experimentar. In: FONSECA, Tania Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 101-103.

LEITE JUNIOR, Jorge. **“Nossos Corpos Também Mudam”**: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. 2008. 230 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEWINS, Frank. Explaining stable partnerships among FTMs and MTFs: a significant difference? **Journal of Sociology**, v. 38, n. 1, p. 76-88, 2002.

LIB, Fred. **Aurélia**: a dicionária da língua afiada. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

LOMANDO, Eduardo. **Processos, desafios, tensões e criatividade nas conjugalidades de homens e mulheres transexuais**. 2014. 136 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LOMANDO, Eduardo; NARDI, Henrique. Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social. **Saúde em Debate**, v. 37, n. 98, p. 493-503, jul./set., 2013.

LOURO, Guacira. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MANSANO, Sonia. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16, 2007, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: Unicamp, 2007.

MONEY, John; LAMACZ, Malgorzata. Gynemimeses and gynemimetophilia: individual and cross-cultural manifestations of a gender-coping strategy hitherto unnamed. **Comprehensive Psychiatry**, v. 25, n. 4, p. 392-403, 1984.

MÜLLER, Magnor Ido. **“Lá em casa a gente conversa!”**: pedagogias da conjugalidade entre travestis e seus maridos. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MÜLLER, Magnor Ido; SEFFNER, Fernando. Quem ama sofre, quem sofre luta, quem luta vence: da conjugalidade entre travestis e seus maridos. **Soc. e Cult.**, v. 15, n. 2, p. 285-295, jul./dez., 2012.

NOGUEIRA, Oliveira. A Teoria da Interseccionalidade nos estudos de gênero e sexualidades: condições de produção de “novas possibilidades” no projeto de uma psicologia feminista crítica. In: BRIZOLA, Ana Lídia; ZANELLA, Andrea; GESSER, Marivete (Orgs.). **Práticas sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos**. Florianópolis: ABRAPSO, NUPPe / CFH / UFSC, 2013, p. 227-248.

OLIVEIRA, João Manuel de. Orientação Sexual e Identidade de Gênero na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In: NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de (Orgs.). **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Gênero, 2010, p. 19-44.

ORNAT, Marcio Jose. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR**. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana de (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p.17-31.

PATRÍCIO, Maria Cecília. **No Truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras**. 2008. 260 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

PELÚCIO, Larissa. Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos *T-lovers*: a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com Travestis. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 12, 2005, Belo Horizonte, MG. **Anais eletrônicos...** 2005.

PELÚCIO, Larissa. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 2, p. 522-534, 2006.

PELÚCIO, Larissa. "Mulheres com Algo Mais" – corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti. **Revista Versões**, v. 03, p. 77-93, 2007.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**. [1987]. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo. 2008.

PISCITELLI, Adriana. Exploração Sexual, Trabalho Sexual: noções e limites. In: Seminário Corpos, sexualidades e feminilidades, 2012, Rio de Janeiro. **Comunicação na Mesa - Prostituição**: os corpos como mercadoria ou a sexualidade como atividade econômica? Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

POCAHY, Fernando. **Entre vapores e dublagens**: dissidência homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. 2011. 167 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

POCAHY, Fernando. “Vem meu menino, deixa eu causar inveja”: ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. **Sexualidade, Salud y Sociedad**, n. 11, p. 122-154, 2012.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. [1980]. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. **Bagoas**, n. 05, v. 04, p. 17-44, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2011.

RUBIN, Gayle. "Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade". [1984]. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 01-88, 2003.



SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autentica, 2015.

SANTOS, Daniel Kerry. **Homens no Mercado do Sexo: fluxos, territórios e subjetivações**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. [1986]. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCOTT, Joan. “Experiência”: tornando-se visível. Tradução de Ana Cecília Adoli Lima. In: SILVA, Alcione; LAGO, Mara; RAMOS, Tânia (Orgs.). **Falas de Gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p. 21-55.

SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário [1993]. Tradução de Plínio Dentzien. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVA, Hélio. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SOARES, Milene. **Homens parceiros de transexuais: diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais**. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TEDESCO, Silvia; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal**, v. 25, n. 2, p. 299-322, 2013.

TEIXEIRA, Flavia. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição. **Cadernos Pagu**, n. 31, p.275-308, 2008.

TEIXEIRA, Flavia. **Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade**. 2009. 243 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TEIXEIRA, Flavia. Juízo e Sorte: enredando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório as travestis brasileiras para a Itália. In: PISCITELLI, Adriana; OLIVAR, José Miguel Nieto; ASSIS, Glauca de Oliveira (Orgs.). **Gênero, sexo, afetos e dinheiro:** mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011, p. 225-262.

TONELI, Maria Juracy; BECKER, Simone. A violência normativa e os processos de subjetivação: contribuições para o debate a partir de Judith Butler. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9, 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2010.

VERDE, Jole; GRAZIOTTIN, Alessandra. **O enigma da identidade:** o transexualismo. Tradução Sérgio Schirato. São Paulo: Paulus, 1997.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 35-82.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** [1953]. 8.ed. Tradução de Marcos Montagnoli, Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

## REFERÊNCIAS DAS IMAGENS E VÍDEOS

ARAÚJO, Maria Clara. **Quem namora a travesti?** Canal das Bee, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZObjtJao5Fo>>. Acesso em 01 mai. 2016.

BARROS, Martha. **Inventando como as pedrinhas.** 2011. Acervo. Color, 114cm x 69cm. Disponível em: <<http://www.marthabarros.com.br>>. Acesso em 09 jun. 2016.

BOMBADEIRA. Direção e Argumento de Luis Carlos de Alencar. Salvador: Singrea Produções, 2007. 76 min, sonoro, colorido, legendado, dublado, português e inglês. Patrocínio: Petrobras e Ministério da Cultura. Disponível em: <<https://vimeo.com/6653323>>. Acesso em 05 ago. 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. **Despatologização das Identidades Travestis e Trans.** Disponível em: <<http://despatologizacao.cfp.org.br/>>. Acesso em 29 jan. 2016.

DALÍ, Salvador. **O Nascimento dos Desejos Líquidos.** 1932. Museum Guggenheim New York, United States. Color, óleo e colagem sobre tela, 96cm x 122,3cm.

FANTÁSTICO, Programa – Rede Globo. **Entrevista com Ronaldo Nazário.** Abril de 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PCx5LvE7gZo>>. Acesso em 10 set. 2014.

WITKIN, Joel-Peter. **Gods of Earth and Heaven.** 1988. Los Angeles. Black and White, Fotografia.

#### **REFERÊNCIAS DOS BLOGS, POESIAS, CANÇÕES & OUTRAS ESCRITAS DE RESISTÊNCIA**

ALCIONE. **Sufoco.** In: Alerta Geral. São Paulo: Philips, 1978. 1 disco (4min02): estéreo.

ANDRADE, Daniela. **Quem tem medo do termo ‘cis’?** Blog Blogueiras Feministas, 30 abr. 2014. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/04/quem-tem-medo-do-termo-cis/>>. Acesso em 01 mai. 2016.

ARAÚJO, Maria Clara. **Solidão da mulher trans negra.** Blog Blogueiras Negras, 16 jul. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/07/16/solidao-da-mulher-trans-negra/>>. Acesso em 23 mar. 2016.

ARAÚJO, Maria Clara. **Por que os homens não estão amando as mulheres trans?** Blog Blogueiras Negras, 17 out. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/10/17/por-que-os-homens-nao-estao-amando-as-mulheres-trans-2/>>. Acesso em 08 abr. 2016.

BARROS, Manoel. **O livro das Ignorâncias.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

BUARQUE, Chico. **O Que Será – À Flor da Pele**. In: NASCIMENTO, Milton. Geraes. São Paulo: EMI, 1976. 1 disco (4min10): estéreo. 12.973.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Rimas**. [1595]. Prefácio, seleção e notas de Alvaro Julio da Costa Pimpão. Lisboa: Liv. Classica Ed., 1943.

CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. [1979]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.